

DO CADERNO H —

Mario
Quintana

CADERNO H

seus foi a impressão de
LOS OFANÇAS...

Herdeiro da filosofia
ista nenhuma. E
drez consigo mes

ALFAGUARA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DO CADERNO H —

Mario Quintana

CADERNO H

seus *do* a impressão d
LOSOFANÇAS...

Herdeiro da filosofia fi
ista monbucma. El
drez consigo mes

ALFAGUARA



QUINTANA

ulho de 1906). Cavalo, no

ca sou

, pois

udo a m

ror. Ta

ar os v

Mario Quintana

CADERNO H

ALFAGUARA


Todos os direitos desta edição reservados à editora objetiva ltda.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Coleção Mario Quintana

Organização

Italo Moriconi

Projeto de capa

Mariana Newlands

Imagem de capa

Liane Neves

Manuscritos de capa e miolo

Acervo Mario Quintana/Acervo Instituto Moreira Salles

Revisão

Fatima Fadel

Lilia Zanetti

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Geográfica



cip-brasil. catalogação na fonte
(sindicato nacional dos editores de livros, rj, brasil)

~~Q67e~~

Quintana, Mario

Caderno H [recurso eletrônico] / Mario Quintana. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
Recuso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7962-195-6 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-8797.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

Sumário

Um bolso de pequenas surpresas

Braulio Tavares

Mastiga-me devagarinho

Delícia

Acidentes

Barulho & progresso

A herança

Incorrigível

Advertência

O mundo do sonho

O mundo de Deus

O relógio

Coisas do tempo

Lógica & linguagem

Simplifiquemos

O que acontece com as crianças

O que acontece com os pais

Cartaz para uma feira do livro

Cuidado!

A grande catástrofe

Nota noturna

Dos extremos

Nota macabra

Esvaziamento

Versículo inédito do Gênesis

O testemunho evangélico

Leituras

Trecho de diário

Paisagística

O pobre do espaço

O poeta e os exegetas
Os sonetos e o Doutor Quejando
O pior
Parábola?
Noturno
Quando me perguntam
Interior
Libertação
Trecho de carta
Indecência
Caminho da fonte
Primitivismo
Preciosismo?
Os refinados
A amiga
Limites da conversação
Notícias de Bizâncio
As ilusões de Luciano
Do impossível convívio
De como a história se repete
Mas seja lá como for
Frustração
A esfinge
O dragão
Ela
Página de história
Seu verdadeiro crime
Fatalidade
Camuflagem
Ser e não ser
A escrita
Na solidão da noite
A mestra e os alunos
Pequena tragédia brasileira
Refinamentos
Ah!
Ópera
Natureza morta
Natureza viva
Exame de consciência
Segredo da eternidade

*Dos livros
Das escolas
Tenho pena da morte
Mas tudo é novo debaixo do sol!
Da alma
Teoria do esquecimento
Preguiça
Tic-tac
Parênteses
O amigo
A borboleta
Diálogo inútil
Diálogo crítico
A diferença
Triste reflexão para mães solteiras
Distância
Da infinita solidão
Cântico dos cânticos
Verso avulso
O autor invisível
Ars longa
Contradições?
Placas
Essa não!
Diálogo de bar
Das frases históricas
O anti-Hamlet
Mágica divina
Poesia & lenço
O chalé da praça Quinze
Dona Glorinha no circo
“A poesia é necessária”
Nabucodonosor
Oito e meio
E quando se aproximou a hora
Mas que belo título
Pequenos contos da cidade pequena
Poeminha do contra
Da incompreensão
Eles
O ópio*

Dos antigos
Verso perdido
Recato
Pergunta inocente
Os dançarinos do arame
Shakespeare
Da irresistível beleza
Luz por dentro
Depois de ler
O imagista
Imagem
As primaveras
Um epitáfio para Catulo da Paixão Cearense
Os farsantes
Compensações
O assunto
Amizade
Amor
Drácula
Anjo
Dúvida
Fantasma
Guerra
Morte
Pobres
Ricos
Frases que matam
Criança & cachorro
A carta
Coisas incríveis no céu e na terra
O mesmo assunto
Propriedade
Nota a lápis
O tom e a voz
O culto dos heróis
Parceiras
Ruínas & construções
O jovem Mohammed e os conselhos
O poeta e a menina
A data
Meditação para o dia de Natal

A alma e a geringonça
Veneração
Policiais
Parada km 77
O trágico dilema
Quincas Borba
Carnaval
Pontinha
História do futuro
O preto
Branca de Neve e os tarados
Vida
Supersherlockismo
O concurso
Das escolas poéticas
E o que há de mais triste
Da liberdade criadora
Nobreza
A grande surpresa
Motivo da rosa
Poeminha para os 60 anos de Ovídio Chaves
Epígrafe
Palavras
Mendigos
O homem que não suportava cerimoniais
O preceito e o exemplo
Da relativa igualdade
Ainda a igualdade
O nivelamento final
Deste meu trapiche
Verso avulso
Fatalismo
Diálogo ultrarrápido
Do estilo
Da pontuação
Da preguiça
Dos enredos
Adivinha tirada de um poema
Mapa-múndi
O supremo castigo
Da vida solitária

Das crenças
História do fim do mundo
FC
Primavera scapigliata
Dos grilos
O sapo
Conversa noturna
O menino e o rei
Da beleza clássica
Decadência e esplendor da espécie
Não despertemos o leitor
Alma & forma
Conto de horror
Verão
Outono
As formigas
Ponte
Limitação
Urbanismo
A coisa
Nada perdem por esperar
Antigas e modernas leituras
Das indagações
O sobrevivente
Velhos & moços
Conto azul
Álbum para colorir
A definição
Ressalva
O meio e os meios
Frase ouvida por acaso
Contingências
Bilhete
Sortilégio
Diálogo
Do folclore
A imagem e os espelhos
Destino atroz
Mistérios
A pesca maravilhosa
Imaginação

Equívoco
Os incompreendidos
Venezianas
Educação
Poesia & magia
Texto & pretexto
Do cômico
Nevoeiro
Azar
Pressa & contemplação
Sinal vermelho
Trecho de diário
Coisas perdidas na cama
A fase azul
A transposição
Epígrafe para uma antologia lírica
Acontece que
Semântica
Intrusão
Arte poética
O poema
Contrição
Tic-tac
Só
Reticências
Botânica
Sala de espera
Atividades noturnas
Presente grego
Cine
Mistérios da onomástica
Assunto & desassunto
Equilibrismo
Noturno
Dois de novembro
Documento
A dúvida e a certeza
Busca
Aula de filosofia
Dolorosa interrogação
O último crime da mala

Trecho de entrevista
Família desencontrada
Transferência
Triste consolo
Retoque
Verso avulso
Constelações
Dizia coisas assim
Ameaça
Primazia
Ainda a dublagem
Arte sacra
Fé
Os ruídos da cidade
O cidadão
Um encontro com ele
Ah, vida...
Sinônimos
Galeria
Do estilo
O Juca
Dos crimes passionais
Citação
Deuses estagiários
Cuidado!
?
Projeto de lei
Leitura
Com efeito
As trinta linhas
As mães e as guerras
A voz
O filho morto
A face e o espelho
Cesário Verde
Pensamento para o teu aniversário
O muro
Os necrológicos
O prato de lentilhas
Hein?
O problema eterno

O mundo misterioso
Mágica & mistério
Do nome
Da dúvida
Dos leitores
Dos grilos
Das respostas
Da recordação
Trecho de carta
Talvez
Coisas numeradas de um a trinta e cinco
Esta nossa mania
Resposta
Canibalismo
Meditação
Otimismo
Paul Geraldy
Picasso
Tempo
Nem tanto ao céu nem tanto à terra
Da teologia
Como vai a poesia?
Máquina de escrever
Da modéstia
Biografia
Poesia & interjeição
O velho e o acaso
Leituras
Nome & notícia
A ilegível mensagem
Dito em voz baixa
Em voz mais alta
Luz de vela
Nós os estelares
Do trabalho
Ideias
Das civilizações
Preferências
Teatro lírico
Noturno
O encontro

Confusão
Dos tipos humanos
Remissão
Mehr licht
Da riqueza de estilo
Apontamento para um poema
Frêmito
Complicação
Trecho de entrevista
Véspera de tempestade
Conto azul
Da crítica
Da indiferença
Arte & mensagem
What is a name?
Das pulgas
Apenas...
Da saudade
Nostalgia
Oh, vida!
O viajante às avessas
Para uma história da filosofia
Elegia em cinza
Achados & perdidos
Do respeito humano
Pausa
Sonho
Cenas
Da alma
Verão
Do manual do perfeito cavalheiro
Método de trabalho
Vida
Cá entre nós
A chata
Mecânica das descobertas
Ortografia
Sinônimos?
Elogio do quê
FC
A hora

O dificultoso
História natural
Uni-verso
Para que serve um cachorro?
Rumo
Do ridículo
Espantos
Um pouco de geometria
E daí?
Desnaturalização
Terapias
Leitura
Me lembro
Pausa
Durante e depois
Imagem
Verso avulso
A estranha verdade
Modas
Da arte de recordar
Uma interrogação moderna
Ainda e sempre
O doce convívio
O gosto do dia
A moda eterna
Azar
Satiricon
Da relativa realização
Felizes
Cuidado!
Caso clínico
A grande estrela
Recalque
A geração fatal
Acidente de trânsito
Evolução
Pergunta inocente
Luz própria
Tempo perdido
O aventureiro
Tão fácil

Uma arte perdida
Cumplicidade
O especialista
Precaução
Fim
Copélias
Da perfeição
O problema
Da arte de fazer visitas
Mundo
Inventos
Oratória
Mundo
Verso apócrifo
Lavoisier
Malherbe
E por falar em citações
Mal comparando
O nariz coletivo
Teste
A vendedora de violetas
“A vida é um sonho”
Prosa
Das rimas ricas
Natureza
Um pé depois do outro
O humilde tesouro
O sobrevivente
Aproximações
Que será de mim?
Impressionador assunto para um desenho-poema
O herói e a bailarina
Compensação
A grave cerimônia
Premissas
O tempo e a vida
Cartaz para turistas
O crime não compensa
E por falar em compensação
Da difícil facilidade
Revelação

O grande segredo
Urbanística
Aliás
Sangue e areia
Serviço a domicílio
Notas da cidade
Estranha curiosidade
Não olhe para a objetiva
Realidade
Dos cadernos de Drácula
O berço e o terremoto
O diabo e a criança
Uma expressão antiga
O Benson
Autobiografia mágica
De um historiador do século CXXXIII
Do ideal
Explicação parcial
Da saudosa distância
Crônica
Memórias da cidade morta
Final de conferência
Ônibus
Bondes
Os intermediários
Mesura & desmesura
O poema
Causa mortis
Perna de pau
Boas maneiras
O cisne afogado
Assunto para uma tese
Apontamento para um poema
Zoologia
Céus
A janela
Espírito & letra
Legítima apropriação
Comodidade
Desde muito
Dupla delícia

No tempo da era
Carta
Da arte pura
Hamletiana
Assunto para um conto
Diálogo no céu
Conversa de cemitério
Pearl Harbour
Mudança
Eles e as maravilhas
Das viagens
Do sonho
Do caderno de um peripatético
Madrigal
O disfarce
Das boas maneiras
A bomba
Manhã de abril
Bebida
Mistério
Língua e expressão
Comodidade
Incomodidade
Heróis
A esperança
Dos chatos
Cartazes
Crianças?
O vento
Coisas
No princípio
A dupla interrogação
Conversa de hoje
Circo
Fatalidade
A triste beleza
Vivência
Vidinha
Ainda e sempre
Da simplicidade
A arte de ler

Geografia
Última flor do lácio
Ponte do riacho
Botânica
Exame de inconsciência
Estival
Hermetismos
Frase para álbum
Outra frase para álbum
Verso avulso
Estatística
Surpresa
Exclusividade
Expressões
Diplomacia
Herói
Proletário
Coisas & pessoas
Memória
O visitante noturno
Frase para álbum
Os gêmeos
O guarda-chuva
Conto azul
O Menino Jesus e outros meninos
O tempo
Três coisas
O sobrevivente
Vamos avoar?
Vamos baixar?
“Claro enigma”
Costura
O terrível instante
Modus vivendi
Mistérios da língua portuguesa
Do bem e do mal
Passeio pela mata
As almas e as coisas
O gato
Palpite
Futurâmica

A chuva
Círculos concêntricos
Cena
Palavra escrita
Bicho & gente
Verbete
Poesia brasileira
Criação & invenção
Preto & branco
Exumações e citações
Do conhecimento
Uma vaca
Do pensamento
Mundos
Nada sobrou
O mundo
As viagens
A opinião
O poema
Monólogo
Cão
Cachorro
Vira-lata
Poeta lírico
Pergunta errada
Pudor
Cântaro
Homo batucandis
Preces
O homem e o seu cão
História azul
Medieval
Tia Tula
Maria Fumaça
Cabides
Fatos consumados
Da conturbada beleza
Da relativa inspiração
Aborrecimento
Limitações
Libertação

Sonho de uma noite de verão
De papagaios e de macacos
A última
Negrinha
O espanador
Desigualdade
No céu
Vida interior
Assunto para pesadelo
Relógio
Aquele estranho animal
Ternura
Provocação
Dicionários
Preto no branco
Entomologia
Madrigal recusado
O antinarciso
As figuras
Parque
Cuidado!
Sapatos, etc.
Da natureza cartesiana ou a recusa a Versalhes
Coexistência pacífica
O princípio
O tempo
Zero
O outro mundo
Frase ouvida por descuido
Bem que eu gostaria
Diferença
Estranho labor
Poesia & peito
Vozes da natureza
Bebê
Estilo
Sinais dos tempos
Democracia
Cena muda
Visões
Citação

Apêndices

Sobre Mario Quintana
Cronologia da obra

Um bolso de pequenas surpresas

Braulio Tavares

Todo livro de poeta é um livro de poemas? Não exatamente. Este livro de Mario Quintana parece mais com uma festa. A poesia é uma convidada, no meio de muitos outros. Só é um livro de poesia porque é um livro de poeta, um livro que corre paralelo, e muito próximo, ao tipo de poesia que Quintana praticou a vida inteira.

A partir de 1946, Mario Quintana começou a publicar na *Revista da Província de São Pedro* e depois no *Correio do Povo* de Porto Alegre uma seção intitulada “Do Caderno H”, cujo conteúdo gerou o presente livro. Aforismos, brincadeiras, pequenos jogos de palavras, pequenos diálogos imaginários, versinhos, fragmentos: esta era a substância do “Caderno H”. Seu perfil tinha tudo a ver com o temperamento de Quintana, um temperamento observador, juvenil, sempre pronto a detectar um paradoxo ou uma inconsistência, sempre pronto a interromper alguma tarefa prática, registrar um brevíssimo flash de lirismo do cotidiano e depois voltar ao que estava fazendo. Um dos seus livros de poemas se intitula *Baú de espantos*; este aqui poderia intitular-se *Bolsinho de guardar pequenas surpresas*.

Nascido em 1906, Quintana foi da geração de garotos criados em plena era dos almanaques, aquelas publicações de fim de ano cheias de previsões astrológicas e astronômicas, conselhos sobre agricultura e colheitas, tábuas das marés, crônicas, anedotas, versinhos, adivinhações, charadas, aforismos. Para essa geração de leitores, o fragmento é a mais divertida das formas literárias simples. E não eram só os almanaques. Os jornais e revistas sempre tiveram uso para o que se chama de “fillers”, ou enchimentos: textos curtos e adaptáveis que podem preencher qualquer espaço da página, evitando que este fique em branco. Num jornal impresso, acontece com frequência que, depois de diagramados as matérias e os anúncios, sobrem pequenos espaços vazios, com uma ou duas colunas de largura, alguns centímetros de altura. A imprensa, como a Natureza, tem horror ao vácuo. Os espaços precisam ser ocupados, ainda que seja por vinhetas gráficas mostrando florões ou anjinhos. Também é possível colocar ali quadrinhas, adivinhas, versos, frases de pensadores ilustres... E os jornalistas providentes mantêm um estoque desse material numa gaveta qualquer (hoje seria: numa pasta virtual), juntando tudo o que pode preencher o vazio e dar um pequeno prazer adicional ao leitor.

Esta teoria explica em parte a natureza do *Caderno H*, um espaço onde esses textos coadjuvantes se tornavam estrelas principais. E esse modelo de textos curtos em prosa, misturados ou não com versos, foi usado por Quintana em outros livros, como *Sapato florido* (1948), *A vaca e o hipogrifo* (1977), *Da preguiça como método de trabalho* (1987), *Porta giratória* (1988), e até mesmo em seus livros infantis. Essas obras poderiam até, sem grande prejuízo, ser editadas como livros de crônicas, e isso

seria tão preciso quanto chamá-los de livros de poesia.

Pertence ao *Caderno H* um dos textos mais famosos de Quintana, o “Poeminho do contra”: “Todos esses que aí estão / Atravancando o meu caminho, / Eles passarão... / Eu passarinho!” A leveza, o bom humor e a sutileza verbal do poeta estão inteiros nesta quadrinha livre. O poeta se referia a esses fragmentos, com carinho, como “os meus agás”. Se vivesse e estivesse em atividade hoje, Quintana talvez fosse um tuiteiro atento e bem-humorado, divertindo-se em desbastar suas *boutades* até encaixá-las nos 140 caracteres. Talvez também postasse frases no Facebook, e ao mesmo tempo alfinetasse seus amigos como já o fez neste livro, em “E por falar em citações”: “Havia na minha terra um orador popular que terminava assim os seus discursos: ‘Pois, como disse Rui Barbosa...’ – e lá vinha para cima da gente com uma frase que ele tirava do próprio bestunto. / É claro que todo o mundo aplaudia.” Lições de contenção e enxugamento estão presentes aqui em “As trinta linhas”, “Poesia & interjeição”, “Método de trabalho”, “Da relativa realização”, “Da difícil facilidade” e muitos outros. “Carta”, um dos textos mais longos deste volume, é como que a versão pessoal e sintética de Quintana para as *Cartas a um jovem poeta* de Rilke. Não se pense que o poeta, gaúcho defendia a austeridade verbal. Ele reafirma (em “Um pouco de geometria”) que “a curva é o caminho mais agradável entre dois pontos”. A simplicidade de Quintana não é a simplicidade da mera *secura*, mas a da percepção poética reduzida à sua faísca original.

Fazedor de frases, Quintana desconfia das frases alheias: “Desconfio que essas frases históricas foram inventadas pelos historiadores, pois como poderiam os grandes homens ter tido, todos eles, aquele mesmo estilo de dramalhão?” É uma desconfiança que rima com a desconfiança de Elias Canetti em relação aos aforismos: “Os grandes autores de aforismos soam como se conhecessem muito bem uns aos outros.” A poesia de Quintana vai desde os sonetos pouco convencionais de *A rua dos cataventos* (1940) até o verso livre e refinado de *Baú de espantos* (1986) ou *Velório sem defunto* (1990). Os seus livrinhos de frases (e o diminutivo aqui vai no mesmo tom acolhedor e amigo que o poeta tanto empregava) enriquecem a leitura de sua poesia, tanto quanto o alcance da poesia de João Cabral de Melo Neto é ampliado pela leitura dos seus ensaios em prosa, e a poesia de Jorge Luis Borges ganha, depois de lidos os seus contos, uma dimensão que não parecia ter.

Quintana se comparou certa vez ao Aprendiz de Feiticeiro da lenda antiga (e do filme de Walt Disney), só que, no seu caso, em vez de uma incontável multiplicação de vassouras, aconteceu uma multiplicação de poemas. Uma vez desencadeado o milagre poético, o mundo ficou cheio de grilos e de estrelas.

Caderno H

(1973)

Mastiga-me devagarinho

“Deu um suspiro, retesou-se no assento e tombou.”

Tomei nota da frase para estudar o que havia de errado nela, ou em mim, visto que a achei de um cômico irresistível.

A notação e sequência dos fatos estava exata, o estilo enxuto. Como era, então, que a gente ria tanto, em vez de chorar?

Mas agora, passando a limpo a referida transcrição (de um de nossos clássicos), não atino como não descobri logo a coisa. O pique estava na rápida e por assim dizer convulsiva sucessão dos gestos, como naqueles jornais cinematográficos de antigamente. O suspense requer suspensão do tempo, emoção em câmara lenta.

O suspense é o striptease do horror.

“Mastiga-me devagarinho!” — dizem os viciados, no escuro das salas de projeção, enquanto no Outro Mundo, ou quem sabe se logo ali por detrás da tela, Sacher-Masoch e o Marquês de Sade estão dançando os dois em vagarosa pavana.

Muito bonito, mas não é bem assim. “Suspense”, por culpa de Mestre Hitchcock, tem-se aplicado unicamente a essas taradezas. O que eu queria dizer é que todas, todas as coisas têm de ser dosadas com suspense, para poderem impressionar e encantar.

Mestra de estilo, feiticeira da arte narrativa, era aquela negra velha que nos contava histórias em pequeninos. Ficávamos literalmente no ar, nem respirávamos quando ela, encompridando a corda, dizia arrastadamente esta longa frase, cheia de nada e de tudo:

— E vai daí o príncipe pegou e disse...

Delícia

O que tem de bom uma galinha assada é que ela não cacareja.

Acidentes

O despertador é um acidente de tráfego do sono. Mas é um só. Ao passo que durante o dia somos a toda hora sinistrados pelos telefones.

Barulho & progresso

O progresso é a insidiosa substituição da harmonia pela cacofonia.

A herança

Se eu fosse um iluminado, com que habilitações poderia eu distribuir a minha carne e o meu sangue? Apenas diria aos discípulos famintos:

— Eis aqui os meus ossos.

Incorrigível

O fantasma é um exibicionista póstumo.

Advertência

Esse leão da Metro — quase áfono e que parece ter perdido toda a sua leonidade — é o maior exemplo contra o uso das boletas.

O mundo do sonho

O mundo do sonho é silencioso como o mundo submarino. Por isso é que faz bem sonhar.

O mundo de Deus

Aquele astronauta americano que anunciou ter encontrado Deus na lua é no fim de contas menos simplório do que os primeiros astronautas russos, os quais declararam, ao voltar, não terem visto Deus no céu.

Porque, se Deus é paz e paz é silêncio afinal, deve Ele estar mesmo muito mais na lua do que nas metrópoles terrenas.

E, pelo que me toca, a verdade é que nunca pude esquecer estas palavras de um personagem de Balzac:

“O deserto é Deus sem os homens.”

O relógio

O relógio de parede numa velha fotografia — está parado?

Coisas do tempo

Com o tempo, não vamos ficando sozinhos apenas pelos que se foram: vamos ficando sozinhos uns dos outros.

Lógica & linguagem

Alguém já se lembrou de fazer um estudo sobre a estilística dos provérbios? Este, por exemplo: “Quem cospe para o céu, na cara lhe cai.” Tal desarranjo sintático faria a antiga análise lógica perder de súbito a razão.

Mas que movimento, que vida, que economia de músculos: a gente chega a acompanhar com a cabeça a trajetória da frase!

Espero que a análise lógica do meu tempo tenha sido substituída por uma análise psicológica. Ah! aquela preocupação dos velhos lentes, de nos mandarem pôr os *Lusíadas* na ordem direta... Vai-se ver, eles inconfessavelmente deviam estar tentando corrigir o Velho Bruxo!

Simplifiquemos

Sempre me pareceu que as antigas gramáticas complicavam muito as coisas. Lá diziam elas, por exemplo: “Coloca-se o pronome oblíquo depois do verbo.” Muito bem! O diabo é que se seguia uma lista de 15 ou 16 exceções. Ora, ficaria muito mais fácil se dissessem: “o pronome oblíquo é colocado antes do verbo, exceto quando este inicia uma frase”. E olhe lá!

O que acontece com as crianças

Aprendi a escrever lendo, da mesma forma que se aprende a falar ouvindo. Naturalmente, quase sem querer, numa espécie de método subliminar. Em meus tempos de criança, era aquela encantação. Lia-se continuamente e avidamente um mundaréu de histórias (e não estórias) principalmente as do *Tico-Tico*. Mas lia-se corrido, isto é, frase após frase, do princípio ao fim.

Ora, as crianças de hoje não se acostumam a ler correntemente, porque apenas olham as figuras dessas histórias em quadrinhos, cujo “texto” se limita a simples frases interjetivas e assim mesmo muita vez incorretas. No fundo, uma fraseologia de guinchos e uivos, uma sublitteratura de homem das cavernas.

Exagerei? Bem feito! Mas se essas crianças, coitadas, nunca adquiriram o hábito da leitura, como saberão um dia escrever?

O que acontece com os pais

Competiria aos pais dessas crianças, não a nós, inculcá-lhes o hábito das boas leituras. Ora essa! Mas se eles também não leem... Vivem eternamente barbinirizados pelas novelas da Televisão.

Cartaz para uma feira do livro

Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem.

Cuidado!

A nossa própria alma apanha-nos em flagrante nos espelhos que olhamos sem querer.

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.

Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles.

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

Nota noturna

O silêncio é um espião.

Dos extremos

Os cisnes, de tão elegantes, de tão heráldicos e serenos e decorativos, a gente acaba achando-os chatos como patos...

Nota macabra

As árvores podadas parecem mãos de enterrados vivos.

Esvaziamento

Cidade grande: dias sem pássaros, noites sem estrelas.

Versículo inédito do Gênesis

E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da Criação.

O testemunho evangélico

Já se queixava São Paulo de que os atenienses só queriam razões. Bem sabia ele que as almas são ávidas de alimento muito menos dessangrado que um simples raciocínio. Mas nós, os gregos, continuamos em jejum...

Leituras

Não, não te recomendo a leitura de Joaquim Manuel de Macedo ou de José de Alencar. Que ideia foi essa do teu professor?

Para que havias tu de os ler, se tua avozinha já os leu? E todas as lágrimas que ela chorou, quando era moça como tu, pelos amores de Ceci e da Moreninha, ficaram fazendo parte do teu ser, para sempre.

Como vês, minha filha, a hereditariedade nos poupa muito trabalho.

Trecho de diário

Sempre fui metafísico. Só penso na morte, em Deus e em como passar uma velhice confortável.

Paisagística

O conforto, a higiene, sim... No entanto, um ranchinho de barro e sapé vai muito melhor com a paisagem.

Um ranchinho de barro e sapé parece brotado da terra, faz parte da natureza, não contradiz as árvores e o céu.

E é, também, tão humano...

O pobre do espaço

O espaço é cheio de buracos: nós, as coisas, os mundos. A perfeição seria o espaço puro, fica ele a pensar com os seus buracos... Mas isso, Sr. Espaço, é uma coisa tão impossível como a poesia pura.

O poeta e os exegetas

Há anos venho procurando esta raridade bibliográfica: uma edição da *Divina Comédia* sem comentários. Raridade? Creio que nem existe maravilha assim.

Os sonetos e o Doutor Quejando

Lili, ao revelar-me um dia umas composições suas — onde os lugares-comuns esvoaçavam com toda a novidade da inocência — muito se espantou do meu espanto pelo fato de que os títulos nada tinham a ver com o texto. Explicou-me que um dos sonetos se chamava João porque era o nome de um seu amiguinho de escola e o mesmo se dava com o soneto chamado Sofia.

Ora, ora, me quedei pensando, não estaria ela com a razão?

Já teve a poesia o seu período temático, como a pintura. Daí, hoje, a desnecessidade de títulos, nas telas como nos poemas. O que, cronologicamente, não é bem assim, tanto que Camões e Petrarca se limitavam a numerar os seus sonetos, nem é de crer que assim fizessem simplesmente por falta de imaginação. Deixemos, pois, de generalizações, que levam sempre a becos sem saída.

E, em troca, este “soneto” que improvisei naqueles tempos para Lili, quando a sua mania, além de chamar tudo de soneto, era meter, em tudo, a palavra “pois”:

O Doutor Quejando, pois,
vinha andando
andando
quando encontrou o carneirinho Mé
em companhia da vaquinha Bu.
— Olé!
Como vais tu? — disseram-lhe os dois.
O Doutor Quejando continuou andando,
mudo.
Mas na cerca havia um urubu.
Mudo.
E o Doutor Quejando e o urubu trocaram um horrível
[olhar de simpatia.
E o pior de tudo

é que se acabou a história.

Se acabou a história

e a vida continua.

O pior

O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isso.

Parábola?

Os espelhos partidos têm muito mais luas.

Noturno

Apenas, aqui e ali, uma janelinha de arranha-céu... Perdida... Enquanto, do fundo do único terreno baldio, um grilo insiste em transmitir, na sua frágil Morse de vidro, não se sabe que misteriosa mensagem às estrelas ausentes.

Quando me perguntam

Quando me perguntam por que não aderi a essa história de “estória”, respondo (e não evasivamente) que é simplesmente porque, para mim, tudo é verdade mesmo. Acredito em tudo. Acreditar no que se lê é a única justificativa do que está escrito. Ai do autor que não der essa impressão de verdade! Que é uma história? É um fato — real ou imaginário — narrado por alguém. O contador de histórias não é um contador de lorotas. Ou, para bem frisar a diferença, o contador de histórias não é um contador de estórias. E depois, por que hei de escrever “estória” se eu nunca pronunciei a palavra desse modo? Não sou tão analfabeto assim. Parece incrível que talvez a única sugestão infeliz do mestre João Bibeiro tenha pegado por isso mesmo... Também um dia parece que Eça de Queirós se distraiu e o Conselheiro Acácio, por vingança, lhe soprou esta frase pomposa: “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.” Tanto bastou para que lhe erguessem um monumento, com a citada frase perpetuada em bronze! Pobre Eça...

O mundo é assim.

Interior

As persianas, entrefechadas, deixam passar uma réstia de sol, onde zumbe uma mosca. Silêncio. Somente, na última prateleira, há um velho boião que diz: “Viva Dom Pedro Segundo!” — única nota exclamativa neste silêncio tecido (e não interrompido) pelo zum-zum da mosca em seu vaivém. Tudo é definitivo, tudo é tão agora que até o relógio, o velho bruxo, está parado.

Libertação

Não há maior euforia, numa orquestra, como a dos pratos — tlin! tlin! tlan!!! — quando se vingam, enfim, do seu longo, do seu forçado silêncio.

Trecho de carta

As palavras de gíria, isso não tem grande importância, meu caro professor: tão logo aparecem, desaparecem.

O pior são essas ideias de gíria...

Indecência

Na verdade, a coisa mais pornográfica que existe é a palavra “pornografia”.

Caminho da fonte

A linha casimiriana da poesia brasileira começou antes, em Tomás Antônio Gonzaga. É um regato límpido, por vezes interrompido aparentemente, mas que reponta sempre, quando tudo parecia perdido.

Primitivismo

Datilografia: escrita por batuque.

Preciosismo?

Eles erram sempre de maneira tão complicada que eu não atino como ainda não descobriram que seria muito mais fácil escreverem certo.

Os refinados

E há também esses lugares-comuns do paradoxo, que fazem a gente suspirar por uma honesta, uma repousante banalidade...

A amiga

Ele chegou ao bar, pálido e trêmulo. Sentou-se.

— Por enquanto, nada — desculpou-se ao garçom. — Estou esperando uma amiga.

Dali a dois minutos, estava morto.

Quanto ao garçom que o atendeu, esse adorava repetir a história, mas sempre acrescentava ingenuamente:

— E, até hoje, a “grande amiga” não chegou!

Limites da conversação

Há certas coisas que não haveria mesmo ocasião de as collocarmos sensatamente numa conversa — e que só num poema estão no seu lugar. Deve ser por esse motivo que alguns de nós começaram, um dia, a fazer versos. Um modo muito curioso de falar sozinho, como se vê, mas o único modo de certas coisas caírem no ouvido certo.

Notícias de Bizâncio

Como distinguir entre “história” e “estória”, eu que sempre acredito em tudo? Eu, o leitor modelo. Caso contrário, não seria uma ofensa ao poder criador dos autores? Esse monstinho foi a última novidade que importamos de Bizâncio, a qual, aliás, acaba de ser bombardeada com a abolição dos acentos discriminatórios, conforme a imprensa amplamente noticiou. Bendito bombardeio que um gramático vigente, no entanto, classificou de “reforminha” e um ex-deputado de “leizinha”... como se nada significasse a morte fulminante dos escavadores de cemitério, dos que desenterraram o verbo “aquejar” enquanto vojava em torno, como um espíritosanto lá deles, o fantasma alado do passarinho “toda”.

As ilusões de Luciano

As ilusões perdidas é o título de um romance de Balzac. Um belo título. Luciano, o herói da história, as foi perdendo pouco a pouco. Por quê? Ele queria a glória... E, no fim de muitas páginas, não lhe sobrou coisa alguma. Bem feito! Quem pretende apenas a glória não a merece.

Do impossível convívio

O mais trágico dessas reuniões sociais é que elas são compostas unicamente de terceiros.

De como a história se repete

E eis que ressurge agora o novo homem das Cruzadas, isto é, das palavras cruzadas.

Mas seja lá como for

Decifrar palavras cruzadas é uma forma tranquila de desespero.

Frustração

Outono: essas folhas que tombam na água parada dos tanques e não podem sair viajando pelas correntezas do mundo...

A esfinge

Na volta da esquina encontrei a Esfinge. Petrifiquei-me. Ela me disse então, olhando-me nos olhos:

— Devora-me ou decifro-te!

O dragão

Na volta da esquina encontrei um dragão.

— Que belas escamas, senhor dragão! Que luminoso laquê! E as chamas que deitais por vossa goela têm o colorido e o movimento de um balé! E que padrão heráldico, Excelência, que...

O dragão saiu se reboleando.

Ela

Mas que haverá com a Lua, que, sempre que a gente a olha, é com um novo espanto?

Página de história

De uma História Universal editada no Século XXXIII: “Os homens do Século Vinte, talvez por motivos que só a miséria explicaria, costumavam aglomerar-se inconfortavelmente em enormes cortiços de cimento. Alguns atribuem o fato a não se sabe que misterioso pânico ao simples contato da natureza; mas isso é matéria de ficcionistas, místicos e poetas... O historiador sabe apenas que chegou a haver, em certas grandes áreas, conjuntos de cortiços erguidos lado a lado sem o suficiente espaço e arejamento, que poderiam alojar vários milhões de indivíduos. Era, por assim dizer, uma vida de insetos — mas sem a segurança que apresentam as habitações construídas por estes.”

Seu verdadeiro crime

O que eles jamais perdoaram a Oscar Wilde é que ele era profundo sem ser chato.

Fatalidade

O que mais enfurece o vento são esses poetas inveterados que o fazem rimar com lamento.

Camuflagem

A esperança é um urubu pintado de verde.

Ser e não ser

Para algo existir mesmo — um deus, um bicho, um universo, um anjo... — é preciso que alguém tenha consciência dele. Ou simplesmente que o tenha inventado.

A escrita

Um trouxe a mirra, o outro o incenso, o terceiro o ouro.

Incenso e mirra evaporaram-se... Mas e o ouro? Os textos nada dizem quanto à aplicação do ouro!

Na solidão da noite

Os velhos espelhos adoram ficar no escuro das salas desertas. Porque todo o seu problema, que até parece humano, é apenas o seguinte: — reflexos? ou reflexões?

A mestra e os alunos

Dizem que a História é a mestra da vida. Mas como é que os seus protagonistas incorrem sempre nos mesmos erros? Não lhes aproveitou em nada o exemplo das reprovações anteriores.

Ou talvez lhes aconteça o mesmo que com os leitores de novelas policiais: cada qual sonha com o crime perfeito. O crime que compensa.

Pequena tragédia brasileira

A Bem-Amada queria devorar o coração do Poeta.

— Não — disse ele —, só terás um pedacinho. Porque noventa por cento pertence aos Editores.

Refinamentos

Escrever o palavrão pelo palavrão é a modalidade atual da antiga arte pela arte.

Ah!

Ah! jamais ter necessidade de pronunciar essa interjeição...

Ópera

“Diz isso cantando!” Lembram-se desse ditado? A Ópera levou esse ditado a sério.

Natureza morta

Que importa a seca? Para o artista, o que importa é esse desenho belíssimo do solo gretado; é, agora, essa pausa das águas na paisagem morta, onde não fluem sequer as lágrimas... O artista é duro que nem Deus.

Natureza viva

A vida brota. E é toda olhos. Cada gota contém a luz do mundo. E cada cálice é uma boca ávida. A tua mão — fechada em maldição — abre-se em concha, agora...

Exame de consciência

Se eu amo a meu semelhante? Sim. Mas onde encontrar o meu semelhante?

Segredo da eternidade

Naquele seu ímpeto ascendente e embora retombe a cada instante, ninguém, nem ele mesmo o sabe: o repuxo é o eterno recém-nascido.

Dos livros

Há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores.

Das escolas

Pertencer a uma escola poética é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua.

Tenho pena da morte

Tenho pena da morte — cadela faminta — a que deixamos a carne doente e finalmente os ossos, miseráveis que somos... O resto é indevorável.

Mas tudo é novo debaixo do sol!

Resmungam os velhos: — “Não há nada de novo debaixo do sol” — e nem se lembram dos que, neste momento, estão recriando o mundo: os poetas, os artistas, os recém-nascidos.

Da alma

Uma alma sem mistério nem seria alma... Da mesma forma que um Deus compreensível não seria Deus.

Teoria do esquecimento

A taça do Rei de Tule

Dorme no fundo das ondas.

Ele agora tem um bule:

Lisinho, quente, redondo.

Preguiça

Certa vez abalancei-me a um trabalho intitulado “Preguiça”. Constava do título e duas belas colunas em branco, com a minha assinatura no fim. Infelizmente não foi aceito pelo supercilioso coordenador da página literária.

Já viram desconfiança igual?

Censurar uma página em branco é o cúmulo da censura.

Tic-tac

Mera ilusão auditiva graças à qual a gente ouve sempre “tic-tac” e nunca “tac-tic”... Depois disso, como acreditar nos relógios? Ou na gente?

Parênteses

Conversa de velho é cheia de parênteses e esses parênteses são cheios de parentes.

O amigo

Amigo é a criatura que escuta todas as nossas coisas sem aquela cara que parece estar dizendo: — E eu com isso?

A borboleta

Cada vez que o poeta cria uma borboleta, o leitor exclama: “Olha uma borboleta!” O crítico ajusta os nasóculos e, ante aquele pedaço esvoaçante de vida, murmura: — Ah! sim, um lepidóptero.

Diálogo inútil

- Mas por que tu não fazes um poema de amor?
- Todos os poemas são de amor.

Diálogo crítico

- Mas por que falas tanto da infância em teus poemas?
- Porque eu nunca tive infância.

A diferença

O que eles chamam de nossos defeitos é o que nós temos de diferente deles. Cultivemo-los pois, com o maior carinho — esses nossos benditos defeitos.

Triste reflexão para mães solteiras

Os filhos são um subproduto do amor.

Distância

Essas distâncias astronômicas não são tão grandes assim: basta estenderes o braço e tocar no ombro do teu vizinho.

Da infinita solidão

Mas só Deus — que é único, que não tem par — poderia dizer o que é a solidão.

Cântico dos cânticos

Vamos compor, amada, um Cântico dos Cânticos: o verdadeiro Cântico dos Cânticos: — tu Te louvarás unicamente a Ti e eu Me louvarei unicamente a Mim.

Verso avulso

Suavidade do musgo nos muros gretados.

O autor invisível

Certa vez, quando se realizava um garden-party num dos castelos da Inglaterra, compareceu um distinto ancião, muito bem-posto e apoiado na sua bengala. E, para constrangimento de todos, olhava detidamente na cara de cada um, como se se tratasse de um bicho ou de uma coisa. E como alguém indagasse quem era, respondeu o anfitrião que se tratava do romancista Sir Bulver-Lytton, já completamente gagá e que se considerava invisível.

Gagá? Mas o que ele estava realizando era o ideal de todo verdadeiro romancista: ser isento de quaisquer inibições, de respeitos de qualquer ordem, e ver portanto imparcialmente o mundo. Não embelezar, não reformar, não polemizar: — ver!

Ars longa

Um poema só termina por acidente de publicação ou de morte do autor.

Contradições?

... mas o que eles não sabem levar em conta é que o poeta é uma criatura essencialmente dramática, isto é, contraditória, isto é, verdadeira.

E por isso é que o bom de escrever teatro é que se pode dizer, com toda a sinceridade, as coisas mais opostas.

Sim, um autor que nunca se contradiz deve estar mentindo.

Placas

Ah, meu pobre Coronel Emerenciano, quem sois vós? Quem sois vós, Dona Maurília, Fernando Ivo? Altamirando Barbosa da Silva? Quem sois vós, com todos esses inúteis cartões de visita deixados teimosamente em cada esquina? Que vergonha, velhinhos... Essa coisa de a gente virar rua é uma forma pública de anonimato.

Essa não!

Lili teve conhecimento dos antípodas, na escola.

Logo que chegou em casa, começou a deitar sabença pra cima da cozinheira. Falou, falou, e, como visse que Sia Hortênsia não estava manjando nada, ergueu no ar o dedinho explicativo:

— Imagine só que quando aqui é meio-dia lá na China é meia-noite!

— Credo! Eu é que não morava numa terra assim...

— Mas por que, Sia Hortênsia?

— Uma terra onde o dia é de noite... Cruzes!

Diálogo de bar

— Mas há as compreensivas.

— Ah! essas são muito piores!

Das frases históricas

Desconfio que essas frases históricas foram inventadas pelos historiadores, pois como poderiam os grandes homens ter tido, todos eles, aquele mesmo estilo de dramalhão?

O anti-Hamlet

O que nos atrai no 007 é que ele é o tipo do herói anti-shakespeariano. Nada de casos de consciência. Não é como esse pobre príncipe Hamlet que, para cometer meia dúzia de crimes, passa todo o tempo falando sozinho...

Mágica divina

O cristianismo acabou com o sofrimento transformando o sofrimento em prazer, como o atesta a alegre legião dos mártires e essa gente que, a cada golpe, exclama: “Seja o que Deus quiser!”

Poesia & lenço

E essas que enxugam as lágrimas em nossos poemas como defluxos em lenços... Oh! tenham paciência, velhinhas... A poesia não é uma coisa idiota: a poesia é uma coisa louca!

O chalé da praça Quinze

O chalé fazia parte da gente. Me lembro do Bilu, com o seu perfil perpendicular de cegonho sábio, o longo bico mergulhado — não no gargalo do gomil da fábula, não propriamente no canecão de chope, que era de fato o que estava acontecendo —, mas no poço artesiano de si mesmo.

Me lembro do Reynaldo, redondo, pacato, amável, tão amável, pacato e redondo que parecia um desses personagens de romance policial que ninguém desconfia que seja o autor do último crime da mala.

Me lembro do Cavalcanti, com a sua cara silenciosa e receptiva de mata-borrão.

Me lembro de mim, silencioso. Sim, a determinada hora éramos todos silenciosos... essa hora em que não é preciso dizer nada, nem mesmo o verso inesquecível de Valéry: “Oh mon bon compagnon de silence!”

Este silêncio era apenas quebrado quando chegava o Athos, o Athos centrífugo e pirotécnico. Mas isto não perturbava o nosso silêncio, nem o próprio silêncio do Athos... Pois havia um profundo e misterioso rio de silêncio que corria subterraneamente a todas as nossas palavras.

Era o rio da poesia?

O rio da harmoniosa confusão das almas?

Agora é apenas o rio do tempo que passou.

Dona Glorinha no circo

Dona Glorinha estava que não podia! Aquele homem que rodava no espaço, cada vez mais rápido, e preso apenas pelos dentes a uma roldana... Dona Glorinha sentia doerem-lhe os dentes, não os de agora, os outros... Dona Glorinha não pôde mais. E bradou, em meio do suspense geral: “Basta, cruel!”

“A poesia é necessária”

Título de uma antiga seção do velho Braga na Manchete. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que saiam maus, não tem importância. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética representaria, no caso, como que um esforço de autossuperação.

É fato consabido que esse refinamento do estilo acaba trazendo necessariamente o refinamento da alma.

Sim, todos devem fazer versos. Contanto que não venham mostrarme.

Nabucodonosor

O nome de Nabucodonosor é belo como um cortejo religioso. O triste é que os seus súditos, para abreviar, chamavam-no simplesmente de Bubu.

Oito e meio

I

Sei de pessoas que julgaram artificial o 8 1/2, de Fellini, essa obra-prima do barroquismo. Elas é que devem ser artificiais, porque nossa alma é assim como ali está, com suas idades sucessivas convivendo, o acontecido e o imaginado tendo ambos o mesmo poder traumático e o mesmo pé de realidade. Parece-te que estou falando de poesia?

II

Todas as artes são manifestações diversas da poesia — inclusive, às vezes, a própria poesia.

III

Repara: todo esse atafulhamento das nossas igrejas barrocas apenas poderá significar as complicações ingênuas da fé popular... Fiquem os racionalistas com as paredes nuas e as colunas hirtas. O classicismo pode ser muito lógico, mas é antinatural.

IV

E depois, por que motivo há de a arte clássica significar perfeição? Essa Perfeição, com P maiúsculo, não seria apenas um nome que os bárbaros davam, supersticiosamente, aos padrões de beleza dos civilizados?

V

Em Picasso, em certos Picassos, a boca, a face, o perfil, as orelhas reajuntam-se, não arbitrariamente e sim para formar uma harmonia nova, de maneira que o seu arreglo final não nos amedronta como um monstro, mas tranquiliza-nos como uma obra clássica. Na poesia há muito já acontecia assim, como na montagem de imagens aparentemente heteróclitas e anacrônicas da “Salomé” de Apollinaire e que, no entanto, serviam para formar a atmosfera dançante, luxuosa,

versátil e aérea daquele poema. E foi preciso quase cem anos para que o cinema, como no *8 1/2* de Fellini, se integrasse também na poesia. Em resumo: não o desprezo da lógica, mas a aceitação da lógica imagista — o que, como todo verdadeiro modernismo, é tão velho como o mundo, porque usa apenas a velha linguagem dos sonhos e das histórias de fadas.

E quando se aproximou a hora

E quando se aproximou a hora, o Anjo da Encarnação perguntou-lhe:

— Que queres ser na face da Terra?

— Um polígono regular estrelado.

— O quê?!

— Um polígono regular estrelado — repetiu imperturbavelmente a alma do nascituro.

“Mais um...” — pensou o Anjo. Mas, como os anjos e os poetas são os únicos que não riem dos loucos, limitou-se a objetar:

— E por que não um poliedro? Vais viver num mundo de três dimensões e bem sabes que um polígono apenas tem duas. Lá só existirias na face do papel... e não propriamente na face da Terra.

— Por isso mesmo.

O Anjo desta vez não compreendeu muito bem e retirou-se, dando de asas.

E foi assim que, quando chegou a hora, veio ao mundo mais um louco.

E um “louco simétrico”!

Chamou-se, entre os homens, Edgar Allan Poe.

Mas que belo título

Francis Carco escreveu, em Paris, um livro a que denominou
Nostalgia de Paris...

Pequenos contos da cidade pequena

I

O Poeta está deitado de sapatos sobre a colcha de renda de bilros — relíquia de Vovozinha.

— ... e de melhores dias — suspira o Anjo, completando-lhe o pensamento.

— Anjo, você está cada vez mais aburguesado.

— Essa não, menino! Eu não sou comunista...

II

Do ferro de engomar, que se assoprava por trás, saíam faíscas como do traseiro do Diabo. As faces de Marianinha ficavam cada vez mais afogueadas, mais lustrosas e lindas, como as maçãs artificiais que havia no centro de mesa da sala de jantar. Não sei por que estou evocando todos esses pormenores — eles não levam a nenhum enredo notório, desculpem... Eu me aproximo como um gato, por trás.

III

O auto que passa e a vitrina da esquina trocam um duelo de reflexos.

IV

Escarapachadas nas cadeiras da calçada, as comadres fazem trancinha. Nada lhes escapa. Nem um ponto. Mas para o menino quieto que ali se acha a tiracolo das tias o grande escândalo é a Lua, que acaba de surgir, à traição, enorme, sangrenta, assassina — ao contrário de tudo que se esperava dela —, logo ali entre as torres da igreja.

V

Noite alta um bêbado passa cantando a marchinha de um antigo carnaval. Tem uma voz de vidro moído. Uma voz aguda e esfarelada

de velho.

VI

Um rodar, um estrépito de patas. Abafadamente. Mas já não se haviam sumido, há tempo, esses carros puxados a cavalo? Sia Carolina acorda e benze-se. É a Morte! É a Morte que passa, no seu carro fantasma, a visitar seus doentes.

Poeminha do contra

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,

Eles passarão...
Eu passarinho!

Da incompreensão

O primeiro sinal da incompreensão é o riso; o segundo, a seriedade.

Eles

Eles confundem homem famoso com tipo popular.

O ópio

Dizem os comunistas que a religião é o ópio do povo; outros dizem que o ópio do povo é precisamente o comunismo; se pedissem a minha opinião, eu diria que o ópio do povo é o trabalho.

Dos antigos

“Ah, os egípcios! Ah, os etruscos! Ah, os gregos!” Mas essa nossa atitude ante os que nos precederam de milênios é, no fundo, um tanto protetora, não acham? É como se disséssemos: “Meu Deus, como eles eram precoces!”

Verso perdido

... eu te amo a perder de vista.

Recato

Não gosto de estar dormindo nem de estar morto perto de ninguém.

Pergunta inocente

Por que será que as pessoas virtuosas parece que estão sempre representando?

Os dançarinos do arame

Dentro das atuais coordenadas do espaço e do tempo, aqui nos vamos equilibrando sobre este fio de vida...

Que rede de segurança, pensamos nós, cheios de esperança e medo, que rede de segurança nos aparará?

Shakespeare

Os que se empenham em provar que as obras de Shakespeare só podem ter sido escritas por outro, estes, por sua vez, só podem ser uns invejosos póstumos. O caso desses críticos não é um caso apenas divertido, como se vê. E grave, e triste, e patológico... São os parentes ambiciosos desses, que vivem catando “influências” na obra de seus contemporâneos.

Da irresistível beleza

O leão é um animal tão belo que ser devorado por ele é melhor do que ser devorado por um crocodilo... Diante da sua arremetida, bem sei que se pode morrer de puro medo... porém nunca de horror.

Luz por dentro

Mas há uma beleza interior, de dentro para fora, a transluzir de certas avozinhas trêmulas, de certos velhos nodosos e graves como troncos. De que será ela feita, que nem notamos como a erosão dos anos os terá deformado. Deviam ser caricaturas mas não fazem rir, uns aleijões mas não causam pena. O mesmo não nos acontece ante o penoso espetáculo de um animal velho. Eu gostaria de acreditar que essa inexplicável beleza dos velhos talvez fosse uma prova da existência da alma.

Depois de ler

Depois de ler, por cima de meu ombro, as linhas precedentes, observou-me o João Sabiá:

— Mas tu já não falaste na incompreendida beleza dos sapos, na beleza transcendental de um matungo de inverno? Isso é a alma deles?!

— Não, é a minha alma...

O imagista

Quando o homem desaparecer, que será das coisas? Morrerão da mesmice de ser. De serem apenas aquele poste ali na esquina, a fonte sorrateira, a bela tabuleta inutilmente colorida, os pacientes relógios sobreviventes. Morrerão da mesmice de serem e não mais parecerem.

Quando o homem desaparecer, que será das coisas, que será de Deus?

Imagem

Haverá ainda, no mundo, coisas tão simples e tão puras como a água bebida na concha das mãos?

As primaveras

Os versos de Casimiro são tão nossos que gostar deles é um sinal de autenticidade — ... e, mesmo, como beber água da fonte na concha das mãos... E como ele ainda está entre nós — tão vivo — nos melhores e nos piores momentos da poesia popular!

Um epitáfio para Catulo da Paixão Cearense

Catulo não morreu: luarizou-se.

Os farsantes

Desconfia da tristeza de certos poetas. É uma tristeza profissional e tão suspeita como a exuberante alegria das coristas.

Compensações

Já repararam? A má reputação sempre fez parte da fama...

O assunto

E nunca me pergunte o assunto de um poema: um poema sempre fala de outra coisa.

Amizade

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

Amor

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

Drácula

Quando me encontrei com o Conde Drácula, por uma destas noites de inverno, na Esquina dos Ventos Uivantes, tinha ele o aspecto de um grande guarda-chuva de varetas quebradas. Foi o que eu lhe disse. Ele deu meia-volta e partiu revoando, aos solavancos, decerto para quebrar a cara do diretor do filme... Esses pobres monstros ainda não compreenderam toda a grandeza da sua verdadeira tragédia, que é a tragédia do ridículo.

Anjo

Ser celestial metediço na vida terrena, uma espécie de Relações-Públicas de Nosso Senhor.

Dúvida

Velha governanta do filósofo Descartes; avarenta e pechincheira, desconfia de tudo e de todos, menos dela.

Fantasma

Pobre-diabo marginal entre dois mundos. Não usa sapatos.

Guerra

Método Prático de Geografia.

Morte

Nada de maior; simples passagem de um estado para outro — assim como quem se muda do estado do Rio Grande do Sul para o estado de Santa Catarina...

Pobres

Espectáculo predileto dos ricos.

Ricos

Espectáculo predileto dos pobres.

Frases que matam

— Mas como você está bem conservado!

Criança & cachorro

Triste de quem não teve um cachorro na infância! Para uma criança, criatura tão necessitada de todos, tão frágil e sozinha, um cachorro é um teste de amor desinteressado da parte dela... é ter uma outra criatura que dependa, enfim, dos seus cuidados.

A carta

Quando completei quinze anos, meu compenetrado padrinho me escreveu uma carta muito, muito séria: tinha até ponto e vírgula! Nunca fiquei tão impressionado na minha vida...

Coisas incríveis no céu e na terra

De uma feita, estava eu sentado sozinho num banco da Praça da Alfândega quando começaram a acontecer coisas incríveis no céu, lá para as bandas da Casa de Correção: havia uns tons de chá, que se foram avinhando e se transformaram nuns roxos de insuportável beleza. Insuportável, porque o sentimento de beleza tem de ser compartilhado. Quando me levantei, depois de findo o espetáculo, havia umas moças conhecidas, paradas à esquina da Rua da Ladeira.

— Que crepúsculo fez hoje! — disse-lhes eu, ansioso de comunicação.

— Não, não reparamos em nada — respondeu uma delas. — Nós estávamos aqui esperando o Cezimbra.

E depois ainda dizem que as mulheres não têm senso de abstração...

O mesmo assunto

Há tempos Marques Rebello esteve em Porto Alegre. Com ele, andamos uma tarde, o Telmo Vergara e eu, pelos altos de Petrópolis. Basta dizer que era outono em Porto Alegre. Eu disse ao visitante:

— Está vendo? As cores não se misturam: tudo parece recortado a tesourinha no horizonte. A paisagem de Porto Alegre é anterior ao impressionismo.

Ele agachava-se, apertava, arregalava os olhos, concordava com tudo. E, de regresso ao Rio, escreveu:

“Como eles não têm nada que mostrar; gabam os crepúsculos!”

Propriedade

Nunca digas que um verso está de pé quebrado: ele está é de asa quebrada.

Nota a lápis

... as teias de aranha do sono...

O tom e a voz

Baudelaire sempre me deu a impressão de que forçava o tom de voz. Antes do poema, empertigava-se, compunha a garganta... e a turma se embasbacava. Exatamente como acontecia com o nosso Augusto dos Anjos, que era o Baudelaire em último estado de putrefação.

O culto dos heróis

Conheci um sujeito dado à leitura da História e das Vidas dos Grandes Homens, o qual ficava horripilado só de pensar que Cristóvão Colombo poderia ter nascido morto... e assim, até hoje, aqui na América, seríamos todos uns bugres!

Há muitos para quem a História não passa de uma história em quadrinhos para gente grande, com mocinho e tudo... Principalmente o mocinho!

Os únicos heróis que se salvam são os que morrem jovens e mártires e, se possível, virgens... Joana D'Arc reunia esses três requisitos. E depois, era mulher: possuía, além da graça divina, a graça feminina.

Parceiras

... e eu imagino uma velhinha por trás da vidraça, jogando paciência com esta chuva tão sem pressa...

Ruínas & construções

Tão belo como um edifício em construção contra um céu azul, só mesmo um edifício em ruínas contra o mesmo céu. O que importa é o céu azul.

O jovem Mohammed e os conselhos

Certa vez escrevi uma história árabe. Só me lembro que terminava assim: “E Mohammed, entre aqueles dois conselhos, escolheu o que lhe soava melhor.”

O poeta e a menina

Hoje ganhei o meu dia. Porque uma meninazinha me perguntou: “O senhor pode me botar uma dedicação neste livro?” Escrevi, então, sinceramente: “Para a Heloisa Maria, com toda a minha dedicação.” E assinei. E datei, com tristeza.

A data

Sim, o mais triste das dedicatórias são as datas.

Meditação para o dia de Natal

Ah! Aquela confiança que tem uma criança rezando... Inocente confiança. Alegria. Quem é de nós que reza com alegria? Parece que só existe mesmo o Deus das crianças... Deus é impróprio para adultos.

A alma e a geringonça

A Alma e a Geringonça, aí é que está o problema.

Seremos acaso uns autômatos cuja complexidade de reações nos faz acreditar num ilusório livre-arbítrio?

Essa coisa dos torpedos autodirigíveis dá para desconfiar um bocado... Acontece que somos muito mais complicados do que eles — eis tudo.

Mas este jogo de pensamentos em que nos comprazemos é tão limitado como um jogo de palavras.

Se não, já teríamos descoberto e resolvido tudo, em tantos e tantos séculos de funcionamento.

É verdade que temos tido jogadores hábeis como Platão, para apenas citar um craque da Antiguidade. Mas se nem Platão, muito menos eu e tu, leitor...

Nós só podemos ir movendo as peças, sem esquecer que, embora as partidas pareçam variar ao infinito, o movimento de cada peça é único e as regras do jogo são imutáveis, embora convencionais, como as de qualquer jogo.

E, se fôssemos infringir as regras, seria impossível jogarmos.

Continuemos, pois, a brincar com a máxima seriedade. Porque jogo é jogo.

Veneração

Ah, esses livros que nos vêm às mãos, na Biblioteca Pública e que nos enchem os dedos de poeira. Não reclames, não. A poeira das bibliotecas é a verdadeira poeira dos séculos.

Policiais

Dashiell Hammett dizem que é o inspirador do que hoje consideram a nova linha do romance policial. Nova? Nick Carter (lembra-se?) já resolvia tudo a soco. Grande coisa! Assim, até eu e tu, leitor, se tivéssemos força.

O detetive ideal, para mim, é o que tem uma poltrona. O detetive dedutivo. Até o próprio Sherlock foi às vezes infiel a si mesmo, com grande consternação de todos nós.

Outra interferência indébita, na pureza do gênero, são as mulheres. As mulheres enchem as escadarias de gritos. As mulheres, nas ocasiões menos adequadas, histerizam o grave desenrolar da ação, esquecidas de que o silêncio é o grande fator do suspense. Isto quando não se metem a criar um caso sentimental com alguns dos personagens ou com o próprio detetive. Neste caso, se o detetive for mesmo o tal, deve convencê-las de que são personagens perdidas de algum outro livro, de um outro gênero e para outros leitores.

Parada km 77

... até onde irá a procissão dos postes, unidos, pelos fios, à mesma solidão?

O trágico dilema

Quando alguém pergunta a um autor o que este quis dizer, é porque um dos dois é burro.

Quincas Borba

Os personagens de Machado de Assis eram tão medíocres que, enquanto outros loucos do mundo bancavam Napoleão, o Grande, o de Machado de Assis contentava-se em ser Napoleão III.

Carnaval

Não gosto do Carnaval porque parece filme histórico italiano.

Pontinha

Pôncio Pilatos apenas representou uma pontinha na História... Mas que pontinha!

História do futuro

A velha máquina do mundo arqueja,
arqueja, não pode mais, não pode
mais...

A torcida

de um lado e outro grita:

Pode! Não Pode! Pode! Não pode! Pode!

A velha máquina, obsoleta como essas comovedoras
criaturas a quem apelidaram Ford de bigode,
a velha máquina, num derradeiro esforço,
explode: — pifff...

Mal se ouviu.

Uns riem.

Outros, os últimos românticos, arrepelem-se: “Então
isto é explosão

que se preze? Onde é que está

onde é que está aquele último dó de gavetão

como só os pode soltar um verdadeiro leão

no seu canto de cisne?!”

Ora, depois que se dissipou no ar a última fumacinha,
os curiosos, isto é, os sádicos

foram-se aproximando na ponta dos pés:

aquilo estava irreconhecível... pura, pura sucata! Mas

o Canhoto apontou no seu canhenho:

“Avisar Abraão para avaliar.”

Só ele, na perplexidade universal,

só ele, o Canhoto, é que tinha razão.

Porque a sucata,

na verdade

— seja o que for

que tenha sido —

é um mero estado transitório do material em disponibilidade.

Não tem nada de trágico.

A sucata é o material em férias...

Alegremo-nos, irmãos.

Amigos e inimigos, demo-nos todos as mãos
e dancemos de roda em redor dos destroços
sobre o chão da miséria...

Dancemos e cantemos

— chocalhando os ossos —

a nossa

mais esperançosa canção.

Porque a sucata quanto mais sucata

mais pode vir a ser UMA OUTRA COISA!

O preto

O preto tem a vantagem de realçar as cores que o cercam sem nada perder no entanto da sua própria e grave afirmação.

Branca de Neve e os tarados

Uma página em branco é a virgindade mais desamparada que existe. Só por isso é que abusam tanto dela, que fazem tudo dela...

Vida

A vida era muito mais intensa quando não passava, na média, de quarenta anos. Agora é um longo, um interminável arrastar de correntes: nós somos as almas penadas deste mundo.

Supersherlockismo

A psicanálise? Uma das mais fascinantes modalidades do gênero policial, em que o detetive procura desvendar um crime que o próprio criminoso ignora.

O concurso

Um dia, por dever de ofício, fui a um desses concursos de Robustez Infantil. Havia cada mãezinha.

Das escolas poéticas

A minha escola poética? Não frequento nenhuma. Fui sempre um gazeador de todas as escolas. Desde assinzinho... Tão bom!

E o que há de mais triste

E o que há de mais triste nesses poetas de equipe é que eles naufragam todos ao mesmo tempo.

Da liberdade criadora

Nunca me releio... Tenho um medo enorme de me influenciar. É verdadeiramente catastrófico quando um autor se transforma no seu discípulo.

Nobreza

Escreveu Buffon que o cavalo é um nobre animal. Bobagem... Nobre animal é o poeta!

A grande surpresa

Mas que susto não irão levar essas velhas carolas se Deus existe mesmo...

Motivo da rosa

A última novidade é sempre uma rosa.

Poeminha para os 60 anos de Ovídio Chaves

As tantas horas vividas,
lindas horas minhas viúvas,
dizem, de riso perdidas:
“Tira o cavalo da chuva!”

Da chuva tirei-o, pois,
e, como o bom-senso manda,
ficamos a sós, os dois,
vendo a chuva da varanda.

Ai cavalo ai cavalinho,
não me comas essa flor
que abria nesse vasinho
onde estava escrito AMOR.

Epígrafe

Descobri na Meditação contemplativa do Padre Júlio Maria esta frase, que daria uma bela epígrafe para um livro de poemas:

“E a visão não aproveitou nem a Balaão nem à besta.”

Aconselharam-me que desistisse, porque Balaão é meio desconfiado.

Palavras

I

Há palavras verdadeiramente mágicas. O que há de mais assustador nos monstros é a palavra “monstro”. Se eles se chamassem leques ou ventarolas, ou outro nome assim, todo arejado de vogais, quase tudo se perderia do fascinante horror de Frankenstein...

II

Mas há palavras infelizes. Umbigo, por exemplo. Um dia Álvaro Moreyra me disse que umbigo era a palavra mais engraçada da língua portuguesa. Engraçada, não! Triste é que é. Por culpa sua, como jamais poderemos cantar o umbigo da bem-amada? Eis aí um encanto para sempre oculto...

III

Em compensação, temos a palavra “voluptuosidade”, tão sinuosa, tão espreguiçada, tão ela mesmo... Por sinal que, como a suspeitasse de galicismo, propôs o clérigo Bluteau, já no século XVIII, substituí-la por “voluptade” — o que bem evidencia as castas virtudes do saudoso frade.

IV

E não sei ao certo quem era ela, nem o que ela fez, mas tenho a certeza de que Dona Urraca foi uma das princesas mais infelizes do mundo...

V

A palavra volutabro merecia ter outro significado.

VI

E badulaques sempre me pareceu que fossem crótalos de bispo.

Nem faltará algum leitor metido a profundo que me julgue à tona das coisas ao me ver tão ocupado com palavras. Escusado lembrar-lhe que a poesia é uma das artes plásticas e que o seu material são as palavras, as misteriosas palavras...

Mendigos

A alegria dos mendigos de Murillo... Também, com toda aquela riqueza de colorido!

O homem que não suportava cerimoniais

— De repente, ele não pôde mais e rebentou de riso em plena missa de corpo presente.

— Ele quem?

— Ora, o defunto...

O preceito e o exemplo

Preceituam alguns higienistas não dormir após as refeições. Mas não é justamente o que fazem nossos irmãos mamíferos? Também ensinam eles (os higienistas) que devemos dormir em pose longitudinal, isto é, na postura em que são colocados os corpos já sem vida.

Mas eu fico a espiar invejosamente a sesta do gato... Se não foram os gatos que inventaram a sesta, foram decerto eles que elevaram essa nobre arte ao supremo requinte. Um gato enrodilhado é a coisa mais adormecida que existe. E para isso ele escolhe a posição fetal — posição de quando gozamos do maior repouso, completamente alheios a todos os cuidados deste e do outro mundo.

(A moralidade de tudo isso é que temos muito a aprender com os animais e não estes com os higienistas.)

Da relativa igualdade

Democracia? É dar, a todos, o mesmo ponto de partida. Quanto ao ponto de chegada, isso depende de cada um.

Ainda a igualdade

Todos temos a mesma chance? Mas ainda me lembro que, pela década de 20, eu sonhava viver em Paris... e havia gente que já tinha nascido lá mesmo.

O nivelamento final

Nem ao menos a morte iguala tudo. Se é verdade que todos terminamos cadáveres, uns são os cadáveres de Einstein, de Aga Khan ou de Marilyn Monroe, e outros os de José Fagundes ou Joaquininha da Silva...

Deste meu trapiche

Às vezes eu pesco um leitor. Outras vezes o leitor me pesca. Entre uma coisa e outra, as águas vão passando.

Verso avulso

Senhor! Que buscas Tu pescar com a rede das estrelas?

Fatalismo

Seremos fatalistas? Não sei, há uma coisa no entanto que dá para desconfiar... Tenho lido notícias, e até verbetes de dicionários biográficos, impregnados do mais puro fatalismo. Com frases assim: “no dia 31 de julho, tomou um avião para morrer em...”

Talvez não passe de mero cacoete de estilo. E quero crer que o próprio S. F., se acaso se desse a esse trabalho, emendaria abespinhado:

— Eu não tomei o avião para morrer; eu tomei o avião e morri!

Diálogo ultrarrápido

- Eu queria propor-lhe uma troca de ideias.
- Deus me livre!

Do estilo

O que eu mais adoro, depois da precisão, são os expletivos.

Da pontuação

E o que mais me encantava em Gabriela é que ela usava o meu nome como ponto e vírgula.

Da preguiça

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

Dos enredos

Há enredo e enredo. O enredo puramente anedótico é um outro mais sutil, feito de não sabemos o que, mas que nos prende com uma rede invisível. Nos contos de Tchekov, às vezes parece que não aconteceu nada... Aconteceu apenas a vida!

Adivinha tirada de um poema

“negras flores que se abrem sob a chuva...”

Mapa-múndi

A facilidade de comunicações acabou com esses tanques em que floresciam as diferentes culturas. Quando antes se olhava o mapa-múndi e via-se cada país de um colorido diferente, podia-se tomar isso ao pé da letra. É verdade que o mundo continuou a ser uma colcha de retalhos; mas são todos da mesma cor. Bombaim, Roma, Tóquio, que se escondiam, cada um com seu peculiar mistério, nos compartimentos estanques da sua própria civilização, agora, a julgar pelos filmes, estão perfeitamente padronizados, universalizados.

E, no mundo de hoje, para desconsolo dos descendentes de Sindbad e de Marco Polo, a única cor local das cidades famosas são os turistas.

O supremo castigo

Em todos os aeródromos, em todos os estádios, no ponto principal de todas as metrópoles, existe — quem é que não viu? — aquele cartaz...

De modo que, se esta civilização desaparecer e seus dispersos e bárbaros sobreviventes tiverem de recomeçar tudo desde o princípio — até que um dia também tenham os seus próprios arqueólogos — estes hão de sempre encontrar, nos mais diversos pontos do mundo inteiro, aquela mesma palavra.

E pensarão eles que Coca-Cola era o nome do nosso Deus!

Da vida solitária

Os eremitas deixavam apenas as más companhias pela má companhia.

Das crenças

Numa de nossas ocasionais conversas fiadas, ontem de noite disse-me o porteiro: “rato depois de velho vira morcego”. Olhei-o atentamente. Era um velho porteiro. Não estava brincando. Devia ser teimoso como todos os velhos. Seria pedante da minha parte tentar convencê-lo de que a sua História Natural não o era muito... Deixá-lo! Afinal, por que os ratos velhos não haveriam de virar morcegos, da mesmíssima forma que as velhas solteironas viram postes de fim de linha? Da mesma forma que os meus leitores desatentos viram fumaça inconsistente e os leitores incrédulos não viram nada... (E daí, você viu ou não viu?!) Pois é uma grande coisa escutar sem contradizer.

Me lembro que, quando menino, nada retruquei quando uma velha cozinheira preta me assegurou que seria muito, muito rica no Céu... Seria loira, também? Já não me lembro.

E, em criaturas de outro estágio cultural, também existem crenças de que não me seria lícito duvidar. Imaginem se, por acaso, com os meus argumentos, eu conseguisse destruí-las! Que teria para lhes dar em troca?

Nunca se deve tirar o brinquedo de uma criança...

História do fim do mundo

Cinco minutos depois que todas as nações do mundo decretaram mobilização geral, houve a imobilização geral.

FC

No fim a gente acaba descobrindo que até a imaginação tem um teto. E muito baixo até. Agora, só me contentaria um livro de ficção científica escrito por um habitante de Sírius.

Primavera scapigliata

Primavera?! A primavera, entre nós, é uma licença poética.

Dos grilos

A noite dorme um sono entrecortado, alfinetado de grilos.

O sapo

Empapuçado, balofo, os olhos fixos de preocupação, ele mais parece um velho burguês que passou a noite na farra.

Conversa noturna

— O mais triste do vento do deserto é que é um vento analfabeto —
dizia um vento da cidade a uma tabuleta oscilante.

— Não — rinchava a tabuleta —, o mais triste do vento do deserto
é que ele não tem recordações.

— Sempre sentimental, essa velha pintada... — pensou consigo o
vento da cidade, passando adiante.

O vento da cidade era um pedante.

O lampião da esquina não dizia nada: ardia de febre.

O menino e o rei

Palavra! Não sei qual a vantagem daquele guri que descobriu que o rei estava nu.

Faltava-lhe imaginação — dom exclusivo da criatura humana e signo da sua realeza. Os animais não progridem por falta de imaginação.

E eu só perdi minha indiferença congênita às ciências exatas no dia em que ouvi falar nas geometrias não euclidianas.

Da beleza clássica

O nariz grego, hoje, nos parece um nariz postiço. Não pega.

Decadência e esplendor da espécie

Não sei o que terá acontecido com a espécie humana.

Esta ausência de pelos... Para os outros mamíferos a nossa nudez pode parecer repugnante como, para nós, a nudez dos vermes.

E, depois, a nossa verticalidade é antinatural. Estas mãos pendendo, inúteis, são ridículas como as dos cangurus sentados.

Se fôssemos peludos e quadrúpedes, ganharíamos muito em beleza e, sem a atual tendência à adiposidade, poderíamos ser quase tão belos como cavalos.

Felizmente, inventou-se a tempo o vestuário, que, pela variedade e beleza (a par de sua utilidade em vista do fatal desabrigo em que ficamos), redime um pouco esta degenerescência.

E acontece que inventamos também o mobiliário, os utensílios: no caso vigente, esta cadeira em que escrevo sentado a esta mesa, à luz artificial desta lâmpada.

E ainda este ato de escrever, isto é, de expressar-me por meio de sinais gráficos, é mais uma prova da nossa artificialidade.

Mas quem foi que disse que eu estou amesquinhando a espécie? Quero apenas significar que, em face das suas miseráveis contingências, o homem criou, além do mundo natural, um mundo artificial, um mundo todo seu, uma segunda natureza, enfim.

O homem, esse mascarado...

Não despertemos o leitor

Os leitores são, por natureza, dorminhocos. Gostam de ler dormindo.

Autor que os queira conservar não deve ministrar-lhes o mínimo susto. Apenas as eternas frases feitas.

“A vida é um fardo” — isto, por exemplo, pode-se repetir sempre. E acrescentar impunemente: “disse Bias”. Bias não faz mal a ninguém, como aliás os outros seis sábios da Grécia, pois todos os sete, como há vinte séculos já se queixava Plutarco, eram uns verdadeiros chatos. Isto para ele, Plutarco. Mas, para o grego comum da época, deviam ser a delícia e a tábua de salvação das conversas.

Pois não é mesmo tão bom falar e pensar sem esforço? O lugar-comum é a base da sociedade, a sua política, a sua filosofia, a segurança das instituições. Ninguém é levado a sério com ideias originais.

Já não é a primeira vez, por exemplo, que um figurão qualquer declara em entrevista:

“O Brasil não fugirá ao seu destino histórico!”

O êxito da tirada, a julgar pelo destaque que lhe dá a imprensa, é sempre infalível, embora o leitor semidesperto possa desconfiar que isso não quer dizer coisa alguma, pois nada foge mesmo ao seu destino histórico, seja um Império que desaba ou uma barata esmagada.

Alma & forma

Dizes que a beleza não é nada? Imagina um hipopótamo com alma de anjo... Sim, ele poderá convencer alguém da sua angelitude — mas que trabalheira!

Conto de horror

E um dia os homens descobriram que esses discos voadores estavam observando apenas a vida dos insetos.

Verão

Há sempre, afastada das outras, uma nuvenzinha preguiçosa que ficou sesteando no azul.

Outono

É uma borboleta amarela? Ou uma folha que se desprende e que não quer tombar?

As formigas

O que há de mais tocante nesses infindáveis carreiros de formigas é que elas parecem umas formiguinhas...

Ponte

Esses que se debruçam no parapeito de uma ponte têm vocação suicida. Apenas vocação. São uns suicidas crônicos.

Limitação

A admirável arte poética de Paul Geraldy e Guilherme de Almeida... Mas, pelo visto, a arte da poesia para eles era uma arte de cantar mulher.

Urbanismo

Para as nossas cidades metálicas, que melhor ornamentação que os cactos? Se não por outros motivos, já bastava o seu próprio nome — cacto — tão adequadamente cacofônico.

A coisa

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.

Nada perdem por esperar

Adeus, ó gentes da comunicação em quadrinhos! Adeus... eu voltarei ao mundo quando vocês tiverem redescoberto a escrita.

Antigas e modernas leituras

O público leitor é tímido: confunde altissonância com gênio: a imensa voga que teve na América um Vargas Villa e, na Europa, um D'Annunzio... Ninguém mais escuta esses megafones. E por aquela mesma época, pelo menos no Brasil, o público adorava quem escrevia difícil. Ninguém mais lê Coelho Netto, é verdade. Mas para quê? Surgiram outros...

Das indagações

A resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

O sobrevivente

E eis que, de todo aquele espantoso terremoto de Nicarágua, sobrou, como sempre, o poeta Rubén Darío.

Velhos & moços

A presunção — tão desculpável e divertida nos moços — é o mais certo sinal de burrice nos velhos. O verdadeiro fruto da árvore do conhecimento é a simplicidade.

Conto azul

Certa vez, tinha eu quinze anos, inventei uma história que principiava assim:

“A primeira coisa que fazem os defuntos, depois de enterrados, é abrirem novamente os olhos.”

Mas fiquei tão horrorizado com essa espantosa revelação que não me animei a seguir avante e a história gorou no berço, isto é, no túmulo.

Álbum para colorir

Não, não foi por humor negro que pus no que leste acima o título de Conto Azul. Costumamos pintar sempre de azul tudo o que se passou nos nossos quinze anos — talvez por um instinto de compensação.

Mas a infância, ó poetas, não é mesmo azul? Quanto a mim, eu venho há muito desconfiando de que a infância é uma invenção do adulto.

E o passado uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor.

A definição

No meu quebra-cabeça de hoje acabo de descobrir este admirável conceito:

“Intervalo quadrado entre os triglifos de um friso dórico.”

Paciência!, não te direi o que seja... E é melhor assim. O mistério faz parte da beleza.

Ressalva

Poesia não é a gente tentar em vão trepar pelas paredes, como se vê em tanto louco por aí: poesia é trepar mesmo pelas paredes.

O meio e os meios

Não me espantam esses escritores que são, evidentemente, o genuíno produto do meio. Mas os que são um produto contra o meio. Exemplo? Um Edgar Allan Poe. E, entre nós, Machado de Assis.

Quanto ao velho Machado, direis que o seu temário, a sua vivência, que o seu meio, em suma, nada podia ser mais brasileiro.

O seu meio, sim; mas os seus meios, não. O próprio estilo dele (delícia minha) decerto que se afigurava, aos frondosos escritores da época, um verdadeiro antiestilo. Cruzes! Seria ele o Anticristo?

E fico a imaginar o que teria dito, então, o Coelho Netto para o Graça Aranha:

— Não há de ser nada, meu velho, não há de ser nada... A nossa salvação é o Ruy Barbosa.

Frase ouvida por acaso

— Os monstros têm olhos azuis...

Contingências

Pobre se engasga com cuspe.

Bilhete

“Ah! que la vie est quotidienne!” — ainda se queixa às vezes, debaixo da minha cama, o poeta Jules Laforgue. Digo debaixo da minha cama porque ele já foi outrora meu poeta de cabeceira... e é ali mesmo que ele está morando com outros fantasmas — agora que as casas não têm mais porões. Nem queiras, velho poeta esquecido, vir dar uma olhada a este nosso mundo. Como sempre, novidades, mesmo, não existem: só existem modas.

Sortilégio

Inexplicavelmente, uma lagartixa na parede do banheiro. Deixá-la! Como não poupar aquele bicharoco que, ao nos pressentirmos um ao outro, ali ficou subitamente imóvel, com a elegância decorativa de um broche?

Diálogo

— Você se casou?

— Não tiveram tempo...

Do folclore

O mal dos que estudam as superstições é não acreditarem nelas. Isso os torna tão suspeitos para tratar do assunto como um biologista que não acreditasse em micróbios.

A imagem e os espelhos

Jamais debes buscar a coisa em si, a qual depende tão somente dos espelhos.

A coisa em si, nunca: a coisa em ti.

Um pintor, por exemplo, não pinta uma árvore: ele pinta-se uma árvore.

E um grande poeta — espécie de rei Midas à sua maneira —, um grande poeta, bem que ele poderia dizer:

— Tudo o que eu toco se transforma em mim.

Destino atroz

Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando os escreve e, por último, quando declamam os seus versos.

Mistérios

Conhecer o mistério de um corpo é talvez mais importante do que conhecer o mistério de uma alma.

A pesca maravilhosa

Uma associação de rimas é tão legítima como uma associação de ideias. E mais imprevista, sim. Nem me venham com essa de que não há nada mais previsível do que uma rima. Deem-se as mesmas rimas a diferentes poetas e de cada poeta brotará um poema diferente. Agora, se o rio do poeta não for lá muito piscoso — que culpa tem o anzol?

Imaginação

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

Equívoco

A Art poétique de Boileau, sim... mas que extraordinária Arte da Prosa.

Os incompreendidos

Não sei se alguém já descobriu que a sutilíssima arte desses palhaços de circo está justamente na graça que eles não têm.

Venezianas

Venezianas que não sejam verdes são um revoltante crime contra a natureza.

Educação

O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.

Poesia & magia

A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.

Texto & pretexto

O tema é um ponto de partida para um poema e não um ponto de chegada, da mesma forma que a bem-amada é um pretexto para o amor.

Do cômico

Qual a essência do cômico?

Um homem de perna de pau nos deixa indiferentes, polidamente indiferentes.

Mas três homens de perna de pau andando juntos na rua... Essa não! Por que estás rindo?

Nevoeiro

Desconfio muito que, nos dias de nevoeiro, os fantasmas aproveitam para passear incógnitos pelas ruas...

Azar

Quando guri, eu tinha de me calar, à mesa: só as pessoas grandes falavam. Agora, depois de adulto, tenho de ficar calado para as crianças falarem.

Pressa & contemplação

Li há tempos que num desses exóticos países do Oriente... O adjetivo “exótico” explica que a coisa se passou em fins do século passado. Pois aconteceu que no referido país um engenheiro inglês queria convencer o respectivo xá, ou qualquer título que tivesse, que, em nome do progresso, era urgente a construção de uma estrada de ferro. E findou assim seu arrazoado:

A estrada de ferro fará com que, em vez de trinta dias a lombo de camelo, a viagem da capital à fronteira seja apenas de um dia.

— Mas — objetou o soberano — o que é que vamos fazer dos 29 dias que sobram?

É o único exemplo que conheço da propalada sabedoria oriental. O que tem feito o Oriente, de Pedro, o Grande, a Mao Tse-tung, é macaquear o Ocidente, na indumentária, nos costumes, nos processos políticos, contribuindo assim, como colaboracionistas, para o imperialismo ocidental.

Sinal vermelho

Em certos trechos da cidade, a sinaleira do tráfego não é automática, mas humana, isto é, há um homem a distribuir a seu bel-prazer os verdes e os vermelhos. Mas eis que aquele homem de profissão humilde dá preferência aos que possuem automóvel — e que exatamente por andarem mais depressa, podem esperar um pouco mais —, de modo que nós, os pedestres como ele, temos de aguardar um tempo enorme até que se nos abra o sinal verde. E às vezes ao frio, ao vento, à chuva. Concluirei daí que a máquina é mais humana do que o homem? Não, ele é que é humano mesmo. E quem foi que falou em puxa-saquismo? O que se pode concluir, com justeza, é que a máquina é mais democrática.

Trecho de diário

Vi uma guriazinha vindo pela calçada, de pé no chão, e arrastando, preso a uns cordéis, o seu par de sapatos. Eles a seguiam que nem dois cachorrinhos. Uma verdadeira “hippie” — mas ainda em estado de puro lirismo.

Coisas perdidas na cama

Ora, direis, como se podem perder coisas num universo tão estreito? E eu vos direi, no entanto, que nenhum universo pode ser estreito. Perguntai aos microscópios. É que me lembrei agora de Dona Vituca, no seu leito de morte, onde ela viveu tão longo tempo, e de onde fazia, às vezes, um escarcéu medonho com a criadinha atarantada:

— Balbina, onde é que está meu Santo Antônio?!!

Balbina afinal descobria o santinho caído entre o colchão e a guarda da cama.

— Não, este não. É aquele Santo Antônio rendadinho...

O qual era enfim descoberto no chão, de encontro à parede, com o rendilhado retangular sujo ou — supremo horror — rasgado!

Inútil guardar os santinhos (não se podia dizer mais apropriadamente “figurinhas” nem a ninguém ocorria fazê-lo), inútil guardá-los na gaveta da mesa de cabeceira: os santinhos, martirizados com a cambulhada de carretéis, latas de pastilhas, ovos de costura, acabavam sempre sumindo pelos fundos.

Certa vez arranjei, para eles, uma caixa vazia de charutos. Tinha um belo perfume de havana. Mas parece que esse não era um odor de santidade. Jamais me esquecerei do olhar que me lançou Dona Vituca. Seus lábios moveram-se para falar, mas imobilizaram-se de súbito. Comigo não valia a pena, comigo não adiantava, com certeza eu já era um caso perdido.

Nunca o saberei, pois acredito que nós dois estaremos (ela já está) em faixas ou canais diferentes das tevês do outro mundo. Isto me é tão penoso que resolvo mudar de assunto, citando de passagem a única coisa que não se perdia no leito de Dona Vituca: o grande álbum de cartões-postais, cada qual mais lindo como eu os achava então, cada qual mais horrível como os achei depois. E na verdade não sei como os acharia agora, mas creio que novamente lindíssimos.

A fase azul

Havia um tempo em que o céu mirava-se nos meus olhos e não meus olhos no azul do céu, o que não é nenhuma novidade, porque todo o mundo já passou por essa fase: só tem que nem todos se lembram.

A transposição

Também me lembro que quando eu era gurizote e briguei mais uma vez para sempre com a Gabriela, deixei-a ali na praça (era domingo, depois da missa) e fui passar pela sua casa, pela sua calçada, pela sua rua.

Epígrafe para uma antologia lírica

Amor, quantos crimes se cometem em teu nome!

Acontece que

Como todos os indivíduos profundamente sentimentais, acontece que tenho verdadeiro horror ao sentimentalismo verbal.

Daí, certos toques de “humour” nos meus poemas. Uns toques de impureza, pois.

E na verdade te digo que poeta puro, mesmo, “na santidade da sua nudez”, só mesmo a Cecília Meireles.

A nossa Cecília que, a 9 do mês de novembro em que escrevo estas linhas, faz exatamente cinco anos que não morreu.

Semântica

Dizeis que tudo é amor e eu vos direi que a fome é tudo; tanto assim que o verbo comer, na insondável sabedoria do povo, também significa possuir carnalmente.

Intrusão

O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente.

Arte poética

Esquece todos os poemas que fizeste.

Que cada poema seja o número um.

O poema

O poema é um objeto súbito:

Os outros objetos já existiam.

Contrição

Bem que eu desejaria entender tanto de poesia como certos críticos, mas aí, então, não conseguiria fazer um único verso...

Tic-tac

Esse tic-tac dos relógios é a máquina de costura do Tempo a fabricar mortalhas.

Só

A coisa mais solitária que existe é um solo de flauta.

Reticências

As reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho.

Botânica

A verdadeira couve-flor é a hortências.

Sala de espera

A sensação póstuma com que folheamos essas revistas atrasadas na sala de espera dos consultórios médicos.

Atividades noturnas

Ah! esses vizinhos habilidosos que estão sempre consertando coisas, martelando coisas, nas horas mais insólitas, enquanto eu me acho entregue apenas a este silencioso vício: a leitura.

Presente grego

Com a adição de mais um dia nos anos bissextos — esse indesejado 29 de fevereiro — a gente sempre desconfia que na verdade foi vítima de uma subtração.

Cine

Esse olhar sonhador com que as mulheres saem do cinema onde a heroína do filme sofreu uma curra.

Mistérios da onomástica

— Manuela é nome de mulher de sapo — sentencia Lili. E não adianta perguntar por quê. — Todo o mundo sabe...

Assunto & desassunto

Um autor, primeiro, é assunto. Mas a glória, mesmo, é quando ele vira falta de assunto.

Equilibrismo

As épocas de transição nunca foram idades de ouro, séculos de ouro. São apenas épocas de arame. Que a gente tem de atravessar como o bamboleante fio estendido de um lado a outro do circo. E isto, note-se bem, sem rede de segurança.

(Lá embaixo, na arena, estão rugindo as feras.)

Noturno

Quando as pessoas adormecem é que as coisas acordam, no silêncio da paz recuperada.

O relógio de parede pode agora tricotar descansadamente os seus segundos, sem que ninguém venha meter o nariz no seu trabalho, ora achando-o muito rápido, ora arrastado demais.

Enquanto, na mesmíssima página do Dicionário Biográfico, lá na estante do escritório, os retratos de Napoleão e de Nabucodonosor olham-se atravessado, com grande indignação do imperador, visto que o outro ignora tudo, mas tudo mesmo, a seu respeito...

Isto porque essa gente arquivada só lê o próprio verbete.

Dois de novembro

Ainda há gente que, por preço nenhum, se animaria a entrar num cemitério à noite. Bobagem. Somente no Dia de Finados é que exsurge dentre aqueles mármorees um que outro fantasma. E mesmo esses poucos não prestam a mínima atenção a qualquer vivente — tão ocupados se acham eles em limpar do limo suas próprias lápides, em roubar de outros defuntos algumas flores para as dispor artisticamente ao pé de seus túmulos esquecidos.

Documento

Encontro um caderno antigo, de adolescente. E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento, descubro que eu só fazia literatura. Afinal quando é que um adolescente já foi natural? E, folheando aquelas velhas páginas, vejo, compungido, como as comparações caducam. Até as imagens morrem, dizia Brás Cubas. Quero crer que caduquem apenas. Eis aqui uma amostra daquele “diário”:

“Era tal qual uma noite de tela cinematográfica. Silenciosa, parada, de um suave azul de tinta de escrever.

O perfil escuro das árvores recortava-se cuidadosamente naquela imprimadura unida, igual, que estrelinhas azuis picotavam. Os bangalôs dormiam. Uma? duas? três horas da madrugada? Nem a lua sequer o sabia. A lua, relógio parado...”

Pois vocês já viram que mundo de coisas perdidas?! O cinema não é mais silencioso. Não se usa mais tinta de escrever. Não se usam mais bangalôs.

E ninguém mais se atreve a invocar a lua depois que os astronautas se invocaram com ela.

A dúvida e a certeza

São Tomé — que, como todo o mundo sabe, foi o precursor da dúvida cartesiana — jamais perdeu a obsessão das verdades palpáveis e por isso foi parar no Inferno. Ora, os mais infelizes dentre os infernados são os arrependidos e um destes censurou tristemente a Tomé:

— Viste? Só de teimoso tu perdeste o Céu.

E Tomé:

— O Céu? Não sejas doido... Só existe o Inferno!

Busca

Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andará desperdiçado por aí... Quanto filhotinho de estrela atirado no lixo!

Aula de filosofia

Eu só te poderia dar uma noção do nada se não tivéssemos nascido.
Agora é tarde, é muito tarde, minha filha... Ah, deliciosamente tarde!

Dolorosa interrogação

Por que será que a gente vive chorando os amigos mortos e não aguenta os que continuam vivos?

O último crime da mala

Na mala que nem o Anjo da Guarda, nem o Delegado do Distrito, nem eu mesmo consigo encontrar, está a minha imagem única, fechada a chave — e a chave caída no fundo do mar!

Não adianta chamar escafandro, nem homens-rãs, nem a sereia mais querida, nem os atenciosos hipocampos, nada adianta.

E, por falar em querida, jamais se viu um crime tão perfeito:

— Não existem vestígios de mim.

Trecho de entrevista

— Os Anjos existem?

— Devem existir, por certo, em vista da insistência com que aparecem em meus poemas.

Família desencontrada

O verão é um senhor gordo sentado na varanda e reclamando cerveja. O inverno é o vovozinho tiritante. O outono, um tio solteirão. A primavera, em compensação, é uma menina pulando na corda.

Transferência

Essa fúria de limpeza que ataca periodicamente as donas de casa não será por acaso uma lavagem de consciência culpada?

Triste consolo

Os cirurgiões têm olhos de odaliscas...

Retoque

“O que se há de fazer com um país onde mãe é nome feio?” Creio que foi Rubem Braga que disse isso um dia. Não disse tudo. Se ele fosse eu, com certeza diria:

“O que se há de fazer com um país onde mãe é nome feio e poeta é apelido?”

Verso avulso

O meu amor é belo como um barco!

Constelações

Cruzeiros, Carros, até a Ursa, a maior e a menor, a Cabeleira de Berenice, a Lira, a Balança, o Cão... quanta bobagem descobriram no Céu esses astrônomos birutas! Eu, de ignorante, quando olho o Céu, não vejo nada disso. Apenas vou traçando o teu nome com as estrelas.

Dizia coisas assim

Conheci uma moça meio biruta, que era um encanto. Dizia coisas. Certa vez saiu-me com esta: “O cristal é mais frágil porém muito mais sincero que o bisquit.” Foi assim mesmo que ela disse, sem pausa e sem pontuação: tinha uma frase cantante e ininterrupta como conversa de vento. Um encanto, repito. Seria biruta, mesmo?

Ameaça

As dentaduras expostas nas montras de artigos protéticos parecem dentaduras de antropófagos.

Primazia

O verdadeiro inventor da leitura dinâmica é esse numeroso público acostumado a ler os letreiros nas telas cinematográficas. Eis um dos motivos por que sou contra a dublagem dos filmes. Tirar aos aficionados do cinema a sua costumeira leitura relâmpago é fazer sabotagem à campanha do Mobral — pois abriríamos as salas de projeção exatamente a esses a quem se deveria convencer, antes de tudo, de que o analfabetismo é uma porta fechada.

Ainda a dublagem

Não há quem não reconheça como a voz faz parte de uma personalidade. Imagine-se que horror a Greta Garbo falando com uma voz de falsa grã-fina carioca.

Arte sacra

A dor de ver esses pobres Cristos tão maltratados. Principalmente pelos escultores!

Fé

Uma das coisas que não consigo absolutamente compreender são os que se convertem a outras religiões. Para que mudar de dúvidas?

Os ruídos da cidade

Não, não tenhas escrúpulos: se, alta noite, meteres uma bala no ouvido, os vizinhos pensarão — polidamente — que foi apenas um pneu que estourou.

O citadino

A primeira esquina, encontro uma cara oca, uma cara sem cara... O melhor, o melhor é voltar, o quanto antes, para o quarto. Com o máximo cuidado de não olhar, acaso, para o espelho.

Um encontro com ele

Foi no meio da rua. Uma parada. Um abraço. O outro perguntou-lhe:

— Para onde vai o senhor?

— Para o outro lado.

Ah, vida...

A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis, a vida parece um romance malfeito!

Sinônimos

Confesso que até hoje só conheci dois sinônimos perfeitos: “nunca” e “sempre”.

Galeria

Os quadros são janelas abertas para o outro mundo deste mundo.

Do estilo

O estilo é uma dificuldade de expressão.

O Juca

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chamente em outras coisas, que aliás o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a Extrema-Unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi nem “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido. Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Dos crimes passionais

Os verdadeiros crimes passionais são os sonetos de amor.

Citação

E melhor se poderia dizer dos poetas o que disse dos ventos Machado de Assis: “A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietude a constância.”

Deuses estagiários

Essas imagens dos deuses mortos são os vestuários sucessivamente usados e despidos pelo Deus único e verdadeiro. Continua, contudo, a existir em vários deuses simultâneos, contemporizando, digamos, com a imagem que dele faz cada raça, religião ou criatura. É um só, mas a estagiar nos múltiplos patamares das civilizações e das concepções individuais. Tu, tu mesmo deves estar lembrado do teu Deus de criança, dos pedidos que lhe fazias pessoalmente. Era um Deus ao alcance da tua voz, quase ao alcance da tua mão: Ele morava logo ali por detrás das estrelas que cobriam o pátio de tua casa. Mas o teu Deus de hoje, com ele não tem choro.

Cuidado!

Nosso Senhor não tem o mínimo senso de humor: leva tudo a sério... Com ele não se brinca.

?

Essa pancada que bate isolada em plena insônia e que interrogativamente alonga a sua sílaba única — ahn — é como se o próprio relógio, no escuro, estivesse indagando que horas são...

Projeto de lei

Se é proibido escrever nos monumentos, também deveria haver uma lei que proibisse escrever sobre Shakespeare e Camões.

Leitura

Essa mania de ler sobre autores fez com que, no último centenário de Shakespeare, se travasse entre uma professorinha do interior e este escriba o seguinte diálogo:

Que devo ler para conhecer Shakespeare?

— Shakespeare.

Com efeito

Com efeito, alguns estranharam não haver eu escrito nada sobre o quarto centenário de Shakespeare, festivamente ocorrido em todo o mundo a 23 de abril. Por que haveria eu de escrever? Não sou comemorativo. Tampouco o velho Shakespeare é desses infelizes imortais que só fazem centenários, e nada mais. Sua sensibilidade é a nossa. Sua poesia é humana. Seus tipos, universais. E eu não poderia dizer nada de novo... Só ele mesmo, o próprio. E se vocês acaso se perderem na selva shakespeariana, não faz mal. Antes ficar irremediavelmente transviado no meio daqueles encantos e assombros do que gritar por um expert...

As trinta linhas

Um dia Álvaro Moreyra, já avô, contou-me que seu pai ainda lhe dizia: “Mas, Alvinho, por que tu não escreves coisas de mais fôlego?” E ele, espalmando as mãos num gesto de desculpa: “Mas eu não tenho fôlego, Papai...” Depois desta história, eu não precisava dizer mais nada. Contudo, não me sai da lembrança um professor dos meus tempos de ginásio que, ao darnos o tema para a Redação de Português, dizia: “Não adianta escreverem muito, meninos, porque só leio a primeira página; o resto, eu rasgo.” E assim nos dava, ao mesmo tempo, a primeira e a melhor lição de estilo, obrigando-nos a reter as rédeas de Pégaso e a dizer tudo (que aliás não podia ser muito) nas trinta linhas do papel almaço, contando título e assinatura. A ele, pois, ao saudoso major Leonardo Ribeiro, a minha gratidão e a dos meus leitores.

As mães e as guerras

Se dependesse das mães, não haveria guerras! Mas as filhas preferem os soldados.

A voz

Ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras.

O filho morto

Certa noite confidenciei com um homem sensível num daqueles saudosos cafés da volta do Mercado. Aliás sempre nos encontrávamos com agrado da minha parte, porque ele era poeta mas inteligente, e suas libações não o tornavam monótono ou repetitivo. Seus sonetos me pareciam bons, tinham até um quê de clássico. Compusera um deles em memória de seu filho único, morto na flor da mocidade. Foi naquela noite que ele o recitou para mim, enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. E aconteceu que, tempos depois, numa espera de bonde, um jovem que estava fazendo o serviço militar apresentou-se-me como filho daquele angustiado poeta amigo. Senti-me ilaqueado em minha boa-fé, como vulgarmente se diz, e, na primeira vez que encontrei o poeta, fui logo dizendo:

— Mas Oscar! Como é que tiveste a coragem de me impingires aquele soneto em memória de teu filho vivo?

E ele, com toda a sinceridade:

— Era pra que se morresse.

A resposta, como se vê, foi num estilo nada clássico... mas que mundos e fundos havia nela! A verdade do mundo poético não tem de dar satisfações à verdade do mundo real — eis aí uma tese a defender. Mas fique o leitor descansado: eu não pretendo provar coisa nenhuma... Estou modestamente fazendo uma afirmação.

A face e o espelho

Assim devia ser a relação de autor para leitor: uma face nua num espelho límpido. Mas é tão difícil... Ou a face está mascarada ou o espelho embaciado.

Cesário Verde

Li apenas duas vezes a obra de Cesário Verde. Dele me ficaram dois versos, duas suaves assombrações que, de longe em longe, atravessam, por um momento, minha memória distraída:

“os querubins do lar flutuam nas varandas...”

“enleva-me a quimera azul de transmigrar...”

Dois versos, direis que é pouco para uma obra inteira, de toda uma vida! Há poetas que se contentam com um busto em praça pública.

Pensamento para o teu aniversário

Nem todos podem estar na flor da idade, é claro! Mas cada um está na flor da sua idade.

O muro

E eis que, depois de longos, longos anos, encontrei o Amigo. E vi que ele, com esse mesmo material dos anos, havia construído a sua vida... No entanto, através daquele muro caiado e sólido, como descobrir agora a voz antiga, o sorriso bom do Emparedado?

Dele, só restava o nome como numa lápide.

Os necrológicos

Não é só no homicídio que o problema consiste em ocultar ou sonegar o cadáver; sempre nos vemos em igual contingência diante da morte natural.

Vivo a sonhar o dia em que os necrológicos comecem assim:

“Evaporou-se o Sr. desembargador Dioclécio Fagundes.”

Ou então:

“Volatilizou-se, na madrugada de hoje, a gentil senhorita Celeste Pereira Pinto.”

Sim, porque um dia se hão de inventar umas pílulas por assim dizer eterizantes, que nos tornarão de súbito inteiramente solúveis no ar...

O prato de lentilhas

Numa destas minhas tábuas, falei há tempos de como nos assemelhávamos, os robôs e nós. Eles, com as suas inevitáveis conexões de sinais; nós com as nossas (inevitáveis) associações de ideias. Exemplo: sempre tive horror a lentilhas. Pelo seu gosto? Qual! Só por causa daquele malfadado texto bíblico...

Hein?

E quando um acidentado acorda, perplexo, no Outro Mundo, e indaga dos Anjos que horas são, muito mais perplexos ficam os Anjos.

O problema eterno

Livrar o povo dos demagogos, sim... Mas como livrar Deus dos teogogos?

O mundo misterioso

Leila está nessa idade inquieta e luminosa em que a gente escreve, escreve e não acha editor. De uma novelazinha ultrarromântica e ao mesmo tempo com observações de tão aguda objetividade, que ela me deu para ler, não me saiu da memória esta linha: “... o aspecto acolhedor dos lares sem televisão...”

Mas não é isso mesmo? Agora é muito difícil nos encontrarmos com as pessoas presentes. É a Rádio... é a TV... é o Telestar... e o mais que for... E a gente nunca está onde se acha! Vivemos, sempre e sempre, em comunicação com uns distantes fantasmas.

Mas, deste lado, o que haverá?

Meu Deus! Como será uma alma deste mundo?!

Mágica & mistério

Há espíritos simplistas, que acham que tem de haver uma explicação para tudo.

E que, explicada a coisa, foi-se o mistério!

Principalmente esses que insistem em desmontar os poemas, como se quisessem desmascarar o poeta.

Eles me fazem lembrar aquelas pessoas “espertas” de certa cidadezinha do interior, as quais, indo assistir à função de um mágico, puseram-se a bradar no meio do espetáculo:

“Isso é truque! Não pega! É truque! É truque!”

Mas, para alívio das almas compassivas, acrescento que o pobre mágico sempre conseguiu escapar com vida por trás dos bastidores.

Do nome

— What is a name? — já indagava o Poeta.

Um nome serve, em última instância, para uma lápide.

Ou para uma estátua, geralmente equestre.

E a melhor fase da vida — a mais natural — é quando os pais ainda não escolheram um nome para a gente.

Da dúvida

Os espíritos verdadeiramente religiosos são os que andam e desandam pelas encruzilhadas da Dúvida. Os que atingem a certeza param, satisfeitos. E a certeza, como lá diz o mestre Augusto Meyer no seu Tratado de Metapatafísica, a certeza faz engordar. Exemplo: Santo Tomás de Aquino.

Dos leitores

Há leitores que acham bom tudo o que a gente escreve. Há outros que sempre acham que poderia ser melhor. Mas, na verdade, até hoje não pude saber qual das duas espécies irrita mais.

Dos grilos

Toda a noite os grilos fritam não sei quê. A madrugada chega, destampa o panelão... a coisa esfria.

Das respostas

Não deves acreditar nas respostas. As respostas são muitas e a tua pergunta é única e insubstituível.

Da recordação

A recordação é uma cadeira de balanço embalando sozinha.

Trecho de carta

“Mas, meu caro, isso de partir para o Rio é que é provincianismo!”

Talvez

Repara como o poeta humaniza as coisas: dá hesitações às folhas, anseios ao vento. Talvez seja assim que Deus dá alma aos homens.

Coisas numeradas de um a trinta e cinco

I

Não esquecer que as nuvens estão improvisando sempre, mas a culpa é do vento.

II

Ah, essas esculturas de gaze do vento, sempre errantes entre o céu e a terra, como os sonhos do homem.

III

A Vitória de Samotrácia: vento petrificado.

IV

A Gioconda é uma chata.

V

Há poetas cheios de detritos, que vão arrastando tudo na corrente. Às vezes, quando muito, uma cachorra morta. Às vezes o belo cadáver de Ofélia.

VI

Hamlet, meu condiscípulo de dúvidas.

VII

Há poetas que fazem música de câmara: Verlaine, Laforgue, para apenas citar gente minha... Victor Hugo era outra coisa. Victor Hugo era o General da Banda!

VIII

Mas para que interpretarem um poema? Um poema já é uma interpretação.

IX

Os psiquiatras são incuráveis?

X

Vagas notas esparsas... Leitores há que gostam disso. E até desconfio que, para alguns desses leitores de que tanto gosto, os livros deveriam ser compostos apenas de entrelinhas.

XI

Os velhos, quanto mais velhos, mais vírgulas usam.

XII

O ruim dos filmes de Far West é que os tiroteios acordam a gente no melhor do sono.

XIII

O ruim das negras é que elas nunca parecem despidas.

XIV

Se cortassem as medidas dos filmes japoneses, não sobraria um único de longa metragem.

XV

No mundo não há nada mais importante do que os políticos das cidades pequenas.

XVI

Nós não perdemos os mortos, os mortos é que nos perdem.

XVII

A rede das estrelas é uma incômoda teia de aranha sobre a face da Eternidade.

XVIII

A voz do vento... Ninguém sabe o que o vento quer dizer... Quem me faz uma letra para a voz do vento?

XIX

Um dia de chuva é bom para a gente comprar livros de poemas... Quem perguntar por que, de nada lhe adianta comprar um livro de poemas.

XX

As viagens ilustram, como dizem? As viagens aproveitam alguma coisa? Não sei, mas desconfio que depois da sua visita aos Estados Unidos a Gioconda deve ter voltado com um sorriso muito mais enigmático.

XXI

O que há de terrível nos robôs não é como eles se parecem conosco, mas como nós nos parecemos com eles.

XXII

Buscas a perfeição? Não sejas vulgar. A autenticidade é muito mais difícil.

XXIII

Quanto à arte engajada, eu só te pergunto: — Que significação política tem o crepúsculo?

XXIV

A noite picotada de grilos.

XXV

Maltratar os poetas é indício de mau caráter.

XXVI

Coragem não é documento: os gângsteres também são heróis.

XXVII

A vida nutre-se da morte, e não a morte da vida, como julgam alguns pessimistas.

XXVIII

E, por falar em pessimismo, naquela ainda indecisa mas já histórica manhã de 2 de abril de 1964, ouvi, no largo dos Medeiros, um velho dizer a outro: “A coisa não pode estar boa! Anda muita gente de cara alegre...”

XXIX

Já repararam? Antes, em todas as vitrinas de bric, havia sempre um busto de Napoleão. Agora, sumiram-se! As vitrinas de bric são o último estágio da glória.

XXX

Esses que apreciam num escritor a opulência de linguagem devem ser os mesmos que se babam de puro êxtase diante das senhoras bem fornidas.

XXXI

... ser xifópago deve ser tão incômodo como ser casado...

XXXII

Me lembro de um colega de ginásio que tirou da sua própria cachola e escrevia em seus cadernos e livros, com letra caprichada, o seguinte: “Estudo, és tudo!” Teve o fim que merecia.

XXXIII

Se não fosse Van Gogh, o que seria do amarelo?

XXXIV

A Vênus de Milo tem cabeça e cérebro de ovelha.

XXXV

Por que ainda ninguém se lembrou de pintar uma mulher nua de óculos?

Esta nossa mania

Esta nossa mania de pronunciar corretamente os nomes estrangeiros... O diabo é que, para acertar por palpite, só não os pronunciamos como está escrito. Em 35, no Rio, um sueco, meu companheiro de pensão, me garantiu que Nobel lá se diz Nobél mesmo e não aqui como nestes Brasis: o Prêmio Nóbel, a Coleção Nóbel. Em contrapartida, os estrangeiros não se dão ao mesmo trabalho conosco. Não, não estou me queixando... Eu até gozava imenso um amigo francês que me chamou imperturbavelmente de “Messiê Quintaná” anos a fio, até que um de nós morreu. Era um excelente homem: deve estar no Paraíso.

Resposta

Meu caro Liberato,

Em resposta à sua carta e aos poemas que me enviou, agradeço antes de tudo a sua confissão de ser meu freguês de caderno. Diz-me você que se sente muito a gosto em poetar de mão livre e coração aberto, tanto mais que a poesia, muito antes da época em que o meu jovem chegou a este mundo, “já estava liberta de peias absurdas como o metro, a rima, etc.”. Por isso mesmo é que resolvi chamá-lo de Liberato nesta resposta, embora o seu nome seja muito outro. Mas não é bem assim, Liberato...

O modernismo, ou melhor, o verso-librismo libertou o verso, é verdade, mas não libertou o poeta.

Havia, antes, uma arte poética cujos rudimentos estavam ao alcance de todos e que, se não ensinava a fazer um poema perfeito, ao menos permitia fazê-lo sem imperfeições.

Agora, qualquer poema é uma aventura, boa ou má. O poema livre, como o seu nome o diz, não é obrigado a ter versos de medida clássica, muito embora os possa ter, visto que um bom verso clássico é tão natural ou expressivo como outro qualquer. Mas, se as linhas do poema que você estiver fazendo “livremente” não se complementarem, se o todo não apresentar uma misteriosa unidade, o poema se desagrega. Tudo tem de estar interdependente, como num sistema planetário. O poema livre é um jogo de equilíbrio, prestes a desabar ao mínimo descuido do construtor.

Quanto à armação de um poema em versos regulares, é coisa tão segura como empilhar paralelepípedos.

Também os parnasianos precisavam saber equilibrar-se, é claro, mas trabalhavam com rede de segurança...

Desconfio que você acaba de sofrer uma decepção a meu respeito, pois não lhe apresento nenhuma regra, nem sequer um truque. Não há. Ou, por outra, há. Mas isso depende do livre esforço de cada um. O verdadeiro criador é como esses presidiários que forjam, por si

mesmos, as próprias armas.

Vejo, também, que só tenho raciocinado por imagens... coisa suspeita a um espírito lógico — mas acaso não estou falando com um poeta?

Em todo caso, meu caro Liberato, você estava candidamente enganado em julgar aí consigo que não se precisa suar para fazer um poema livre: precisa-se suar muito mais, por experiência o digo.

E...

Canibalismo

Maneira exagerada de apreciar o seu semelhante.

Meditação

Vício solitário.

Otimismo

Filosofia forçada.

Paul Geraldy

Bombom rançoso.

Picasso

Famoso precursor da Thalidomida.

Tempo

Coisa que acaba de deixar a querida leitora um pouco mais velha ao chegar ao fim desta linha.

Nem tanto ao céu nem tanto à terra

Basta havermos lido Dostoiévski e Tolstoi (como fizeram todos os da minha geração) para não duvidar de que o povo russo é profundamente religioso. Nós, não. E por isso mesmo jamais poderíamos cair, como eles, por transferência, na implacável mística do ateísmo. Eles são fanaticamente ateus. Nós não somos fanaticamente religiosos. Moral da História: o trunfo é nosso.

Da teologia

A teologia é o caminho mais longo para chegar a Deus.

Como vai a poesia?

Naqueles longes tempos, era ele vítima de um cirurgião-dentista que, de repente, do outro lado da sala do café, da outra extremidade do bonde, da calçada oposta, lançava intempestivamente o seu vozeirão:

— Como vai a poesia?

Todas as cabeças que se achavam de permeio voltavam-se então para o Poeta. O Poeta, nu, desmascarado, em meio à multidão! Para evitar esses atentados ao pudor, ele afinal descobriu um meio: fazer a pergunta antes que o outro a fizesse. Mal avistava o dentista, e antes que o mesmo erguesse as trombetas da sua voz, que não lhe soavam propriamente como as trombetas da Fama, mas como as cometas fanhas da Difamação — bradava alvissareiro o Poeta:

— Como vai o maçarico?!

As cabeças de permeio voltavam-se então escandalizadas ou irônicas para o Cirurgião-Dentista. Não porque fosse uma vergonha utilizar esse útil instrumento, mas porque maçarico era mesmo uma palavra muito engraçada, uma palavra que rimava com a dança do sara-pico-pico-pico e com surubico. O resultado de tudo isso foi que os papéis se inverteram: o dentista pegou medo do poeta.

Máquina de escrever

Maria, nunca mais me escrevas a máquina. Isso dá a impressão de falta de sinceridade. Porque, quanto a mim, não sei pensar a máquina. Só a lápis ou esferográfica.

Com a esferográfica, então, e ainda mais quando em papel gessado, o pensamento vai deslizando como esqui sobre a neve, como um trenzinho — tuc, tuc, tuc — atravessando, preto sobre branco, as solidões geladas do norte do Canadá.

Com a máquina é o contrário: os dois fura-bolos com que datilografo são uns magros galináceos bicando, rápidos, vorazes, qualquer sementinha, qualquer grãozinho de ideia que apareça. Nada vingando, nada brotando, e a página que ficou não é propriamente em branco, porque se me afigura um chão de terreiro deserto, poeirento e cheio de cocôs.

E depois, como pode ser íntima uma carta escrita a máquina? Traz ideia de distância, de pequena mas intransponível distância... como um beijo dado de máscara.

Da modéstia

A modéstia é a vaidade escondida atrás da porta.

Biografia

Era um grande nome — ora que dúvida! Uma verdadeira glória. Um dia adoeceu, morreu, virou rua... E continuaram a pisar em cima dele.

Poesia & interjeição

Sempre achei que a semente de onde germina todo verdadeiro poema é uma interjeição. Isto é, um sentimento muito elementar, instintivo. Mas um sentimento, sempre. O eterno romantismo! E depois disto, minha filha, hás de sair dizendo por aí que o nome feio é a forma mais espontânea da poesia.

O velho e o acaso

O velho mendigo que neste momento acaba de encontrar num monte de sucata a lâmpada de Aladino — tão amassada, tão enferrujada e de feitio tão esquisito — eis que ele a abandona e leva em vez dela uma útil chaleira. Uma chaleira sem tampa, digo eu, para os que gostam de pormenores. E não é esta a primeira vez que o acaso, inocentemente, assim estraga uma bela história.

Leituras

— Você ainda não leu *O significado do significado*? Não? Assim você nunca fica em dia.

— Mas eu estou só esperando que apareça *O significado do significado do significado*.

Nome & notícia

Quando, enfim, apareceu o Abominável Homem das Neves montado no Monstro de Lochness, já era tarde para eles. Bem feito! Quem lhes mandou serem tão misteriosos assim? Eles pensavam que ainda eram notícia.

Nem isso: eram apenas famosos.

A ilegível mensagem

É tal a sua pressa de comunicação que eles se esquecem de aprender primeiro a expressar-se.

Dito em voz baixa

Mas você ainda não pensou como seriam esplêndidos os filmes de Chaplin se interpretados por outro?

Em voz mais alta

Os “burgueses” desprezam o pobre e o pária social, sentimento esse que Chaplin levou longe demais ao transformá-lo num palhaço — o Carlitos.

Luz de vela

Os escritores castiços que nos impunham na escola como modelos tinham quase sempre um cheiro enjoativo de vela de sebo — e até hoje desconfio que se chamavam castiços exatamente por causa daqueles castiçais que eles usavam e com os quais percorrem ainda os corredores esconsos da nossa literatura.

Escusado dizer que eram lusitanos, todos eles. Naquele tempo a gente ficava sinceramente maravilhado com as camareiras portuguesas encontradas nos hotéis porque — boas e rudes mulheres que eram, analfabetas até — sabiam no entanto falar “gramaticalmente” e com os pronomes todos no lugar.

Mal suspeitávamos que, sendo outro o ritmo de linguagem no Brasil, igualmente outra deveria ser a posição das tônicas na frase, outras as pausas de espera, outra a harmonia, em suma. Mas, como era ponto de honra saber português de Portugal, era aquela confusão, uma coisa nem outra, uma cacofonia. Escrevia-se, por exemplo, “não queixem-se”, “quem chamou-me?”, “Deus acompanhe-te!” — construções estas tão inexistentes e portanto tão erradas no português de Portugal como no português do Brasil. Se, em vez do pedantismo, procurássemos obedecer à naturalidade, não nos extraviaríamos tanto. Quando um cavaleiro acaso se perde no campo, afrouxa as rédeas... e vai daí o cavalo, isto é, o instinto, acha logo o caminho de casa. A qual, no assunto em trânsito, é a casa brasileira — a nossa casa!

Quando meninote, eu devorava livros com este título: “O que se não deve dizer”, patética e apatetadamente deslembado que uma das coisas que não se deveria dizer, em bom brasileiro, era casualmente isso: “O que se não deve dizer!”

Isso, os próprios lusos compreendiam. Tanto assim que, nos bons tempos de Eça de Queirós, cientes os escritores portugueses de que o melhor mercado de seus livros era o Brasil, procuravam tornar-se obviamente muito mais acessíveis, estabeleciam um compromisso tácito, evitando expressões idiomáticas só por eles usadas. Diziam, por

exemplo: “Pouco se me dá!” Agora, infelizmente, eles estão escrevendo assim, para dizer o mesmo: “Estou-me nas tintas!” É claro que o leitor brasileiro logo adivinha a coisa, mas que se irrita, lá isso irrita-se...

E deu-lhes agora para exportarem “sapatos de cabedal” e outras especialidades do mesmo gênero.

Desgraçadamente para eles, os tempos estão mudados. E até ouvi — quem diria? — de alguém que acabara de folhear (e deixar) a tradução lisboeta de novela policial:

— Puxa! como estão escrevendo mal, esses portugueses...

Mas não há de ser nada... Vamos ler, para esquecer tudo, não qualquer novela policial, mas algumas das encantadoras e tão legíveis histórias do padre Manuel Bernardes. “O frade e o passarinho” — que dizem? E podemos lê-lo sem quaisquer remanescentes escrúpulos de consciência — porque ele era um clássico, afinal! Mas não pingava sebo...

Nós os estelares

Esses que vivem religiosamente se embasbacando ante o espetáculo das inatingíveis estrelas — nunca lhes terá ocorrido acaso que também fazem parte da Via Láctea?

Do trabalho

O trabalho é a farra dos velhos.

Ideias

Não sou desses que um dia pensam uma coisa e no outro dia pensam outra coisa muito diferente. Eu penso as duas coisas ao mesmo tempo. Duas ou mais. Não tenho culpa de ser ecumênico.

Das civilizações

O bom dessas grandes civilizações é que um dia elas se acabam e tudo começa novamente.

Preferências

Prefiro ser alvo de um atentado a ser alvo de uma homenagem: um atentado é mais expedito e não tem discurso.

Teatro lírico

Um dueto de Ópera não te dá a impressão de namoro de gato?...

Noturno

Atenção! O luar está filmando.

O encontro

Eis que descubro um retrato meu, aos dez anos. Escondido, súbito, o retrato. Sei lá o que estará pensando de mim aquele guri!

Confusão

Essas duas tresloucadas, a Saudade e a Esperança, vivem ambas na casa do Presente, quando deviam estar, é lógico, uma na casa do Passado e a outra na do Futuro. Quanto ao Presente — ah! — esse nunca está em casa.

Dos tipos humanos

Os extrovertidos são julgados normais. Quanto aos introvertidos, chegam a submetê-los a tratamento. Mas para curá-los de quê? De não poderem ser chatos, como os outros?

Remissão

Naquele dia fazia um azul tão límpido, meu Deus, que eu me sentia perdoado para sempre não sei de quê.

Mehr licht

Não, esta luz não me engana. É como se houvessem acendido de repente um fósforo no escuro: a chama arde, bruxuleia, morre... Chama que pode durar uns poucos anos, como nós. Ou milhões e milhões de anos, como o mundo. Mas sempre chama, sempre uma pobre chama efêmera.

Da riqueza de estilo

O estilo muito ornado lembra aqueles antigos altares barrocos, tão cheios de anjinhos que a gente mal conseguia enxergar o santo.

Apontamento para um poema

Ó céus de Porto Alegre, como farei para levar-vos para o Céu?

Frêmito

Um ruído assusta o cheiro do jasmineiro.

Complicação

Certo dia me disse um chinês: — Há gente que procura fazer as coisas da maneira mais complicada possível. Cristóvão Colombo, por exemplo. Até hoje não atino por que seria que ele pôs um ovo de pé.

Trecho de entrevista

— Mas por que falar em poesia concretista? Diga-se “concretismo”, apenas, e estará ressaltada a poesia.

Véspera de tempestade

Contra o céu de chumbo, aquelas árvores desesperadamente verdes!

Conto azul

Agarrado à ponta da estrela, acabou me dando uma dormência, mas afinal consegui sacudir o pé e desprendeuse um sapato. Foi cair na cabeça do vigário. Ainda bem que ele não se achava no exercício de suas funções. Estava praticando caridade. E a pobre vítima a quem socorria foi presa por agressão e roubo.

E, como nem o acusado acreditasse na procedência etérea do sapato e o próprio vigário, que voltara a si, era infenso a testemunhar tais implausibilidades — que bem poderiam ser obra do demônio —, não houve outra saída, a bem da ordem natural do mundo, senão aquele homem de boa-fé confessar que aquilo pertencia à pessoa que ele assaltara na penúltima vez. E, como ninguém encontrasse a tal, concluiu-se por homicídio. Agora, só faltava o cadáver.

Meu Deus! esses humanos... Não podiam eles viver sem razões? Ri tanto que me despenquei da ponta da estrela. Com o que, ficou tudo resolvido. Eu era precisamente o cadáver que não tinha um sapato!

E quando voltar a mim (são muito longos os desmaios dos anjos) todos os personagens e assistentes dessa história já terão desaparecido, e talvez a linda e pequena cidade onde ela aconteceu.

Da crítica

Uma definição apenas define os definidores.

Da indiferença

A indiferença é a mais refinada forma da polidez.

Arte & mensagem

Mas esses letreiros luminosos não seriam muito mais belos se fossem escritos em chinês?

What is a name?

Todas as amadas chamam-se Maria.

Das pulgas

As pulgas saltam tanto porque também têm pulgas.

Apenas...

Aula inaugural de uma pequena escola do interior. Os alunos, endomingados como requeria a ocasião. O professor, grave, de preto, voz cava. Pelo que bem se vê que a aula era de português. E eis que no final, tão ansiado pela gente miúda como pela gente grande, ele tossiu, mudou de tom e disse:

— Atenção, meninos! para gravarem melhor a matéria exposta, copiem o esquema que vou traçar no quadro-negro.

Perpassa pela classe um frio de pânico. Esquema?! Meu Deus, que diabo disto seria aquilo?

Mas o professor, que, além de autodidata, era também humano, farejou a angústia daquelas alminhas e esclareceu então, com um esgar bondoso: — uma sinopse, meus filhos, apenas uma sinopse...

Da saudade

A saudade que dói mais fundo — e irremediavelmente — é a saudade que temos de nós.

Nostalgia

A vista de um veleiro em alto-mar remoja a gente no mínimo uns cento e cinquenta anos.

Oh, vida!

... esse gosto ao mesmo tempo resignado e desesperado que tem o vinho com rolha afundada.

O viajante às avessas

... até que o condutor me bateu no ombro: “fim da linha, seu moço”.

Desci. E fui andando, meio desconfiado.

Praças com bancos de madeira, curvos e verdes como as árvores. O pé de moleque do calçamento irregular da rua. Os lampiões de esquina.

O quiosque (um quiosque!) de revistas, cigarros, balas, miudezas.

Mas fui andando, andando — como é que eu sabia o caminho? — e finalmente entrei na velha copa de azulejos, lá onde Tia Tula já estava, como sempre, servindo o gostoso café com leite. Entreprou e disse: — Mas por onde terá andado esse menino?!

Aquele seu jeito, tão dela, de ralhar na terceira pessoa...

E, como eu ainda estivesse com um ar ausente: — Meu Deus, em que será que esse menino pensa tanto?

E acrescentou, baixinho:

— Até parece um velho de sessenta anos!

Para uma história da filosofia

A maior conquista do pensamento ocidental foi o emprego das reticências...

Elegia em cinza

Nas cidades de puro cimento, onde a palavra “folha” é menos que um fantasma, só o vento nos resta... Meu Deus! e se tu fizesses agora mais uma das tuas mágicas — ao menos para colorir o vento!

Achados & perdidos

A memória é um sótão atravancado de objetos inúteis, onde tanto desejaríamos encontrar aquelas coisas perdidas que — de tão perdidas — já nem sabemos mais.

O que sejam...

Do respeito humano

Conviver toda a existência com alguém sem nunca lhe dar a entender que ele perdeu há anos uma perna ou que perdeu um dia a cabeça.

Pausa

Oh! todo o sossego e lucidez das madrugadas, quando o último grilo já parou seu canto e ainda não se ouviu o canto do primeiro pássaro.

Sonho

Um poema que, ao lê-lo, nem sentirias que ele já estivesse escrito, mas que fosse brotando, no mesmo instante, de teu próprio coração.

Cenas

As que ocultam o rosto quando choram é para disfarçarem que estão rindo.

Da alma

A alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe.

Verão

No verão dá cupim na cabeça da gente. Cupim ou caruncho? Será a mesma coisa? Não sei. Nem vou saber agora. Verão é isso mesmo: preguiça de procurar palavras no dicionário.

Do manual do perfeito cavalheiro

Cuidado! deves tocar a campainha tão suavemente como se tocasses o umbigo da dona da casa.

Método de trabalho

Não sei pensar a máquina. Escrevo, isto é, faço o meu trabalho criativo primeiramente a lápis. Depois, com o queixo apoiado na mão esquerda, repasso tudo a máquina com um dedo só.

— Mas isto não custa muito?

— Custar custa, mas dura mais.

Vida

Só a poesia possui as coisas vivas. O resto é necrópsia.

Cá entre nós

Os clássicos escreviam tão bem porque não tinham os clássicos para atrapalhar.

A chata

O que há de irritante numa goteira é que ela parece sempre estar dizendo: me conta, me conta... assim como quem diz como uma louca: me penteia, me penteia, me penteia os meus cabelos.

Mecânica das descobertas

Não era a maçã que estava a cair de madura, mas a lei da gravitação.

Ortografia

Costumava-se distinguir entre criação e criação. Exemplo: a criação de um poema, a criação de galinhas. Era limpo e nítido. Nada de confusões. Mas agora que tudo é um, como diziam os clássicos, ficou irremediavelmente perdido o que escrevi, um dia:

“Deus creou o mundo e o diabo criou o mundo.” E agora? Para explicar tudo isso em mais palavras o que seria um verdadeiro crime — imaginem os circunlóquios que eu teria de fazer... Não faço!

Sinônimos?

Esses que pensam que existem sinônimos, desconfio que não sabem distinguir as diferentes nuances de uma cor.

Elogio do quê

E esses que evitam cuidadosamente os “quês” (parece que o toque de caixa foi dado pelo velho Castilho) o que estão, afinal, é desossando este nosso rude e doloroso idioma... Um idioma durão!

FC

Um dos motivos que me fazem acreditar em nossa origem extraterrestre é que o homem é o único animal que aprecia olhar os incêndios.

A hora

São muitos os que morrem antes, outros depois; o difícil é acertar a hora.

O dificultoso

Le Penseur de Rodin... coitado... nunca se viu ninguém fazendo tanta força para pensar!

História natural

O mais triste nas praias de verão é que nos assemelhamos a um bando de focas tropicais.

Uni-verso

“Treme a folha no galho mais alto” — escrevo. Paro e sorvo, de olhos fechados, o cheiro bom da terra, do capim chovido... Parece que quer vir um poema... Abro os olhos e fico olhando, interrogativamente, a linha que escrevi no alto da página. Depois de longo instante, acrescento-lhe três pontinhos. Assim não ficará tão só enquanto aguarda as companheiras. O vento fareja-me a face como um cachorro. Eu farejo o poema. Ah, todo o mundo sabe que a poesia está em toda parte, mas agora cabe toda ela na folha que treme.

Por que não caberia então em único verso? Um uni-verso.

Treme a folha no galho mais alto. (O resto é paisagem...)

Para que serve um cachorro?

Um cachorro serve para a gente falar sozinho. Que o digam esses errantes vagabundos, a quem pode faltar tudo, menos um cachorro. E essas velhinhas que ficaram sem família. E os meninos que nunca tiveram infância.

Rumo

A gente deve atravessar a vida como quem está gazeando a escola e não como quem vai para a escola.

Do ridículo

Não é por me gabar, mas nunca pude rir das situações ridículas. Nem há nada mais triste neste mundo. Porque o ridículo é a tragédia sem grandeza. Esses maridos que saem a passear os lulus das patroas.

Espantos

O mais espantoso nos velhos é a sua falta de pressa, como se eles dispusessem de todo o tempo que teriam os moços se não tivessem tanta pressa.

Um pouco de geometria

A curva é o caminho mais agradável entre dois pontos.

E daí?

Falam muito no Sono Eterno. Sempre falaram, aliás... E daí?

Daí, só uma coisa me impressiona, e muito: a ameaça de uma Insônia Eterna.

Desnaturalização

Boates, toaletes, quitinetes, ateliês, e assim por diante... E como essas palavras, universalmente usadas, ficam difíceis de reconhecer... E trottoar, como é possível fazer trottoar? Ah, trottoir... agora sim!

E depois, se vamos aportuguesar desse modo todas as palavras estrangeiras, a gente acaba perdendo o pouco de cultura que ainda tem.

Terapias

Pílulas das mais variadas cores, cada uma para as diversas horas do dia. Isso não quer dizer que os curasse, não. Mas sempre dava algum colorido às vidas desses pobres velhotes.

Leitura

Livro bom, mesmo, é aquele de que às vezes interrompemos a leitura para seguir — até onde? — uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada.

Me lembro

É assim que se diz: “me lembro”, quando uma lembrança vem vindo de muito longe; “lembro-me” é quando chega de repente. Me lembro que, ao vir matricular-me no ginásio em Porto Alegre, estava-se terminando de construir o Grande Hotel, que um gato de fogo comeu. Um senhor amigo da família e dado às letras levou-me, por uma daquelas tardes de sábado para as quais se abriam, como para o céu, as portas do internato, a ver as obras do Grande Hotel. Fomos até o cimo do último andar, de onde me aproximei a olhar fascinado a rua e os míseros andantes, lá embaixo. “Cuidado!” — disse-me o cicerone, segurando-me pelo cotovelo e, num tom mais baixo, misterioso: “Cuidado! a atração do abismo...”

Pois aquela revelação amiga da atração do abismo... ah, deu em soneto. Foi publicado na revista do ginásio e terminava falando em certos olhos “que têm a mágica atração do abismo”. Era a imprescindível chave de ouro. Chave de ouro? Duvido muito... Puro latão, isto sim. A idade é que era de ouro!

Pausa

Às vezes, nos dias calmos, apenas se nota uma leve ondulação na relva: são os cavalos do vento que estão pastando.

Durante e depois

Quando eu lia *O Tico-Tico*, uma das coisas que mais me impressionavam era o que os personagens faziam depois de terminada a história.

E ainda hoje acho que romance perfeito é aquele em que acabam morrendo todos os seus participantes, pois só aí poderia o romancista conscienciosamente escrever na última página a palavra FIM.

Em tal sentido, a história de Hamlet quase atinge a perfeição. Lá pelas tantas, diz o príncipe a seu confidente que iria matar-se e este lhe responde que faria o mesmo. Fez coisa nenhuma! O príncipe convenceu-o de que, se todos eles morressem, jamais poderia o velho Shakespeare escrever aquela espantosa tragédia: ninguém sobraria no mundo para contar nada a ninguém...

Só nisto eu discordo de Hamlet: não sei de coisa mais triste do que um herói remanescente. Remanescente e reminescente.

Eu disse que era triste? Pois eles não acham. Em vez de morrerem “jovens e de rosas coroados”, como queria o poeta, ei-los aí, gordos, carecas, empoleirados e com uma memória de morte.

Se há maior desgraça do que ser desmemoriado é ter memória demais. Vocês bem sabem como é, por experiência própria, quando a gente topa com um desses queridos avozinhos que se lembram de tudo: — Ah! os bons velhos tempos! — suspiram eles... e parapapapapá.

Os bons velhos tempos? Mas os tempos são sempre bons, a gente é que não presta mais.

Porém, em vista dos autos, melhor deveria dizer-se, com a mais legítima saudade:

— Ah, os bons maus tempos...

Imagem

O gato é preguiçoso como uma segunda-feira.

Verso avulso

Um elefante caiu do teto.

A estranha verdade

Tudo pode sair muito mais bonito nas fotografias, mas sai muito mais verdadeiro nas pinturas.

Modas

O que há de mais espantoso na moda é que até os filósofos ela faz desfilar pela sua oscilante passarela. Primeiro foi o Sartre, depois o Marcuse — lembram-se? — e agora — quem é que não sabe? — é o MacLuhan. Pobres filósofos... Qual será a próxima vítima?

Até parece que cair nas garras da moda é o primeiro passo para o esquecimento. Mas não exageremos: às vezes essa velha *entremetteuse* engana-se e acerta por acaso.

Da arte de recordar

O que têm de bom as nossas mais caras recordações é que elas geralmente são falsas.

Uma interrogação moderna

— Mas que quer dizer “interlocutor”? Eu só conheço os locutores...

Ainda e sempre

Digam o que disserem, mas a Lua continua sendo o LSD dos poetas.

O doce convívio

Teus silêncios são pausas musicais.

O gosto do dia

O dia passa, a vida continua. E os que pensam que a vida muda com o gosto devem pensar também que o corpo se transforma com as modas.

A moda eterna

Somente nunca sai da moda quem está nu.

Azar

As múmias são indigestas, mas em compensação os recém-nascidos não têm o mínimo teor alimentício.

Satiricon

Fui ver o *Satiricon*, de Fellini. Uma coisa espantosa! Aqueles antigos romanos estavam quase como nós...

Da relativa realização

Mover-se com a máxima amplitude dentro dos próprios limites.

Felizes

Mas felizes, felizes esses peixinhos de aquário: pensam que o seu universo é infinito.

Cuidado!

Ultrapassar-se? Mas como?! A gente só se ultrapassa, mesmo, quando vai para o outro mundo.

Caso clínico

O Destino é o acaso atacado de mania de grandeza.

A grande estrela

Dizem que a época das vedetes já passou... Será? Mas quando nos livraremos desses filmes que estão sempre levando em todos os cinemas e cuja personagem principal é a cama?

Recalque

A gente adocece, mesmo, é de nome feio recolhido.

A geração fatal

Chocante, o caso da minha geração: é, em geral, a história de um menino que nasceu e foi criado numa casa de intolerância.

Acidente de tráfego

Nós vivemos a temer o futuro; mas é o passado quem nos atropela e mata.

Evolução

O que me impressiona, à vista de um macaco, não é que ele tenha sido nosso passado: é este pressentimento de que ele venha a ser o nosso futuro.

Pergunta inocente

... mas por que também não são multados esses motocicletos policiais que, nas rodovias, perseguem os motoristas por excesso de velocidade?

Luz própria

Os sonhos têm luz própria, uma luz que não vem de nenhum sol, de nenhuma lua, de nenhum foco. Está em toda parte. Na próxima vez que sonhares, procura ver se o teu vulto projeta alguma sombra. E se a tua imagem se reflete nalgum espelho. Tolice minha! Nos salões do sonho nunca há espelhos...

Tempo perdido

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua. E o cachorro da casa era um grande personagem. E também o relógio de parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo.

O aventureiro

Sempre que o homem conquista a certeza de alguma coisa: redondeza da terra, heliocentrismo, etc., ele acaba por se chatear soberanamente e, passando por cima das esfinges mortas, parte em busca de novos enigmas, de novas dúvidas, ante a indiferença das pedras, das velhas comadres e das estrelas.

Tão fácil

Nada tão fácil como assassinar hoje em dia uma mulher. Pode ela gritar que nem uma heroína de telenovela. Os vizinhos pensarão que é isso mesmo.

Uma arte perdida

O que estraga as viagens, agora, é o seu rápido destino: de repente já estás em Pequim... Benditos, mil vezes benditos aqueles carrosséis que ensinaram aos meninos de meu tempo a pura alegria de viajar!

Cumplicidade

A “boa ação do dia” predileta dos Anjos da Guarda é fazer os gambás atravessarem o tráfego maluco: quando estes se dão conta, já estão do outro lado...

O especialista

Com a intensificação incessante da poluição sonora — revelou-me a Sibila de Delfos — não está longe o dia em que aparecerão nos jornais anúncios como este: “Dr. Praxedes, especialista em surdificação, compromete-se dentro em seis meses a deixá-lo imune às descargas automobilísticas, aos ruídos infernais do doce lar, à música pop, a determinados programas de TV.”

Precaução

As damas gordas não devem usar vestidos estampados, para não se repetir o que aconteceu certa vez, quando um senhor sentou no colo de uma delas, pensando que fosse uma poltrona.

Fim

E chegará um tempo em que os militares inventarão um projétil tão perfeito, mas tão perfeito mesmo, que dará volta ao mundo e os pegará por trás.

Copélias

Não há que exagerar, nem na beleza. Há mulheres que, de tão belas, parecem que têm cara postiça. Serão robôs? Ou talvez visitantes de outro mundo? A sua perfeição lhes tira a humanidade. Jelena Trubova, mulher aliás nada difícil e que morreu no bombardeio do Hotel Shangai pelos anos 30, queixava-se de que a sua beleza afugentava os homens. Os quais preferiam sair tranquilamente com as outras, cujo encanto não ultrapassava o trivial.

Da perfeição

Não pode haver a menor dúvida a respeito. O ovo é a mais perfeita forma da Criação. Mas como dói!

O problema

Cineastas, romancistas, psicólogos e outros psis — como se preocupam eles com o problema da solidão! Por quê? O único problema da solidão consiste em como preservá-la.

Da arte de fazer visitas

Sempre que o convidavam a uma casa, perguntava-lhes se podia ir com outra pessoa. Combinado! Deixava então os outros conversarem à vontade, enquanto ele fingia que estava escutando.

Mundo

A incessante inauguração do mundo era sempre aos sábados, à tarde — quando se abria o pesado portão dos internatos antigos.

Inventos

Depois que fez a máquina dos mundos, Nosso Senhor espantou-se muito: “Ué! Será que eu consegui descobrir o moto contínuo?”

Oratória

Um orador deveria limitar-se ao essencial. Especialmente nesses discursos de banquete — os quais teriam, todos eles, o texto seguinte:

“Minhas senhoras e meus senhores. Tenho dito.”

Mundo

Naquele tempo não sabíamos, mas se a gente se sentia tão bem lá dentro do circo era porque o seu amplo toldo formava um universo fechado — só para nós.

Verso apócrifo

Un sonnet sans défaut, c'est le crime parfait.

[Boileau — Art

Poétique

Lavoisier

Nada se perde; tudo muda de dono.

Malherbe

Ah! essas eternas rosas de Malherbe.

E por falar em citações

Havia na minha terra um orador popular que terminava assim os seus discursos: “Pois, como disse Ruy Barbosa...” — e lá vinha para cima da gente com uma frase que ele tirava do próprio bestunto.

É claro que todo o mundo aplaudia.

Mal comparando

Do mesmo truque usou o nosso Pinto da Rocha em sua peça *Thalita*, tão combatida na época e quero crer que injustamente esquecida hoje. Pinto da Rocha findava o último ato com uma bela paráfrase em verso da Ave-Maria. Ora, como é que o público iria patear a Ave-Maria?

Até mesmo um ateu consideraria isto um sacrilégio.

Por sinal, lembra-me agora o caso daquele velho folclorista que confessava a seus íntimos: — Palavra! eu não vou muito com isso de Deus... e só não digo nada para não ofender Nossa Senhora e o Menino Jesus.

O nariz coletivo

Nada mais deprimente do que esses retratos de família em que todos têm o mesmo nariz (será postiço?) e onde todas aquelas caras parece que estão pensando:

“Mas como somos iguais, como somos animais!”

Não há de ser nada. Há um anonimato ainda mais sutil. E mais grave. Quando folheamos revistas antigas, espanta-nos que todas aquelas pessoas que aparecem nas fotografias tivessem a mesma expressão. Vai ver que todos pensavam igual! Era a cara da época. Era a cara de fora. Ninguém tinha a cara de dentro. “Também seremos assim?” — indagas agora, na maior frustração. Pergunta supérflua. Devias inquirir: “Serei assim?” E trata, antes, de substituir a tua cara coletiva por uma fisionomia própria. Depois, conversaremos.

Há outras conotações, como hoje se diz. Por exemplo: nos Estados totalitários todas as pessoas têm a mesma cara. A grande manada. O rebanho único. E se acaso aparece um bicho diferente, a solução é simples: caça-se.

Teste

Ontem, quando procurava recordar qual a sequência dos Dez Mandamentos, não consegui ao menos lembrar-me de todos eles. O Diabo sorriu amarelo. Estava garantido o meu lugar no Céu.

A vendedora de violetas

Não te assustes com a cafonice do título. Eu também não acredito que tenham jamais existido as vendedoras de violetas. É dessas coisas falsamente poéticas, pura invencionice para idealizar a miséria misturando-a com flores — ainda mais a violeta, famosa pela sua humildade e modéstia — ôrre!

“A vida é um sonho”

A vida? Pode ser que seja um sonho. A poesia, não. A “possessão poética” não tem sentido passivo. É o mesmo que no palco: um ator, para bem desempenhar o papel de ébrio, deve estar inteiramente sóbrio.

Prosa

E eis que um dia os poetas, para exorcizar a incontinência oral dos românticos e as imponderáveis nuances dos simbolistas, puseram-se a elevar colunas, pórticos, arcos de triunfo — tudo em plena luz meridiana e bebendo leite, muito leite... E escreveram assim umas coisas que tinham as características da mais bela prosa: a precisão de termos, o desenvolvimento lógico, a correção de linguagem.

Eram uns touras, jamais os considereí umas vacas... Mas seriam poetas?

E o mais trágico é que todo o mundo julgava uma gozação da minha parte quando eu proclamava que o mestre Alberto de Oliveira devia ser lido e relido e estudado como um dos grandes prosadores clássicos da língua portuguesa.

Por favor, leiam ao menos “O Paraíba” e venham depois falar comigo.

Das rimas ricas

As rimas ricas acabaram morrendo por falta de recursos. Havia algumas que só eram quatro, o estritamente necessário para os dois quartetos do sonetista. Outras, nem isso... pobre do Emílio de Menezes!

Creio que foi a mesma rimatite que esfrangalhou irremediavelmente os nervos de Edmond Rostand. Mas esse, ao menos, conseguiu executar soberbamente os seus números. E — acreditem — não morreu de entorse. Veio a morrer de tanto tour-de-force. Sob o aplauso entusiástico das arquibancadas.

Natureza

Não, nada de piqueniques! O encanto das paisagens numa tela é que elas não têm cheiro, nem temperaturas, nem ruídos, nem mosquitos. Nada, enfim, do que acontece nas desconfortáveis paisagens reais. Quando estive no Rio, o P.M.C., meu colega, amigo e editor, se ofereceu para “uma tarde destas” me mostrar o Rio. Agradei-lhe horrorizado:

— Não, muito obrigado, Paulinho! Eu sou evoluído: o que mais me agrada no Rio são os túneis.

Creio que ele suspirou de alívio.

Pois bem que ele devia saber, como poeta de verdade, que nunca se deve ser apresentado a uma paisagem. É uma situação embaraçosa. Nem ao menos se lhe pode dizer: “Muito prazer em conhecê-la, minha senhora!”

Esse não pode ser um conhecimento voluntário, aprazado, mas uma lenta osmose inconsciente, de modo que no fim se fique pertencendo à paisagem, e vice-versa.

Não se pode conhecer nada num minuto e só por isso é que os turistas não conhecem o mundo.

Jamais acreditei em observação direta, principalmente quanto à criação poética. Tanto assim que quase dei a um de meus livros o belo título de *O viajante adormecido*. Só não o fiz porque a Gabriela me observou que o poderiam apelidar de “O leitor adormecido”.

Fraqueza minha! E por que não “o leitor adormecido” mesmo? A comunicação poética, no seu mais profundo sentido, não é acaso subliminar? Os poetas que dizem tudo acabam não dizendo nada. Porque a poesia não é apenas a verdade... É muito mais!

A Poesia é a invenção da Verdade.

Um pé depois do outro

Será do tempo? Será do quê? Os meus sapatos rinham, os meus sapatos cantam de alegria. E eu vou andando e aguardando cá de cima — que o seu oculto motivo chegue afinal até meu coração.

O humilde tesouro

Ah, nem queiras saber... A vida é preciosa como um pão roubado!

O sobrevivente

Estranho animal, o escriba, que lhe não basta ver, sentir... mas é-lhe preciso escrever isso tudo e outras coisas, para só então mais intensamente viver. Daí, o seu ar de sobrevivente. De quem ao mesmo tempo está e não está aqui. E, ao encontrar-te, ele sempre te estende a mão como em despedida, já com saudades de agora.

Aproximações

Clair de lune, chiaro de luna, claro de luna... mas os franceses, os italianos e os espanhóis saberão mesmo o que seja o luar, que nós bebemos de um trago numa palavra só?

Que será de mim?

Com essa leitura dinâmica, decerto nem chegarão a me enxergar... Que sobrará de mim eu que só escrevo para os que gostam de ler nas entrelinhas? Que escrevo, como bem sabem os meus fregueses, apenas para os gulosos, e jamais para os glutões.

Impressionador assunto para um desenho-poema

... um anjo depenado...

O herói e a bailarina

Creio que foi Nietzsche que disse que o homem foi feito para guerrear e a mulher para dançar para o guerreiro. Ora! É muito mais humano este meu, este nosso ideal burguês: o homem foi feito para comer e a mulher para servi-lo à mesa.

Compensação

Os homens que se dedicam ao golfe são os que não jogaram bolita quando meninos.

A grave cerimônia

Nós todos levamos o anel da morte e um dia temos de o trocar com ela.

Premissas

A natureza é barroca. O sonho é barroco. Portanto, que teriam vindo fazer neste mundo as colunas gregas?

O tempo e a vida

Não se devia permitir nos relógios de parede esses ponteiros que marcam os segundos: eles nos envelhecem muito mais que o ponteiro das horas.

Cartaz para turistas

Viajar é mudar o cenário da solidão.

O crime não compensa

Herodes ordenou a matança dos inocentes e no entanto o único culpado escapou.

E por falar em compensação

Não sabias? As nossas mortes são noticiadas como nascimentos pela imprensa do Outro Mundo.

Da difícil facilidade

É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

Revelação

Durante as belas noites de tempestade os relâmpagos tiram radiografias da paisagem.

O grande segredo

Os macróbios são macróbios porque não acreditam em micróbios.

Urbanística

Como seriam belas as estátuas equestres se constassem apenas dos cavalos!

Aliás

A única estátua equestre admissível seria a de Lady Godiva.

Sangue e areia

O mais revoltante nas touradas é que os touros não são aplaudidos quando saem vencedores.

Serviço a domicílio

Não deveria caber a um poeta o extrovertido e saltitante encargo de Relações-Públicas. E sim de Relações Íntimas. Isto é, comunicação... a sós.

Notas da cidade

Ah, os ângulos contundentes das atuais construções urbanas...

* * *

O mais triste da arquitetura moderna é a resistência do seu material.

* * *

Havia, não me lembro agora se no País das Maravilhas, da Alice, ou se na Cidade de Oz, uma velha que morava num sapato... E nós que moramos em caixas de sapatos!

* * *

Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos aliás e por isso mesmo muito morredores. E seus herdeiros resolvem sempre vendê-las a construtores de edifícios. Resultado: há anos que venho me mudando: sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor público.

* * *

E como eu fui dizendo logo no início de um poema dedicado a meu amigo o arquiteto e escultor Fernando

Corona:

“Não gosto da arquitetura nova

Porque a arquitetura nova não faz casas velhas...”

Não riam, por favor, que o poema é triste.

* * *

Em todo caso, como vocês já devem ter reparado, é nessas épocas de mudança arquitetônica que se dá a maior instabilidade social e individual.

* * *

Havia antes, por exemplo, os cafés sentados fumados conversados, onde a gente arrasava o mundo, mas renovava o sonho, o ideário, a vida.

* * *

Agora, só existem esses cafés de barranco por onde se passa às pressas e indignamente como numa fila de desaguadouro público. Por isso é que a geração de hoje parece tão no ar. Não tem tempo de sentar. Para bem as sentar as ideias é preciso primeiro sentar-se.

* * *

E quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua cotidiana, sentimos uma vaga inquietação, uma falta de não sei quê. Vai-se ver, é um simples lanço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa construção interior, da nossa estabilidade, em suma.

* * *

E quando põem abaixo, então, a velha casa em que nascemos?!

Estranha curiosidade

O crítico é um camarada que contorna uma tapeçaria e vai olhá-la pelo lado avesso.

Não olhe para a objetiva

Pensar nos leitores — ou num determinado leitor prejudica a naturalidade, de sorte que a única maneira de um autor não fazer pose é escrever para ninguém. E muito menos para si mesmo.

Realidade

O fato é um aspecto secundário da realidade.

Dos cadernos de Drácula

Quando a gente aperta o umbigo das crianças mortas, suas alminhas se espremem de riso lá no Céu.

O berço e o terremoto

Os versos, em geral, são versos de embalar, como eu às vezes os tenho feito, não sei se por simples complacência... ou pura piedade.

Contudo, os verdadeiros versos não são para embalar — mas para abalar.

Mesmo a mais simples canção, quando a canta um Garcia Lorca, desperta-te a alma para um mundo de espanto.

O diabo e a criança

Um dia o Diabo viu uma criança fazendo com o dedo um buraco na areia e perguntou-lhe que diabo de coisa estaria fazendo.

— Ué! não vê? Estou fazendo com o dedo um buraco na areia! — espantou-se a criança.

Pobre Diabo! O seu mal é que ele jamais compreenderá que uma coisa possa ser feita sem segundas intenções.

Uma expressão antiga

No Tempo da Era usava-se esta gostosa expressão pra cima do interlocutor: “Diz isso cantando!” Quando alguém resolve musicar alguma coisa que a gente escreveu, não será mais ou menos isso o que acontece?

O Benson

Leio novelas policiais, não só para tapear a insônia como também porque já passei da idade de ler coisas sérias, mas isto já são outros quinhentos mil-réis e que um dia trocarei em miúdos... Leio, pois, novelas policiais. Só o que me atrapalha é o Benson. Quando estou quase adormecendo — e isto pela página 138, não deixo por menos — aparece-me o Benson! Levo um choque, acordo-me da cabeça aos pés... Quem será o Benson? Dada a sua atuação, deve ser uma personagem importante e que já andava fazendo das suas desde os primeiros capítulos. Mas esses nomes ingleses se parecem tanto.

Impossível diferenciá-los. Se ao menos se chamassem Trompowsky ou Gomensoro!

É verdade que, para dormir, também já experimentei o velho processo de contar ovelhas. Mas entre elas me surgia um Benson. Contudo, esse Benson ovino, eu bem o conhecia. Era aquela ovelha que me despertava da pachorrenta modorra enumerativa, pulando subitamente a cerca e me fazendo arregalar de todo os olhos: “Olha uma ovelha preta!”

O Diabo que a carregue. E a ti também, ó misterioso Benson...

Autobiografia mágica

Nasci no ano da descoberta do gás neon. Alguns leitores, diante disto, compreenderão a inocuidade de mais esclarecimentos.

De um historiador do século CXXXIII

“O curioso é que, nessa mesma época, desapareceram, súbita e misteriosamente, os vestidos de cauda, os iguanodontes e as sobrecasacas.”

Do ideal

As lagartas não podem acreditar na lenda das borboletas — tão antiga entre o seu rastejante e esforçado povo... mas sua felicidade consiste em lembrar, às vezes, o absurdo e maravilha desse velho sonho: o de se transformarem, um dia, em borboletas.

Explicação parcial

No outro dia escrevi que já tinha passado da idade de ler coisas sérias. Vocês vão achar engraçadíssimo, mas aos quinze anos devorei literalmente Dostoiévski e roí com avidez canina não sei quantas ossadas metafísicas. Éramos assim, os da minha geração. A gente queria apenas decifrar o mistério da alma, o sentido da vida, a finalidade do mundo.

No fim, só me restou a poesia, outro enigma.

É que pensei comigo então, passada aquela enorme azia transcendental, se tão formidáveis problemas, não os decifrou Platão, nem Aristóteles, nem outros de igual tamanho... muito menos eu, ou tu, ambicioso leitor.

Da saudosa distância

Antes, muito antes que a rádio houvesse conspurcado os espaços, escrevi em Alegrete um poema de que apenas recordo estes versos:

“entre a minha casa e a tua
há uma ponte de estrelas”.

Era uma ponte de silêncio... Quando muito, uma nova Ponte dos Suspiros. Agora Maria acaba de me telefonar do Rio. Não era a voz dela. Havia algo de mecânico, de metálico, de inumano naquela voz, como se fora a voz de uma maria-robô. Faltava-lhe esse calor humano que só a presença animal de uma pessoa nos pode transmitir... e que faz com que qualquer mentira tenha tanta verdade!

Crônica

Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tecitura de um poema... talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade.

Memórias da cidade morta

Era um poste chamado Espia Só, apelido esse que lhe deram os outros postes. Porque era o último poste do fim da linha e era ele quem espiava a primeira e a última estrela. O primeiro leiteiro e o último bêbado. E via coisas que os outros, enfileirados na rede de iluminação, apenas imaginavam nas suas longas noites de ardente insônia.

Só ele ouvia bem a serenata dos banhados.

Um dia um João-de-barro fez-lhe a casa em cima. Uma casa pobre, limpinha, funcional. Cheia de ordem e amor. — Impossível essas duas coisas juntas, pelo menos no mundo dos homens — assim pensou um João-ninguém.

E continuou pensando assim, até que um dia amanheceu enforcado no poste... Espia só!

Final de conferência

O Doutor Dogmático ajeitou os nasóculos. E decretou: “Meus senhores e minhas senhoras, ilustrados agentes da Censura e demais entidades aqui representadas — como acabei de vos provar, a fantasia está morta.”

E fez um gesto definitivo.

Porém com tamanha infelicidade o fez que, da ponta de cada dedo espetado no silêncio do ar poluído, brotaram-lhe inesperadamente flores súbitas. E nenhuma parecia deste mundo.

(Faltam pormenores.)

Ônibus

Senhoras gordas e funcionários magros.

Bondes

Acabaram-se os bondes amarelos... A frase me saiu em decassílabo, viste? E o metro clássico já faz adivinhar um soneto. Ficou neste verso único.

E deixo o bonde depositado em meu ferro-velho sentimental. Aqui. Parado. Sonhando.

Quem sabe se um dia...

Os intermediários

Não me ajeito com os padres, os críticos e os canudinhos de refresco... Não há nada que substitua o sabor da comunicação direta.

Mesura & desmesura

Shakespeare. Nunca lhe passou pela cabeça o receio do ridículo. Em contrapartida, Racine, com a sua infalível *mésure* é que nos parece às vezes afetado. O que jamais acontece com Shakespeare, apesar de todos os pesares.

Como os grandes homens da História estão acima do bem e do mal, os grandes poetas estão acima do bom e do mau gosto.

O poema

O poema

essa estranha máscara

mais verdadeira do que a própria face...

Causa mortis

Os poetas morrem de parto.

Perna de pau

Uma perna de pau está muito mais próxima da natureza do que uma perna mecânica. E é mais romântica, afinal. Que querem? Pertença ainda à Idade da Madeira. E escrevo isto com a minha caneta de plástico, a esta minha mesa de metal inoxidável e ante a página aberta destas “Histórias Ilustradas” — de onde me espiam coloridamente, no tombadilho de uma fragata, a princesa prisioneira, o pirata da perna de pau e do olho tapado e o belo espécime de um licorne branco, mas que parece alheio a tudo quanto se passa dentro do livro e no lado de fora do livro.

Boas maneiras

Os anjos não dão de ombros, não; quando querem mostrar indiferença, os anjos dão de asas.

O cisne afogado

Aquele cisne que havia em cima de todos os pianos quando havia um piano em todas as casas burguesas, onde, nos serões da Belle Époque, sempre um menino e uma menina atrozmente tocávamos uma valsa a quatro mãos aquele cisne, aquela valsa e aquele par tocante, um dia eu lhes fiz o necrológio num poema que terminava assim:

“É com as palmas das visitas,
Nem se ouvia o rumor das águas infinitas,
Que vinham subindo, subindo...”

Como tantos de nós, sou um sobrenadante daqueles tempos, embora não seja uma Belle Époque — nem tampouco pop. O fato é que passei dos cafés de mesa para os cafés de poleiro, fomos criados num aviário e soltos num potreiro. Para quando o equilíbrio, a calma, o terreno sólido?

Mas já se vai meio século que estamos em pleno maremoto.

E, até que as águas resserenem, continuaremos a bracejar neste entrechoque de extremos — nós, os desequilibrados filhos do Dr. Freud com a Rainha Vitória.

Assunto para uma tese

Da influência do estilo Cantinflas em nossa crítica doutrinária.

Apontamento para um poema

As águas riem como raparigas
à sombra verde-azul das samambaias.

Zoologia

O hipopótamo é um bruto sapatão afogado.

Céus

Cada um deveria ter um céu à parte, um céu que ele próprio escolhesse... Mais ou menos do seu agrado.

Fico a imaginar, por exemplo, que, para o Telmo Vergara, deveria haver um céu com cadeiras na calçada, com longas charlas espaçadas quarentonas sossegadas.

De repente, riscaria o céu do Céu um anjinho cadente. Isso não mudaria o rumo à conversa. Anjinho não se pisa nunca.

Mas... o Paulo Corrêa Lopes... em que céu estaria ele agora, que não manda dizer nada?

Decerto, Paulo, não haverá aí onde estás cem mil portas batendo, batendo, batendo, como num dos teus poemas de angústia aqui da Terra.

Tu nunca foste muito aqui da Terra, Paulo: erravas os caminhos... mas eras bom e amigo... Quem me dera acreditar que estejas agora no que deveria ser o verdadeiro céu, o Céu d'Aquele que disse: Eu sou o Caminho e a Vida.

Não me telefones, Paulo: eu sou tão terra a terra.

Para mim o verdadeiro céu seria encontrar eternamente Maria pela primeira vez. Maria, o Céu? Não! Maria, a Terra Prometida.

Ah! vida... tão comprida... Falemos de outras vidas... Não de mim.

O Erico? Oh, sim. O Erico, feliz, faria turismo no Céu, sem saber que estava no Céu.

E, um dia, nas suas andanças, haveria de pegar em flagrante o Egídio Squeff sentado à sua mesinha predileta, imaginando, com aquele seu sorriso exilado de sempre, como haveria de ser o Céu...

A janela

Sento-me à mesa. Quem sabe? Quem se senta, se tenta... 60, 70, escrevo, arredondando caprichosamente os zeros. E o burro do papel me fica incompreensivelmente olhando, na espera inútil dos 80. O papel está hoje com uma abominável falta de imaginação. Continua, apenas, olhando-me: vazio, mais quadrado do que nunca. Porque o papel é uma janela que, em vez de a gente espiar por ela, ela é que espia para a gente.

Espírito & letra

Falam em decadência da arte de escrever. Mas isso que por aí se vê, essa imprecisão, essa desconexão, é tudo um simples gráfico do espírito do autor. Não me venham, porém, dizer que ele não tem estilo. Tem-no, e muito seu. O estilo continua sendo o homem. Crise de estilo não existe. O que existe é crise de pensamento.

Legítima apropriação

Copio e assino esta frase encontrada no velho Schopenhauer: “A soma de barulho que uma pessoa pode suportar está na razão inversa da sua capacidade mental.”

Comodidade

Os lugares-comuns são cômodos como sapatos velhos. Facilitam a vida, estreitam relações, evitam desconfianças e desentendimentos. E depois, se não fossem os lugares-comuns, o que seria dos oradores de banquetes, dos oradores de palanques comemorativos?

Desde muito

Desde muito que eu desejava escrever um soneto de mãos no bolso. O soneto é que iria de mãos no bolso, por aí... Sim, seria um soneto vagabundo (não me digam que em ambos os sentidos) e que ao partir não imaginasse aonde iria chegar, como tão bem o sabem os sonetos clássicos, os quais se encaminham silogisticamente das premissas para a conclusão. Que nem esses menininhos de óculos que vão direitinho pra escola, sem olhar para os lados.

Mas por que logo um soneto e não um outro poema? Por isso mesmo. Um poema qualquer não tem prazo determinado e às vezes o poeta não atina como há de fazê-lo parar. Como? Quando? Onde? Um soneto, porém, tem sempre um fim: é obrigado a se deter, por força, no décimo quarto verso — esse derradeiro verso que os parnasianos fechavam, luzentemente, com uma pesada chave de ouro.

Até desconfio que deve provir daí a palavra “chavão”.

O meu soneto, no entanto, não levaria chave de espécie nenhuma.

Apenas se acomodaria, ao fim, como quem se houvesse enrodilhado, à noite, contra um portal.

E, nesse portal, haveria uma rótula. E por essa rótula as musas descalças e de cabelos soltos viriam espiá-lo. E suspirariam.

E o suspirado, enquanto isto, a dormir descuidoso, pois um verdadeiro soneto se basta a si mesmo.

Nada mais do que isso pretendiam os sonetos andejes que asilei um dia na *Rua dos Cataventos*.

E como, da sua parte, o autor pretendia que fossem todos eles uns vagabundos de prol, eis que, nas sucessivas edições, dois deles que não me contentavam (o primeiro por demasiado sentimental, o segundo por demasiado mórbido) foram substituídos por outros da mesma época e que eu não sabia por onde andavam quando fiz a recolha para a sua estreia em público.

No mais, tudo como dantes.

Exceto que, para a segunda edição, troquei, no penúltimo verso do

último soneto, a palavra “chorando” pela palavra “cantando”. Ficou muito mais triste.

E agora, se um ou outro saiu com armadura clássica, espero que isso não lhe tenha prejudicado a naturalidade do andar.

O que acabo de escrever não é uma explicação: é apenas um esclarecimento para o Amador de Poemas. Porque um poeta que se explica parece que está desculpando-se... Vocês não acham?

Dupla delícia

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

No tempo da era

O espanto e mal-estar que nos causavam, nas primeiras aulas de História, aqueles que nasceram e morreram antes da nossa Era... Pareciam ter vivido de trás para diante, isto é, de diante para trás — eu não disse que a coisa atrapalhava mesmo? Por exemplo: Heráclito (432 a.C.-380 a.C.), a quem admiro e abomino, porque tudo o que penso ele já havia pensado vinte e três séculos antes. Exemplo mal colhido, aliás: em nossos livros de História é claro que nem constava o nome dele.

Mas esses grandes homens regressivos não eram o pior daqueles espantosos tempos e sim os que nasciam estranhamente acavalados: Tibério, por exemplo, que viu o mundo em 32 a.C. e deixou de vê-lo em 42 d.C. — o que não o impedia, em nada, de ter vivido 74 anos.

Daí o pavor que tinham as crianças à História Antiga, a qual, no entanto, em face da História Contemporânea, era puro Jardim de Infância.

Apesar dos historiadores dramatizantes, o que os antigos cometiam não passava, em última análise, de crimezinhos particulares, ficando às vezes tudo em família, Mas, hoje... quantas razões, quanta dialética, quanta filosofança, quanta teoria para matar a frio!

Fica-se até perguntando se pertencemos acaso à Era Cristã.

Carta

Meu caro poeta.

Por um lado foi bom que me tivesses pedido resposta urgente, senão eu jamais escreveria sobre o assunto desta, pois não possuo o dom discursivo e expositivo, vindo daí a dificuldade que sempre tive de escrever em prosa. A prosa não tem margens, nunca se sabe quando, como e onde parar. O poema, não; descreve uma parábola traçada pelo próprio impulso (ritmo); é que nem um grito. Todo poema é, para mim, uma interjeição ampliada; algo de instintivo, carregado de emoção. Com isso não quero dizer que o poema seja uma descarga emotiva, como o faziam os românticos. Deve, sim, trazer uma carga emocional, uma espécie de radioatividade, cuja duração só o tempo o dirá. Por isso há versos de Camões que nos abalam tanto até hoje e há versos de hoje que os pósteros lerão com aquela cara com que lemos os de Filinto Elísio. Aliás, a posteridade é muito comprida: me dá sono. Escrever com o olho na posteridade é tão absurdo como escreveres para os súditos de Ramsés II, ou para o próprio Ramsés, se fores palaciano. Quanto a escrever para os contemporâneos, está muito bem, mas como é que vais saber quem são os teus contemporâneos? A única contemporaneidade que existe é a da contingência política e social, porque estamos mergulhados nela, mas isto compete melhor aos discursivos e expositivos, aos oradores e catedráticos. Que sobra então para a poesia? — perguntarás. E eu te respondo que sobras tu. Achas pouco? Não me refiro à tua pessoa, refiro-me ao teu eu, que transcende os teus limites pessoais, mergulhando no humano. O Profeta diz a todos: “eu vos trago a Verdade”, enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada um: “eu te trago a minha verdade”. E o poeta quanto mais individual, mais universal, pois cada homem, qualquer que seja o condicionamento do meio e da época, só vem a compreender e amar o que é essencialmente humano. Embora, eu que o diga, seja tão difícil ser assim autêntico. Às vezes assalta-me o terror de que todos os meus

poemas sejam apócrifos!

Meu poeta, se estas linhas estão te aborrecendo é porque és poeta mesmo. Modéstia à parte, as digressões sobre poesia sempre me causaram tédio e perplexidade. A culpa é tua, que me pediste conselho e me colocas na insustentável situação em que me vejo quando essas meninas dos colégios vêm (por inocência ou maldade dos professores) fazer pesquisas com perguntas assim: “que é poesia? Por que se tornou poeta? Como escreve os seus poemas?” A poesia é dessas coisas que a gente faz mas não diz.

A poesia é um fato consumado, não se discute; perguntas-me, no entanto, que orientação de trabalho seguir e que poetas debes ler. Eu tinha vontade de ser um grande poeta para te dizer como é que eles fazem. Só te posso dizer o que eu faço. Não sei como vem um poema. Às vezes uma palavra, uma frase ouvida, uma repentina imagem que me ocorre em qualquer parte, nas ocasiões mais insólitas. A esta imagem respondem outras. Por vezes uma rima até ajuda, com o inesperado da sua associação: (Em vez de associações de ideias, associações de imagens; creio ter sido esta a verdadeira conquista da poesia moderna.) Não lhes oponho trancas nem barreiras. Vai tudo para o papel. Guardo o papel, até que um dia o releio, já esquecido de tudo (a falta de memória é uma bênção nestes casos). Vem logo o trabalho de corte, pois noto logo o que estava demais ou o que era falso. Coisas que pareciam tão bonitinhas, mas que eram puro enfeite, coisas que eram puro desenvolvimento lógico (um poema não é um teorema), tudo isso eu deito abaixo, até ficar o essencial, isto é, o poema. Um poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo ser da Criação.

Como vês, para isso é preciso uma luta constante. A minha está durando a vida inteira. O desfecho é sempre incerto, Sinto-me capaz de fazer um poema tão bom ou tão ruinzinho como aos dezessete anos. Há na Bíblia uma passagem que não sei que sentido lhe darão os teólogos; é quando Jacob entra em luta com um anjo e lhe diz:

“Eu não te largarei até que me abençoes.” Pois bem, haverá coisa melhor para indicar a luta do poeta com o poema? Não me perguntes, porém, a técnica dessa luta sagrada ou sacrílega. Cada poeta tem de descobrir, lutando, os seus próprios recursos. Só te digo que deves desconfiar dos truques da moda, que, quando muito, podem enganar o público e trazer-te uma efêmera popularidade.

Em todo caso, bem sabes que existe a métrica. Eu tive a vantagem de nascer numa época em que só se podia poetar dentro dos moldes clássicos. Era preciso ajustar as palavras naqueles moldes, obedecer àquelas rimas. Uma bela ginástica, meu poeta, que muitos de hoje acham ingenuamente desnecessária. Mas, da mesma forma que a gente primeiro aprendia nos cadernos de caligrafia para depois, com o tempo, adquirir uma letra própria, espelho grafológico da sua individualidade, eu na verdade te digo que só tem capacidade e moral para criar um ritmo livre quem for capaz de escrever um soneto clássico. Verás com o tempo que cada poema, aliás, impõe a sua forma; uns, 45 canções, já vêm dançando, com as rimas de mãos dadas, outros, os dionisíacos (ou histriônicos, como queiras) até parecem aqualoucos. E um conselho, afinal: não cortes demais (um poema não é um esquema); eu próprio que tanto te recomendei a contenção, às vezes me distendo, me largo num poema que lá vai seguindo com os seus detritos, como um rio de enchente, e que me faz bem, porque o espreguiçamento é também uma ginástica. Desculpa se tudo isso é uma coisa óbvia; mas para muitos, que tu conheces, ainda não é; mostra-lhes, pois, estas linhas.

Agora, que poetas deves ler? Simplesmente os poetas de que gostares e eles assim te ajudarão a compreender-te, em vez de tu a eles. São os únicos que te convêm, pois cada um só gosta de quem se parece consigo. Já escrevi, e repito: o que chamam de influência poética é apenas confluência. Já li poetas de renome universal e, mais grave ainda, de renome nacional, e que no entanto me deixaram indiferente. De quem a culpa? De ninguém. É que não eram da minha família.

Enfim, meu poeta, trabalhe, trabalhe em seus versos e em você mesmo e apareça-me daqui a vinte anos. Combinado?

Da arte pura

Dizem eles, os pintores, que o assunto não passa de uma falta de assunto: tudo é apenas um jogo de cores e volumes. Mas eu, humanamente, continuo desconfiando que deve haver alguma diferença entre uma mulher nua e uma abóbora.

Hamletiana

Ser ou estar... eis a questão!

Assunto para um conto

Um santo homem que, na sua humildade, se fez pecador, porque achava que não merecia o Céu.

Diálogo no céu

— Mas aquelas mocinhas lá embaixo, naquela sala grande, não estão rezando?

— Não, meu santo, estão mastigando chiclete.

Conversa de cemitério

— Como vai você aí, vizinho?

— Oh! em excelente estado de putrefação.

Pearl Harbour

Ainda me lembro do susto que levei (“É o fim! Estamos perdidos, Maurício...”) quando os japoneses atacaram Pearl Harbour. Só no dia seguinte vim a saber, por um mapa publicado na imprensa, que Pearl Harbour não ficava no Atlântico, e sim no Pacífico... Uft! Têm aí os srs. professores um exemplo quase letal dos inconvenientes da incultura. Mas, no meu caso, o grande consolo é que toda essa ignorância geográfica devia provir, pelo contrário, da minha vasta cultura francesa.

Mudança

O mais difícil na morte é acomodar-se a gente aos novos hábitos.

Eles e as maravilhas

Eles consideram a Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade e o Cristo do Corcovado entre as Sete Maravilhas do Mundo Moderno — sem a mínima desconfiança de que poderia ser o contrário.

Das viagens

Conhecer o mundo não adianta nada: as viagens apenas complicam a ignorância.

Do sonho

Sonhar é acordar-se para dentro.

Do caderno de um peripatético

Se eu fosse acreditar mesmo em tudo o que penso, ficaria louco.

* * *

O melhor é pensar apenas imagens: uma sala sem ninguém, por exemplo, com gaiolas de passarinhos vazias...

* * *

Melhor sair para a rua... Ou entrar para a rua? Mas se a rua não fosse uma espécie sui generis de lar, por que se diz então “a porta da rua” e não “a porta da casa”?

* * *

Andando, ouve-se uma frase aqui, outra ali adiante. A questão é ter paciência, uma paciência meio atenta e meio distraída, como se fosse numa pescaria. E como a rua que vou descendo se chama casualmente Rua da Praia, aqui te dou de presente este lambari que acabo de fisgar de passagem:

Mamãe, motociclo corre mais do que bicicleta?

Não ouvi resposta nenhuma da bela dama que levava o menininho pela mão: as mães nem sempre adivinham tudo.

* * *

Adoro esses manequins de todas as cores. Aliás, são um plágio: muito antes de os fabricarem, eu já havia sonhado a maravilha de ver mulheres verdes, cor de laranja, azuis (como deveriam ser chatas as de tonalidade azul-celeste!), mulheres cor de vinho, de uva, de estrela... Toda essa variedade, meu pobre leitor, havia de acabar com a

monotonia de teres de escolher apenas entre uma mulher branca, uma amarela e a Rainha de Sabá.

* * *

E a bugra? Já estou ouvindo as reclamações do escrivão Pero Vaz e do José de Alencar. Paciência! A bugrinha vai aqui em separado porque não cabia no ritmo da frase anterior.

* * *

O ritmo é mais persuasivo do que qualquer ideia. Se assim não fosse, para que serviriam os poetas?

Madrigal

As velhinhas bonitas são passas de uva.

O disfarce

Cansado da sua beleza angélica, o Anjo vivia ensaiando caretas diante do espelho, Até que conseguiu a obra-prima do horror. Veio, assim, dar uma volta pela Terra. E Lili, a primeira meninazinha que o avistou, põe-se a gritar da porta para dentro de casa: “Mamãe! Mamãe! Vem ver como o Frankenstein está bonito hoje!”

Das boas maneiras

Ah, nunca vi ninguém esconder-se tanto, como os bichinhos-de-conta, quando os roubávamos, de baixo dos vasos, à terra cheirosa e úmida: eles enrolavam-se e rolavam, nas palmas de nossas mãos — limpinhos; isentos, ilesos — até que a gente os depusesse, novamente, no chão, com um meticoloso carinho.

A bomba

A bomba abriu um belo buraco no teto, por onde o céu azul sorri para os sobreviventes.

Manhã de abril

Toda cheia de bandeirolas e lanternas chinesas, Dona Briolanja atravessa o grupo amorfo dos transeuntes; parado na esquina, eu lhe ofereço a metade de uma laranja.

Bebida

Quem bebe por desgosto é um cretino: só se deve beber por gosto.

Mistério

Por que será que “com certeza” tem o sentido de “talvez”? E por que chamam de duvidosas as mulheres de que todo o mundo tem certeza?

Língua e expressão

Da vez primeira que encontrei Berta Singerman, notei que ela costumava pedir desculpa em francês. Bem sabia eu que não podia ser esnobismo da sua parte, que ela não é dessas, não. A explicação, mesmo, do *pardon* de Berta, é que o francês é a língua ideal para pedir desculpas e coisas afins, da mesma forma que o italiano é o ideal para a descompostura.

Meu Deus, como nos desrecalcamos nos filmes italianos ao ouvir a Sophia ou La Magnani soltarem, com sua larga boca, as sonoras sílabas dos destampatórios!

Por outro lado, confessou-me um conterrâneo meu que perdera a fé ao ouvir o Sermão da Montanha em espanhol... Apresso-me a explicar que o trágico acidente religioso de meu amigo provém simplesmente de que, em nossa infância, lá para as bandas da Fronteira, os mascates eram todos castelhanos e em castelhano nos procuravam impingir suas mercadorias, com toda a sua lábia e farofa. E vai daí o belo idioma de Cervantes e S. Juan de la Cruz ter ficado para nós, fronteiristas, injustamente passível de suspeita...

Acho até que o espanhol é melhor que o português na poesia lírica, especialmente na redondilha, comum a ambas as línguas: basta folhearmos ao acaso Lope de Vega e Garcia Lorca, distantes quatro séculos um do outro, mas contemporâneos na relativa eternidade poética.

Ora, quem diz poesia lírica diz epistolário romântico. Tanto assim que houve tempo em que eu escrevia cartas quase diárias em espanhol para a irmã de Gabriela. Verdade que se tratava de uma espécie de máscara: eu dizia-lhe em espanhol tudo aquilo que não me arriscava a dizer-lhe em português. E até hoje, quarenta anos depois, tenho uma bruta vergonha dessa pobre moça, por causa de um erro de espanhol. Queria eu parafrasear Teresa de Jesus, baixando do plano do amor divino para o humano um seu famoso verso. *No tienes que me dar por que te quiera* — dissera a Santa. *Muy tienes que me dar por que te quiera*

— disse eu. Ora, o que ali cabia era *mucho* (e não *muy*) mas não cabia na métrica.

Aliás, é a única mágoa que me resta daquela história. Sim, podem dizer o que quiserem do Tempo, menos que não seja como uma brisa que resserena tudo, antes de vir a noite.

Comodidade

A falta de imaginação, a mesmice, é uma coisa tão cômoda, afinal... Como faz bem certificarmo-nos mais uma vez de que o cachorrinho de cada velhota sempre se chama Joli e que em toda cidadezinha desconhecida em que desembarcamos há sempre um Grande Hotel.

Incomodidade

Nunca me senti bem nas salas de estar, Salas de estar... Mas de estar o quê?

Heróis

As biografias dos grandes homens são feitas de absurdos, estão cheias de acontecimentos incômodos, que atravancam tudo. A vida deles lhes acontece de fora para dentro. Muito mais interior, mais natural, mais humana é a tua vidoca, anônimo leitor, que és o herói sem história do quotidiano. Se pudesses, se soubesses contar-me a tua vida, eu tiraria dela muito mais proveito do que da vida de Napoleão.

A esperança

Não, o provérbio não está bem certo. O raio é que enquanto há esperança, há vida. Jamais foi encontrado no bolso de um suicida um bilhete de loteria que estivesse para correr no dia seguinte.

Dos chatos

O maior chato é o chato perguntativo. Prefiro o chato discursivo ou narrativo, que se pode ouvir pensando noutra coisa... Me lembro que fiz um soneto inteiro — bem certinho, bem clássico e tudo — durante o assalto ao Quartel do Sétimo, isto é, quando um veterano de 30 me contava mais uma vez a sua participação nas glórias e perigos daquela investida.

As velhotas que nos contam seus achaques também são de grande inspiração poética.

Mas que fazer contra a amabilidade agressiva do chato solícito? Aquele que insiste em pagar nossa passagem, nosso cafezinho, ou quer levar-nos à força para um drinque, ou faz questão fechada de nos emprestar um livro que não temos a mínima vontade de abrir.

Ah! ia-me esquecendo dos proselitistas de todas as religiões. Os proselitistas amadores; que são os piores. Quanto aos sacerdotes que conheço, registre-se em seu louvor que eles sempre me falam de outras coisas. Ou me julgam um caso perdido ou um caso garantido. Bem, qualquer que seja o caso, deixam-me em paz.

O que pode acontecer de mais chato no mundo é o chato que se chateia a si mesmo, o autochato.

Para essa extrema contingência, descobri em tempo que a última solução não é o suicídio. É escrever, desabafar para cima do leitor, o qual, se me leu até aqui, a culpa é toda dele.

Há gente para tudo.

Cartazes

Os ônibus anunciam dentifrícios, depilatórios, tônicos, etc.

As lojas anunciam liquidações.

Os muros anunciam candidatos.

Os letreiros luminosos anunciam refrigerantes, pneus, o diabo...

E quando, enfim, numa última tentativa de fuga, a gente ergue os olhos para o céu sereno, os Céus anunciam a Glória do Senhor.

Crianças?

A vantagem das japonesas é que, quando se tornam mães, continuam a brincar com bonecas.

O vento

O vento é um inveterado leitor de tabuletas. E, com toda aquela sua pressa, é exatamente o contrário do leitor apressado: não salta uma só que seja, não perde nenhuma delas, lê e passa — que o seu destino é passar —, mas guarda uma lembrança vertiginosa de todas, principalmente das verdes, das vermelhas, das de azul mais forte, sem esquecer, ó Van Gogh, as tabuletas amarelas...

Sabes? Passa no vento a alma dos pintores mortos, procurando captar, levar (para onde?) as cores deste mundo.

Que este mundo pode ser que não preste, mas é tão bom de ver!

Coisas

Uma rãzinha verde no gris da manhã...

Um sorriso na face de um ceguinho...

Uma nota aguda como uma pergunta de criança...

Um cheiro agradecido de terra molhada...

Um olhar que nos enche subitamente de azul...

No princípio

No princípio, era a Poesia. No cérebro do homem só havia imagens... Depois, vieram os pensamentos... E, por fim, a Filosofia, que é, em última análise, a triste arte de ficar do lado de fora das coisas.

A dupla interrogação

Meu Deus, por que será que nos sentimos tão culposos diante desse olhar interrogativo que nos lançam, às vezes, os cães? Mas culposos de quê?

Conversa de hoje

— Não te lembras dos bons velhos tempos em que a gente lia os cardápios da esquerda para a direita? Agora, somos todos árabes, uns verdadeiros árabes, minha filha!

Circo

A verdade é que os bichos, quando imitam pessoas, perdem toda a dignidade.

Fatalidade

O mais triste, naqueles filmes de antigamente, era que o mocinho escapava de tudo, menos do happy end...

A triste beleza

Esse verso de pé quebrado que atravessa a página de um lado a outro, como um pobre cachorro estropiado...

Vivência

O bom das filas é nos convencerem de que afinal esta pobre vida não é tão curta como dizem.

Vidinha

O mais triste de um passarinho engaiolado é que ele se sente bem...

Ainda e sempre

O maior desmemoriado que existe é o crente. Ele jamais se cansa de ouvir a mesma história. E sempre esquece os mesmos mandamentos.

Da simplicidade

O verdadeiro epicurista embriaga-se com um copo d'água. O verdadeiro poeta faz poesia com as coisas mais simples e corriqueiras deste e dos outros mundos.

A arte de ler

O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.

Geografia

O mais sugestivo é que esses países afro-asiáticos sempre nos parecem afrodisíacos.

Última flor do lácio

Ah! os versos das línguas — pouco lidas como a nossa — pouco lidas por nós mesmos e desconhecidas pelo resto do mundo... Sua incomunicabilidade os torna de uma beleza única e irreparável. Quando descubro um belo verso nosso, sempre me dá vontade de chorar, porque é escrito em português.

Ponte do riacho

Era uma vez um pintor aqui de Porto Alegre. Costumava pintar eternamente a Ponte do Riacho. Ora, um dia, após cinco minutos de ausência, entrou de novo no atelier para dar uns retoques na sua última tela, que era, ainda e sempre, a Ponte do Riacho. Olhou-a e foi recuando, recuando, para verificar os efeitos, como costumam fazer os artistas. Foi recuando, recuando, dizia eu, até que sentou inadvertidamente na cadeira onde deixara pousada a sua paleta de tintas. Quando se ergueu, trazia impresso, no traseiro, o seu mais belo quadro da Ponte do Riacho... Moral da história: “Quem persevera, sempre alcança!”

Botânica

Os girassóis parecem flores de retórica.

Exame de inconsciência

Há noites em que não posso dormir de remorsos por tudo o que deixei de cometer.

Estival

Fazia tanto calor que as sombras se ocultavam debaixo da barriga dos cavalos e da copa das árvores.

Hermetismos

Leitor ideal, mesmo, é o que, quanto menos entende, mais admira. Se não fora essa claque providencial, o que seria dos autores herméticos? Não seria... Não porque sejam uns farsantes, uns e outros. Eles são assim. Já nasceram assim. Uns para os outros.

Frase para álbum

Há gente que tem raiva dos clássicos, por terem sido obrigados a conhecê-los. Eu tenho pena deles, porque não nos conhecem.

Outra frase para álbum

Eva era mulher para principiantes?

Verso avulso

Eu não sou eu, sou o momento: passo.

Estatística

De cada dois gambás que a gente encontra, um é porque não tem mulher e o outro porque tem.

Surpresa

O mais desconcertante da morte é quando a gente descobre que alma não tem sexo.

Exclusividade

O azul-celeste só fica bem no céu, e o cor-de-rosa na rosa.

Expressões

A expressão mais idiota que existe é “adeusinho”.

Diplomacia

Ter a idade da pessoa com quem se fala.

Herói

Camarada impulsivo que morre cedo.

Proletário

Sujeito explorado financeiramente pelos patrões e literariamente pelos poetas engajados.

Coisas & pessoas

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal sempre gritava: “Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!” Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no excitação da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado e olhei atônito para um tipo de chiru, ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

— Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

E eis que, por um milésimo de segundo, ou talvez mais, julguei que se tratasse do sereno noturno em pessoa. Coisas do sono? Além disso, o vulto aquele, penumbroso e todo em linhas descendentes, ajudava a ilusão. Mas por que desculpar-me? Quase imediatamente compreendi que o “sereno” era um vigia noturno, uma espécie de anjo da guarda crioulo e municipal.

Por que desculpar-me, se os poetas criaram os deuses e semideuses

para personificar as coisas, visíveis e invisíveis... E o sereno da Fronteira deve andar mesmo de chapéu desabado, bigode, pala e de pé no chão... sim, ele estava mesmo de pés descalços, decerto para não nos perturbar o sono mais ou menos inocente.

Memória

O mais triste que existe na memória são essas marchinhas dos carnavais distantes...

O visitante noturno

Pousou agora mesmo — precisamente sobre a velha caneta que eu havia erguido um momento à cata de um adjetivo — um insetozinho verde que tem a forma exata de um escudo.

Veio da noite, atraído pela luz da minha janela. Sua gentil visita me compensa não sei de quê.

Fico a examiná-lo em silêncio: nada posso nem sei dizer-lhe.

E assim nos quedamos por um breve instante, frementes, incomunicáveis e juntos... Dois universos dentro do mesmo mundo.

Frase para álbum

Preocupar-se com a salvação da própria alma é indigno de um verdadeiro gentleman.

Os gêmeos

Os chinelos são um par de gêmeos obedientes, sempre juntinhos ao pé da cama, pacientemente à espera do papai, que às vezes custa tanto a chegar.

O guarda-chuva

Mas o mais infiel dos animais domésticos é o guarda-chuva.

Conto azul

Teus olhos são duas joias! — disse o Conde Drácula para a meninazinha.

Eram mesmo duas joias: de um azul-inocência, até parecia que o céu estava olhando neles para a gente... O Conde suspirou e despediu-se da linda menina com uma palmadinha amigável.

— Pois como seria possível — desculpava-se ele naquela mesma noite com o seu amigo Frankenstein —, como seria possível, com dois olhinhos só, fazer um par de abotoaduras?!

O Menino Jesus e outros meninos

De uma entrevista:

— Se a infância ajudou o poeta? Sim, o menino faz parte do adulto. Já a misteriosa sabedoria do povo, por exemplo, nunca achou nenhum absurdo na devoção simultânea a Jesus Cristo e ao Menino Jesus. Deve ser por isso mesmo que escrevi, num poema de 1945: “Jesus Cristo encontrou o Menino Jesus.” E, vinte anos mais tarde, me aconteceu este verso: “Vem Jesus Cristo com o Menino Jesus ao colo.” Impossível maior coexistência. E nesse extraordinário poema autobiográfico que é o *8 1/2* de Fellini, o menino e o adulto confundem-se. Porque, no fim de contas, a cronologia deve ser um truque do calendário para efeitos de computação histórica. Temos todas as nossas idades ao mesmo tempo.

O tempo

O tempo é um ponto de vista dos relógios.

Três coisas

Todas as antigas civilizações — por mais isoladas umas das outras, no tempo e no espaço — sempre começaram descobrindo três coisas: a poesia, a bebida e a religião.

O sobrevivente

— Meu Deus — disse uma vez o meu velho e querido amigo, ao ler os convites de enterro no jornal —, eu não conheço mais nem os defuntos!

Vamos avoar?

Andávamos por um caminho ao longo de um capinzal, que o vento da manhã ondulava a perder de vista. Íamos a favor do vento que nos levava para a frente, sempre e sempre para a frente.

— Vamos avoar naquela água? — propôs Lili.

— Como?! Repete isso.

Não repetiu. Essas coisas não se repetem. A verdade é que fiquei atônito e agradecido. Era que, naquele tempo, Lili tinha cinco anos e, em matéria de cultura poética, apenas conhecia, ao que eu soubesse, certo hino que cantavam no Jardim da Infância e onde apareciam, creio que em estribilho, as harmoniosas mas inesperadas sílabas do nome do Dr. Celeste Gobato.

Ora, apenas com essa mostra da poesia antiga e desconhecendo completamente a moderna, Lili acabava de demonstrar, com a insuspeita inocência de seu exemplo, o quanto a nova poética é por si natural.

Como uma pequenina Mademoiselle Jourdam de saia florida e franjinha esvoaçante, estava fazendo poesia sem querer. E poesia moderna, dessa que gente grande teimava em não aceitar, devido às limitações da lógica adulta.

Havia ali uma interpenetração de imagens — não sucessivas, não ligadas por “assim como” — e sem menção prévia do objeto que as fizera brotar. Puro Mallarmé, mas espontâneo, sem as suas custosas elaborações.

Um poeta lógico (!) começaria assim:

“Ondula o verde canavial ao vento”

(“capinzal” ele não diria, não, por mal agradecidos escrúpulos cavaleares.)

“Ondula o verde canavial ao vento.

Tal como, ao vento, ondula, verde, o mar.”

E assim por diante. Tudo bem claro, ritmado, lógico.

Mas onde a magia daquele teu poeminho de um só verso, Lili?

Vamos baixar?

Os álbuns gostam do que as suas donas chamam de pensamentos. O que, no seu doce entender, se caracteriza por um “pensamento bonito” expresso por “palavras bonitas”. Não digo que fosse uma beleza, mas que era uma boniteza, era. Aqui vai um exemplo:

“A montanha tem a névoa, o lago tem o cisne, a alma tem o amor.”

E, antes que pufes de rir na minha cara, leitor, vou logo prevenindo que este “pensamento” é de Victor Hugo. Que queres? Pensas que só nós, os da planície, fazemos coisas dessas? Os himalaia também têm seus altos e baixos.

Principalmente baixos... Para triste consolo nosso e puro êxtase dos álbuns.

“Claro enigma”

Os poetas são os únicos que não podem falar contra os absurdos da religião. Mesmo aqueles que se julgam materialistas devem estar ingenuamente iludidos: a poesia é um sintoma do sobrenatural.

Costura

Modesta contribuição para o arquivo e estudo de nosso populário. Pertence a esse grupo que poderíamos chamar “genesíaco”, referente à criação dos seres e do mundo. Colhi-a, quando menino, ao escutar a conversa da peonada no galpão da estância. O peão que a contou era italiano, e, ao contrário dos patrícios seus, que fazem chão na região serrana, fora dar com os costados na Fronteira, onde se tornou gaúcho às deveras. Questão a verificar se ele teria trazido da Itália a sua história. Em todo caso, o material da mesma é legitimamente nosso. Aqui vai:

Quando Deus foi fazer a gente, pegou dois pares de lonca de couro e em cada uma delas recortou, a facão, o lado de um corpo humano. Entregou-as depois ao Diabo, juntamente com um tento, para que as costurasse duas a duas.

Porém o Diabo, em vez de cortar o tento bem pelo meio, deixou uma parte mais comprida do que a outra.

De maneira que no fim, depois de tudo costurado, aconteceu que numa das criaturas ficou sobrando tento... e foi assim que se fez o homem.

Quanto à outra criatura, a pobre, ficou com falta de tento... e foi assim que se fez a mulher.

E é por causa disto que tudo que é homem tem que se juntar com mulher: para terminar a costura malfeita.

O terrível instante

Antes de escrever, eu olho, assustado, para a página branca de susto.

Modus vivendi

Deus nos promete a vida eterna, mesmo porque, se não fôssemos nós, o que seria dele? Um Deus dos hipopótamos, das aranhas, das lagartixas?

Mistérios da língua portuguesa

O mais difícil, quando se escreve em prosa, é evitar as rimas e, quando se escreve em verso, achar uma rima.

Do bem e do mal

No fundo, não há bons nem maus. Há apenas os que sentem prazer em fazer o bem e os que sentem prazer em fazer o mal. Tudo é volúpia...

Passeio pela mata

Ouçó, num primitivo espanto, os gritos mais insólitos. Não sei o nome de nenhum desses pássaros, de nenhuma dessas árvores. Olho, agora, esta flor: apenas sei que é amarela. Meu pensamento, ou seja lá o que for, é simplesmente composto de adjetivos, como nos primeiros dias da Criação.

As almas e as coisas

Nós seremos almas quando nos despojarmos de tudo, dizem...

Mas que seremos nós sem os nossos pertences, os nossos achaques, todos os nossos inclusives?

Nós somos o que temos e o que sofremos.

E a coisa mais melancólica deste e do outro mundo é um cachorro sem pulgas.

O gato

Quando estávamos certa vez a uma das mesas da “Bela Gaúcha”, chegou, em busca do velho grupo de amigos, o nosso sempre bem-vindo P.C.L. Chegou, acenou, sorriu meio torto, sentou: tudo como sempre. Só o que tinha de grave o último verbo é que ele sentou em cima do chapéu de um freguês vizinho, deixado sobre a cadeira vaga à nossa mesa. Paulo apressou-se a esclarecer-lhe:

— Desculpe, pensei que fosse um gato.

Claro que o dono do chapéu amarrotado até hoje não voltou a si do espanto.

Mas tenho para mim que Paulo apenas nos deu, sem querer, mais um exemplo vivo de poesia ou de arte poética, desprezando as explicações didáticas (para ele desnecessárias) e só conservando o essencial, o dramático.

Com efeito, explicar que um gato teria logo escapado do seu leito de emergência ante o simples movimento de uma criatura humana a querer sentar-lhe no lombo... isto seria longo e enfadonho.

Ora, se a poesia tem feito algum progresso foi esse de evitar as explanações lógicas, o estilo expositivo, características da prosa. Nada de frases e palavras de ligação. O “assim como”, o “destarte” e quejandos parece que repousam para sempre, precisamente no Museu dos Quejandos.

Palpite

De há muito venho desconfiando que a justaposição de imagens usada por Guillaume Apollinaire deveria provir, sendo ele polaco, de seu pouco traquejo da construção francesa e consequente dificuldade no emprego de certas partículas, locuções e demais parafusos e rebites que constituem a armação da prosa. Com o que, acabou renovando e rejuvenescendo a linguagem da poesia.

Futurâmica

E haverá uma época em que se fabricarão bombas atômicas especializadas, especializadíssimas, meu caro senhor, e tão sutis que no princípio não se notará coisa nenhuma... até que um dia alguém descobrirá que se acabaram, por exemplo, todos os tenores de banheiro, todas as imitadoras de Berta Singerman, todos os poetas comemorativos, todas as oleografias do marechal Deodoro proclamando a República!

A chuva

O bom da chuva é que parece que não tem fim... Nenhuma das outras coisas me dá essa resignada, tranquilizadora sensação de fatalidade.

Círculos concêntricos

Quem se aventura a fazer um poema é como se atirasse uma pedra n'água. Tudo depende da formação dos círculos concêntricos.

Salvo se o leitor for como o Lago Asphaltite, também chamado Mar Morto. Com este não há jeito nenhum.

Cena

Com o narizinho achatado contra a vidraça, a meninazinha olha a chuva que cai.

Olha agora o vagabundo que vai passando sob a chuva. E como se olhasse um estranho peixe num aquário.

E ele lhe sorri sem dente nenhum.

Que bonito! Os sorrisos mais sinceros são os sorrisos desdentados.

Palavra escrita

Por vezes, quando estou escrevendo estes cadernos, tenho um medo idiota de que saiam póstumos. Mas haverá coisa escrita que não seja póstuma? Tudo que sai impresso é epitáfio...

Bicho & gente

Existe um mundo para cada espécie de bicho. Mas, para cada bicho da espécie humana, existe um mundo diferente.

Verbete

Nós — o pronome do rebanho.

Poesia brasileira

Casimiro de Abreu chorava tanto
que não cabia em si de descontente.
Suas lágrimas
escorrem até agora pelas vidraças
pelas calçadas
pelas sarjetas
e só vão deter-se ante o coreto da praça pública,
onde,
sob os mais inconfessáveis disfarces,
Castro Alves ainda discursa!

Criação & invenção

Só a Deus é possível criar as coisas: o Diabo as inventa.

A mais diabólica das suas invenções foi o rádio portátil.

Preto & branco

Já repararam? O mundo é colorido e a vida em preto e branco. E o branco e o preto não existem no arco-íris... Daí, a impressão de falsidade que nos dá a vida em tecnicolor dessas pobres princesas, estrelas, playboys, etc.

Que Sir Laurence Olivier me perdoe, mas eu é que não lhe perdoo os Shakespeares de aquarela com que ele agua e embonitece as suas aliás admiráveis interpretações. Pobre Hamlet, a passeares o teu ser-ou-não-ser num irisado palco de revista musical!

Mas o caso é que o homem vê tudo em preto e branco — abstratamente — tal como lê o pensamento em preto e branco no papel.

E é assim que Greta Garbo, outra grande, outra minha, nunca fez, graças a Deus ou a seu diretor, um filme colorido... Por isso a sua Dama das Camélias é de morte...

Mas as comédias? — me perguntarás.

Em comédia, sim, o caso é outro. As cores vivas, principalmente o vermelho, não sei por que, me fazem rir. Pelo menos a mim. Tenho até de fazer uma bruta força para não estourar de riso quando topo com uma dama excessivamente pintada. Que remédio! É uma coisa instantânea, reflexa, como se diz... Talvez inconsciente recordação dos palhaços da minha infância.

Ah! os circos da minha infância, os meus palhaços... a moça do arame...

A moça do arame, meu Deus!

Mas isto já é outro assunto.

Exumações e citações

De uma antologia de poetas e filósofos chineses organizada por Lin Yutang, transcrevo estas palavras de Cheng Panchiao, no prefácio de suas obras escolhidas, depois de destruir o que considerava sem valor permanente: “Estes são os poemas e escritos que desejo preservar. Se alguém lhes fizer acréscimos, virei como fantasma e quebrar-lhe-ei a cabeça.”

Impossível deixar de sorrir ao pensar como estaria agora a cabeça do sr. Magalhães Junior, se fosse o velho Machado o autor dessa ameaça. Mas isso não é nada: as exumações machadianas de Magalhães Junior são honestas, é claro. O pior é esta epígrafe que o velho Machado não apôs ao seu *Dom Casmurro* e que se acha numa edição que anda por aí: “A mulher é um doce e terno mistério que todo o mundo adora sem conhecer. — S. Dubray.” Graças a Deus não sei quem é esse Dubray, mas fazerem o Velho Mestre referendar essa chulice é uma sacrílega falta de respeito.

Paremos por aqui, pobre leitor. E, para acalmar nossas palpitações, vamos ler, ao acaso dos dedos, algumas frases desta antologia.

“Grande homem é o que não perde o coração de criança.” — Mêncio (372-275 a.C.)

“Somente quem não encara as coisas materiais como coisas materiais pode ser senhor das coisas.” — Chang Tse (335-275 a.C.)

E, para edificação de todos, termino com as palavras de Shen Chenlin, o qual já viveu na era atual, tendo falecido apenas em 1779:

“O que os poetas escrevem agrada ao espírito, embeleza a cútis e prolonga a existência.”

Eis aí um cartaz que deveriam afixar em todas as Feiras do Livro.

Do conhecimento

Tudo já está nas enciclopédias e todas dizem as mesmas coisas. Nenhuma delas nos pode dar uma visão inédita do mundo. Por isso é que leio os poetas. Só com os poetas se pode aprender algo novo.

Uma vaca

Sim, uma vaca — uma abençoada vaca — muge... O seu mugido é um rio de veludo morno.

Do pensamento

Eu penso em ti. Sabias que isso é uma coisa maravilhosa? A primeira criatura que pensou numa outra criatura ausente, como deve ter-se espantado! Não sabia que se tratava do seu primeiro pensamento humano.

Mundos

A única coisa que nos diferencia de peixes num aquário é que temos consciência dos limites de nosso mundo...

Nada sobrou

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada.

O mundo

A coisa começou desde os dias já remotos da invenção do telégrafo. Depois foi o TSF, o rádio, a TV, etc. E o Tempo, atônito, engulindo o Espaço. E esse vasto mundo diminuindo, diminuindo, diminuindo... até se vir esconder covardemente dentro do nosso quarto.

As viagens

O mais confortador das viagens são esses burrinhos pensativos que vemos à beira da estrada e nos poupam assim o trabalho de pensar.

A opinião

Quando dê opinião, nunca deixes de escrever a data...

O poema

Mas por que datar um poema? Os poetas que põem datas nos seus poemas me lembram essas galinhas que carimbam os ovos.

Monólogo

Díálogo femenino.

Cão

O Amigo do Homem, dizem... Tanto que, para contentar a seu amo, chega a perseguir os outros animais. Em suma: um puxa-saco. Não o confundir com cachorro.

Cachorro

Cria da casa, bom confidente e complemento das crianças.

Vira-lata

O último boêmio.

Poeta lírico

Espécie de passarinho estrangulado em público pelas declamadoras.

Pergunta errada

Se eu acredito em Deus? Mas que valor poderia ter minha resposta, afirmativa ou não? O que importa é saber se Deus acredita em mim.

Pudor

Se a tua vida não puder ser uma tragédia grega — por amor de Deus! — não a faças um tango argentino...

Cântaro

Na linguagem corrente não se encontra a palavra “cântaro”. Mas é uma palavra que jamais poderá sair dos poemas. Há palavras assim. São como esses nobres animais heráldicos, que só existem nos brasões.

Homo batucandis

“Aterroriza-me o silêncio eterno desses espaços infinitos...” — escreveu Pascal. Será por isso que fazemos tanto barulho?

Preces

Rezar é uma falta de fé: Nosso Senhor bem sabe o que está fazendo...

O homem e o seu cão

Todo esse apego do homem ao cachorro é porque o cachorro considera o seu dono o primeiro homem do mundo...

História azul

Era tão burro que estava sempre com a cara atrasada cinco minutos. Mas os outros, que a traziam na hora, via-se logo que se achavam diante do pelotão de fuzilamento. E, quando o capitão gritou: — Fogo! — só ele não tombou — porque não estava atualizado.

Medieval

As barbas do Doutor Fausto estão longas e brancas como as do
Padre Eterno. A mão repousa sobre a esfera armilar. Mas a sua fronte
sulca-se de inextrincáveis hieróglifos,

enquanto, em vão,
no fundo da retorta
soluça a solução!

Tia Tula

Tuas histórias, Tia Tula, se extraviavam pelos atalhos da memória, onde ias procurar, de olhos fechados, as minúcias perdidas:

— qual era mesmo a cor daquele xale

— se foi numa sexta-feira que o major caiu da cadeira, morto como uma pedra

— se o gato malhado ficou preso no sótão ou lá embaixo, no porão, miando na casa fechada.

E, enquanto isso, a tua cadeira de balanço rangia, galopando suavemente no Tempo, até que um de nós adormecia.

E o gato — liberto enfim! — punha-se novamente a farejar, desconfiado, a imobilidade suspeita do Major.

Maria Fumaça

As lentas, poeirentas, deliciosas viagens nos trens antigos. As famílias (viajavam famílias inteiras) levavam galinhas com farofa em cestas de vime, que ofereciam, pois não, aos viajantes solitários.

E os viajantes solitários (e os meninos) ainda desciam nas estaçõezinhas pobres... para os pastéis, os sonhos, as laranjas...

E ver as moças da localidade, que iam passear nas gares para ver os viajantes, uns e outros de olhos compridos — eles num sonho repentino de ficar, elas num sonho passageiro de partir.

Um apito, a fumarada, resolvia tudo.

Mas hoje nem há o que resolver. E é quase proibido sonhar. O mal dos aviões é que não se pode descer a toda hora para comprar laranjas.

Nesses aviões, vamos todos imóveis e empacotados como encomendas. Às vezes encomendas para a Eternidade...

Cruzes, poeta! Deixa-te de ideias funéreas e pensa nas aeromoças, arejadas e amáveis como anjos.

E “anjos”, aplicado a elas, não é exagero nenhum. Pois não nos atendem em pleno céu?

Porém, como já nos trazem tudo de bandeja, eis que essa mesma comodidade de creche em que nos sentimos tira-nos o saudável incômodo das iniciativas e dos improvisos.

Entre a monotonia irreparável das nuvens, nada vemos da viagem. Isto é, não viajamos: chegamos.

Pobres turistas de aeroportos, damos a vista ao mundo sem nada ver do mundo.

Cabides

O mau gosto e irremediável fealdade dos cabides deve ter sido uma das causas da vertiginosa e já histórica emigração dos chapéus para os anéis de Saturno.

Fatos consumados

... e se eles te apertarem muito sobre o que quiseste dizer com um poema, pergunta-lhes apenas o que Deus quis dizer com este nosso mundo.

Da conturbada beleza

O que mais me revolta nas matemáticas são as suas aplicações práticas.

Da relativa inspiração

Inspiração? Sim... Mas convém não esquecer que a poesia, como todo verdadeiro jogo, é uma luta da astúcia contra o acaso.

Aborrecimento

Esses alemães se metem de quando em quando numa guerra devido à incrível chatice de seus espetáculos de variedades.

Limitações

Disse um filósofo cigano: “Nós não podemos morder o cotovelo nem alcançar o horizonte.”

Libertação

A morte é um abrir de todas as porteiras; um desabalado tropel de cavalos.

Sonho de uma noite de verão

Nisto, o sapo engoliu uma estrela cadente, pensa ele... Era um vagalume.

Mas, da sua canção fosforescente, brota um sonoro carrilhão de estrelas!

A noite não pode mais de estrelas. Tudo estrala de estrelas. Ninguém, ninguém pode mais, a minha maluquinha predileta vai desmaiar.

Eu não: eu me fico a encarar, com os olhos parados, o meu enigma de palavras cruzadas.

Porém, alheio a tudo isto, indiferente aos meus, aos teus e aos seus próprios impasses, lá no fundo do charco verdoengo, espaçadamente — cada vez mais espaçadamente — o afogado solta borborismos.

De papagaios e de macacos

Os que gostam de papagaio e macacos não devem ter a mínima autocrítica.

A última

A última de Lili, que me apresso a anotar, para o meu Tratado de Liligrafia: — Não gosto de laranjas de umbigo porque são muito pretensiosas.

Negrinha

O preto velho João me fala comovido da sua netinha que morreu:
— Não era uma negrinha como as outras, era uma negrinha criada em apartamento, uma negrinha com cheiro de pasta de dente...

O espanador

O espanador é o mais belo dos animais domésticos: dá colorido e vida à rotina da casa.

Desigualdade

A morte não iguala ninguém: há caveiras que possuem todos os dentes.

No céu

No Céu é sempre domingo. E a gente não tem outra coisa a fazer senão ouvir os chatos. E lá ainda é pior do que aqui, pois se trata dos chatos, de todas as épocas do mundo.

Vida interior

Os romanos tinham pouca vida interior porque não usavam botões.

Assunto para pesadelo

Um macaco que falasse com voz de papagaio...

Relógio

O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família.

Aquele estranho animal

Os do Alegrete dizem que o causo se deu em Itaqui, os de Itaqui dizem que foi no Alegrete, outros juram que só poderia ter acontecido em Uruguaiana. Eu não afirmo nada: sou neutro.

Mas, pelo que me contaram, o primeiro automóvel que apareceu entre aquela brava indiada, eles o mataram a pau, pensando que fosse um bicho. A história foi assim como já lhes conto, metade pelo que ouvi dizer, metade pelo que inventei, e a outra metade pelo que sucedeu às deveras. Viram? É uma história tão extraordinária mesmo que até tem três metades... Bem, deixemos de filosofança e vamos ao que importa. A coisa foi assim, como eu tinha começado a lhes contar.

Ia um piazinho estrada fora no seu petiço — tropt, tropt, tropt — (este é o barulho do trote) — quando de repente ouviu — fufufupubum! fufufupubum chliipum!

E eis que a “coisa”, até então invisível, apontou por detrás de um capão, bufando que nem touro brigão, saltando que nem pipoca, se traqueando que nem velha coroca, chiando que nem chaleira derramada e largando fumo pelas ventas como a mula-sem-cabeça.

“Minha Nossa Senhora!”

O piazinho deu meia-volta e largou numa disparada louca rumo da cidade, com os olhos do tamanho de um pires e os dentes rilhando, mas bem cerrados para que o coração aos corcoveios não lhe saltasse pela boca.

É claro que o petiço ganhou luz do bicho, pois no tempo dos primeiros autos eles perdiam para qualquer matungo.

Chegado que foi, o piazinho contou a história como pôde, mal e mal e depressa, que o tempo era pouco e não dava para maiores explicações, pois já se ouvia o barulho do bicho que se aproximava.

Pois bem, minha gente: quando este apareceu na entrada da cidade, caiu aquele montão de povo em cima dele, os homens uns com porretes, outros com garruchas que nem tinham tido tempo para carregar de pólvora, outros com boleadeiras, mas todos de a pé,

porque também nem houvera tempo para montar, e as mulheres umas empunhando as suas vassouras, outras as suas pás de mexer marmelada, e os guris, de longe, se divertindo com os seus bодоques, cujos tiros iam acertar em cheio nas costas dos combatentes. E tudo abaixo de gritos e pragas que nem lhes posso repetir aqui.

Até que enfim houve uma pausa para respiração.

O povo se afastou, resfolegante, e abriu-se uma clareira, no meio da qual se viu o auto emborcado, amassado, quebrado, escangalhado, e não digo que morto, porque as rodas ainda giravam no ar, nos últimos transe de uma teimosa agonia. E quando as rodas pararam, as pobres, eis que o motorista, milagrosamente salvo, saiu penosamente engatinhando por debaixo dos escombros de seu ex-automóvel.

— A la pucha! — exclamou então um guasca, entre espantado e penalizado — o animal deu cria!

Ternura

Dona Maroca, à porta comigo, vendo o filhinho lá dela seguir para a escola:

— Ele é a cara do finado por trás.

Provocação

Essas horrendas coroas de biscuit que dizem: DESCANSA EM PAZ...
Como descansar em paz com um troço desses?!

Dicionários

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre — uma espécie de Brasileiro Básico — a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam a mesma estopada do princípio ao fim. Meu trato com eles é puramente desinteressado, um modo disperso de estar atento... E esse meu vício é, antes de tudo, inócuo para o leitor.

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Netto; grande infanticida, isto é o que ele foi.

Orgulhávamo-nos, como das nossas riquezas naturais, da opulência verbal de Ruy Barbosa. O seu fraco, ou o seu forte, eram os sinônimos. Recordo certa página em que ele esbanjou seus haveres com as pobres mulheres da vida, chamando-as de todos os nomes, menos um.

Preto no branco

A arte de escrever é, por essência, irreverente e tem sempre um quê de proibido: algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros.

Entomologia

A borboleta mais difícil de caçar é o adjetivo.

Madrigal recusado

Não sou mais que um poeta lírico,
Nada sei do vasto mundo...
Viva o amor que eu te dedico,
Viva Dom Pedro Segundo!

O antinarciso

Esse estranho que mora no espelho (e é tão mais velho do que eu)
olha-me de um jeito de quem procura adivinhar quem sou.

As figuras

Mas por que motivo os nossos barcos já não têm mais as belas figuras de proa, ou a proa em forma de figura, como os dos vikings?

E não seria também melhor que os nossos aviões encantassem os ares com as suas configurações de aves ou peixes ou maravilhosos animais de sonho? Hoje apenas irritam-nos com o seu rumor e as suas formas exatas.

Queremos um mundo estritamente funcional. Tudo muito lógico, sim, mas será humano? Conviria não esquecer que o adorno veio antes do vestuário.

Parque

Domingo. Disponibilidade. Em todas as testas há um letreiro: ALUGA-SE ESTA CASA.

* * *

Sentado no banco, olho, por entre meus sapatos, a sombra mosqueada de luz: essas moedinhas de sol, que nunca se depreciam...

* * *

Delícia de fechar os olhos, por um instante e assim ficar, sozinho, fabricando escuro... sabendo que existe a luz!

* * *

O oculto xixi das fontes dá uma curiosidade infantil e proibida de espiá-las.

* * *

Ao colo das babás ou nos carrinhos, bebês esperneantes e bracejantes, salivando vogais. O mais comovente é que eles ainda não sabem que são o Brasil de amanhã.

* * *

(O maior encanto dos bebês são as babás.)

* * *

Os velhinhos trêmulos, nos bancos, também mastigam saliva. São

os bebês da morte.

Cuidado!

A poesia não se entrega a quem a define.

Sapatos, etc.

Os sapatos, de preferência velhos e informes, com irregulares placas de barro ou apenas foscos, são muito mais belos que os sapatos lustradinhos, brilhantes que nem parkês. Qual o esteta que não sabe dessas coisas? Nem há de ser por outro motivo que os escultores jamais passam a ferro as calças das suas estátuas. Aqui em Porto Alegre só conheço uma delas, com caprichosos vincos de bronze — é o que logo se nota, porque não parece natural. Natural é a natureza. E a natureza é hippie. Onde já se viu uma árvore ridiculamente simétrica? E qual foi a Brasília que jamais teve esse incomparável imprevisto “ao Deus dará” de uma Itaoca? Bem, nunca falta um leitor para indagar que moralidade a tirar disso tudo... Nenhuma! Eu estava falando de beleza.

Da natureza cartesiana ou a recusa a Versalhes

O velho Roi Soleil que me perdoe... não vou lá, não: à simples vista dos seus amados jardins de Le Nôtre, me dá cada bocejo que ele nem queira saber!

Coexistência pacífica

Amai-vos uns aos outros é muito forte para nós: o mais que podemos fazer, dentro da imperfeição humana, é suportarmo-nos uns aos outros.

O princípio

Se antes era o Nada, como já poderia haver Alguém para tirar dele o mundo?

O tempo

O tempo é a insônia da eternidade.

Zero

Zero igual a zero: a única evidência. As outras sempre se prestam a discussões.

O outro mundo

Por favor, deixa o Outro Mundo em paz! O mistério está aqui.

Frase ouvida por descuido

O Onofre está tão bem de vida que passa a pão e laranja!

Bem que eu gostaria

Bem que eu gostaria de escrever contos. Mas isso de enredo me parece uma coisa para comadres... o que não deixa de ser uma contradição da minha parte, porque ainda penso que o conto deve ser para contar alguma coisa.

— Ora — dirás — e o conto de atmosfera?

— Sim, sim... Mas por que não ficarmos então na poesia?

Para mim, o que há de mais perfeito no gênero narrativo é obviamente o conto policial no estilo enxuto e sem imagens das imortais histórias de Sherlock Holmes. A imagem atrapalha, distrai, desvia... Me lembro de quando estava uma vez lendo uma história de Remy de Gourmont e lá pelas tantas falava ele de certa moça que tinha uma voz tão suave e tão do outro mundo que, se ela dizia “está chovendo”, parecia que estava chovendo anjos... Não continuei, não pude, nada mais poderia encantar-me tanto. Viva, pois, Somerset ou Merimée, que têm a coragem do despojamento e da pobreza voluntária.

Eu não. Remexendo nuns papéis velhos, encontrei uma história que começava assim:

“Era um dia de verão, um desses dias em que dá na gente uma vontade infinita de se pendurar num cabide e ali deixar-se ficar para sempre, como um velho casaco de ombros caídos, de braços pendidos, sem ninguém por dentro!”

Tudo isso porque não tive coragem de dizer simplesmente, para início de conversa:

“Era um insuportável dia de verão.”

Outra coisa que me impediu em tempo o cultivo do gênero é que meus personagens não sabiam revelar indiretamente seus pensamentos e sensações, como acontece na vida. Um deles certa vez saiu-me com esta:

“O toque do despertador é um acidente de trânsito do sono. Por isso passamos o dia inteiro confusos como acidentados... até que chega a

hora do aperitivo.”

Claro que uma conversa toda assim, durante páginas, deixaria o leitor em estado de choque.

Em compensação, encontrei também um feliz início, que o leitor bem poderá aproveitar um dia, se quiser escrever uma história maravilhosa:

“Era num desses países tão venturosos que todo o mundo só o conhecia por intermédio das Palavras Cruzadas...”

Mas por que será que as histórias maravilhosas sempre se passam num país distante?

Diferença

O comum dos homens só se interessa pela sua própria pessoa, mas o poeta só se interessa pelo seu próprio eu.

Estranho labor

O que prejudica a minha preguiça prejudica o meu trabalho.

Poesia & peito

Qual ioga, qual nada! A melhor ginástica respiratória que existe é a leitura, em voz alta, dos *Lusíadas*.

Vozes da natureza

Lili chamava o sapo de bicho-nenê. Ótima sugestão para os pais novatos: é só imaginarem que estão ouvindo, não o choro chinfrim do pimpolho, mas a velha, a primordial canção da saparia às estrelas. E não foi sempre tão gostosa, mesmo, essa manha sem fim dos sapos no banhado?

Ouçam, pois, ouçam todos, com o seu melhor ouvido, o nenê-bicho, que é apenas uma variante humana do bicho-nenê. Ouçam-no todos os que se têm por amantes da Natureza.

(Mas cá entre nós e entre parênteses: confesso que choro de criança me provoca o complexo de Herodes...)

Bebê

Coisinha deficiente, inconsciente, inerte, inválida, trabalhosa, querida.

Estilo

Deficiência que faz com que um autor só consiga escrever como pode.

Sinais dos tempos

Antes, se alguém começava a ouvir vozes, era adorado como um santo ou queimado como um bruxo. Agora, é simplesmente encaminhado ao psiquiatra.

Democracia

O que há de mais admirável nas democracias é a facilidade com que qualquer pessoa pode passar da crônica policial para a crônica social.

Cena muda

Quando fazemos tombar a cinza do cigarro sentimo-nos ainda no tempo do cinema silencioso.

Visões

Os fantasmas também sofrem de visões: somos nós...

Citação

De um autor inglês do saudoso século XIX: “O verdadeiro gentleman compra sempre três exemplares de cada livro: um para ler, outro para guardar na estante e o último para dar de presente.”

etc.

Apêndices

Sobre Mario Quintana

Nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, no ano de 1906. Veio ao mundo em família de raiz urbana e escolarizada. Seus avós, tanto o paterno quanto o materno, eram médicos. Seu pai era um dono de farmácia que lia em francês para os filhos ainda crianças.

Aos 13 anos, vai para Porto Alegre estudar no Colégio Militar como aluno interno. Entre idas e vindas, acaba não terminando o colegial, apesar de ser leitor voraz e frequentador da Biblioteca Pública. Quando sai do colégio, aos 17 anos, não tem diploma, mas já se inicia na vida literária porto-alegrense, mesmo quando volta a morar em Alegrete, no ano seguinte. Em 1926, um conto de sua autoria é o vencedor de concurso patrocinado por importante jornal da capital gaúcha na época (*Diário de Notícias*).

Falecidos mãe e pai, transfere-se definitivamente para Porto Alegre em 1929, onde passa a trabalhar como jornalista. No ano seguinte, aventura-se na política e vai até o Rio de Janeiro, seguindo Getúlio Vargas. Fica apenas seis meses na então capital federal. Voltará cinco anos depois, em temporada marcante para sua vida, quando travará conhecimento com os poetas que mais admira: Cecília Meireles e Manuel Bandeira, os outros dois grandes líricos modernos brasileiros.

Nos anos 30, Quintana estabiliza-se na vida profissional, como jornalista e como tradutor assalariado pela Editora Globo. Nesse período, desabrocha e viceja o poeta, que se apresenta finalmente ao mundo numa coletânea própria. Lança seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*, em 1940. O livro de poemas inaugura nova etapa em sua vida, ao mesmo tempo que coroa uma década de progressivo amadurecimento.

A década de 40 e a primeira metade dos anos 50 serão de grande atividade para Quintana. Dessa época são os livros de poesia *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951, com prefácio de Monteiro Lobato) e um volume de *Inéditos e esparsos*, publicado em 1953 na cidade de Alegrete. É ainda nesse período que começa a publicar o *Caderno H* (“textos escritos em cima da hora, na hora H”), primeiro na revista *Província de São Pedro*, e depois, a partir de 1953, no jornal *Correio do Povo*, onde permaneceu por décadas. As prosas curtas, as crônicas, as evocações e os poemas em prosa do *Caderno H* angariarão a Quintana seu primeiro e fiel público de leitores, que só fará crescer a partir daí. Entre as muitas traduções feitas por Quintana no período, destacam-se as de Marcel Proust, que marcaram época.

Depois de breve interregno, as décadas de 60 e 70 assinalarão a consagração nacional do poeta Quintana. Em 1962, reúne sua produção poética em *Poesias*. Em 1966, quando completa 60 anos, sai a *Antologia Poética*, organizada por Rubem

Braga e Paulo Mendes Campos para a prestigiosa Editora do Autor, livro vencedor do Prêmio Fernando Chinaglia (“melhor livro do ano”). As homenagens públicas se sucedem: saudação na Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira (1966), Cidadão Honorário de Porto Alegre (1967), placa de bronze em Alegrete (com a famosa inscrição: “Um engano em bronze é um engano eterno.”), medalha “Negrinho do pastoreio” do estado do Rio Grande do Sul e, ao completar 70 anos, em 1976, prêmio Pen Clube de poesia.

Os setenta e sete anos, em vez de assinalarem um começo de fim, apontam para um novo começo na trajetória de poeta e prosador de Mario Quintana. São desse momento dois de seus livros mais destacados: *A vaca e o hipogrifo*, de pequenas prosas, e *Apointamentos de história sobrenatural*, de pura poesia elegíaca em versos simples reveladores de grande maturidade criativa. Os lançamentos se sucederão, e novo momento de consagração ocorre em 1980, quando recebe o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Vale lembrar que ao longo de sua carreira Quintana também publicou alguns notáveis livros dirigidos ao público infantil.

Depois de sofrer um atropelamento, o poeta octogenário não deixará de produzir e galgará novas alturas em matéria de prêmios, homenagens, títulos universitários honorários. Em meio a tantas glórias, a maior é ver-se poeta popular, concretizando a fusão com a alma das gentes, meta maior de cronistas e líricos. Em 1985, é escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, o mais clássico dos eventos literários brasileiros. Nesse ano ainda, sai o *Diário poético*, agenda pessoal de grande venda, em que a cada dia consta um pequeno texto de sua autoria.

Falece em 1994, aos 88 anos de idade. Seus últimos e produtivos dez anos trouxeram antologias, novos livros de poemas, novas coletâneas de crônicas do *Caderno H*, livros infantis. Já nesse período, e de forma mais intensa postumamente, sua obra frutifica em adaptações, encenações, musicalizações. A palavra do poeta fertiliza.

Italo Moriconi

Fontes: CARVALHAL, Tania Franco. Cronologia, in *Mario Quintana – poesia completa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 2005. FISCHER, Luís Augusto. Viagem em linha reta, in *Mario Quintana/Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009.

Cronologia da obra

OBRAS PUBLICADAS

A rua dos cataventos (1940)

Canções (1946)

Sapato florido (1948)

O aprendiz de feiticeiro (1950)

Espelho mágico (1951)

Inéditos e esparsos (1953)

Caderno H (1973)

Apontamentos de história sobrenatural (1976)

A vaca e o hipogrifo (1977)

Esconderijos do tempo (1980)

Baú de espantos (1986)

Da preguiça como método de trabalho (1987)

Preparativos de viagem (1987)

Porta giratória (1988)

A cor do invisível (1989)

Velório sem defunto (1990)

Água: os últimos textos de Mario Quintana (2001, póstumo)

Obra reunida

Poesias (Porto Alegre, Globo, 1962)

Poesia completa (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005)

Infantojuvenil

O batalhão das letras (1948)

Pé de pilão (1975)

Lili inventa o mundo (1983)

Nariz de vidro (1984)

Sapo amarelo (1984)

Primavera cruza o rio (1985)

Sapato furado (1994)

Traduções no exterior

Objetos perdidos y otros poemas (Buenos Aires, 1979)

Mario Quintana: poemas (Lima, 1984)

[Em antologias]

Brazilian literature (Nova York, 1945)

Poesía brasileña contemporánea (Montevideu, 1947)

Antologia de la poesía brasileña (Madri, 1952)

Un secolo di poesia brasiliana (Siena, 1954)

Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine (Paris, 1954)

Nuestra America. Antología de la poesía brasileña: cuadernillos de poesía (Buenos Aires, 1959)

Antologia poética de la poesía brasileña (Barcelona, 1973)

Las voces solidarias (Buenos Aires, 1978)